



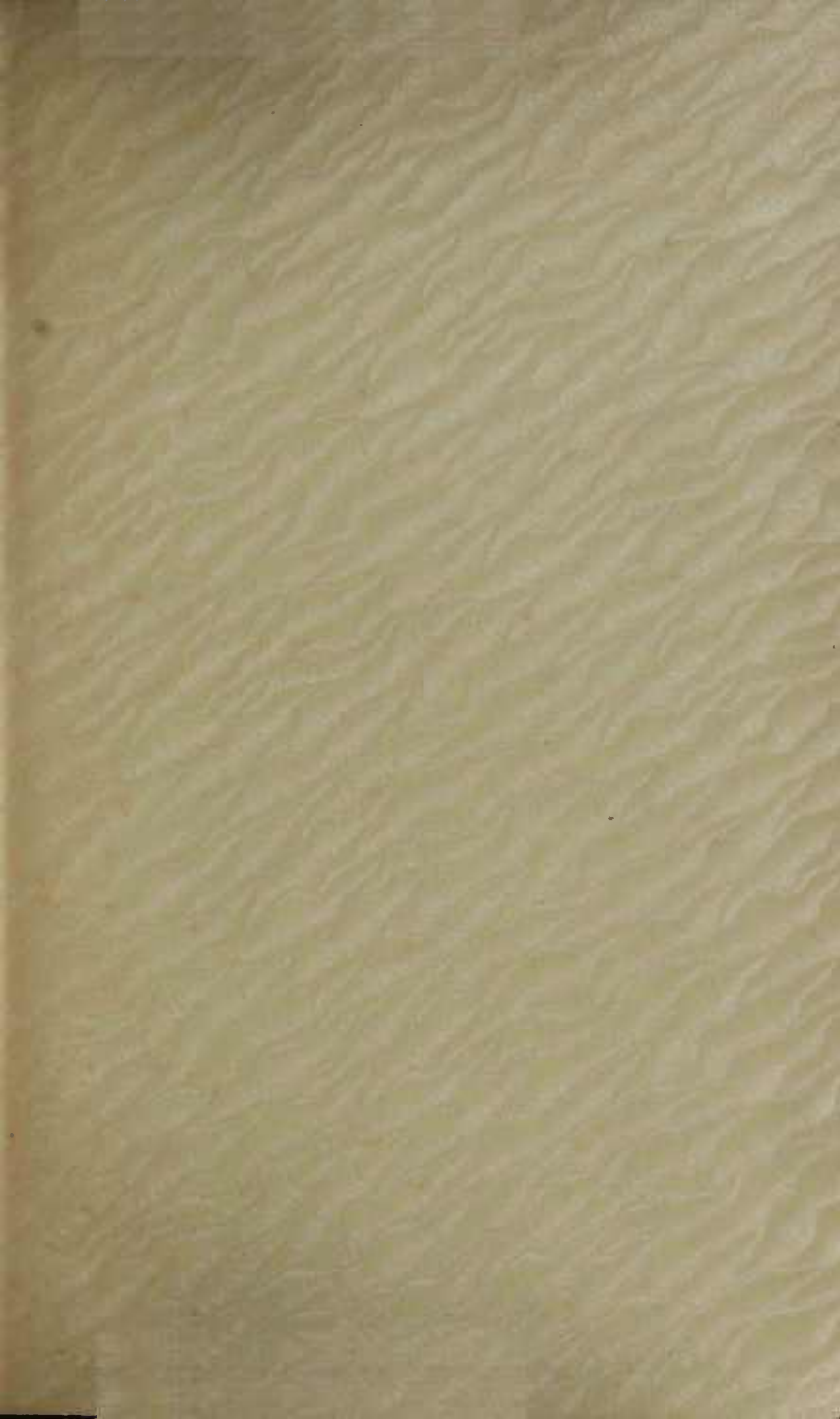
EX LIBRIS



RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

W.

Rosa





# OBRAS DE SENIO

Obras que se acham á venda na livraria de  
B. L. Garnier:

**Senio**

O GAUCHO, romance brasileiro, 2 v. in-8º br. 4\$, enc. . . . .	6\$000
PATA DA GAZELLA, romance brasileiro, 1 v. in-8º br. 2\$, encadernado . . . . .	3\$000
O TRONCO DO IPÊ, romance brasileiro, 2 v. in-8 hr. 4\$, encadernados . . . . .	6\$000

**J. de Alencar**

TIL, romance brasileiro, 4 v. br. 4\$, enc. . . . .	6\$000
IRACEMA, lenda do Ceará, 2ª edição, 2 v. br. 2\$, enc.	3\$000
VIUVINHA e os Cinco Minutos, 2ª edição, 1 v. br. 2\$, enc.	3\$000
O GUARANY, 2ª edição, 2 v. in-4º, encadernados.	10\$000
AS MINAS DE PRATA, romance historico, complemento do precedente, 6 v. in-8º br. 12\$, encadernados . . . . .	16\$000
O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª edição, 1 v.	1\$500
AS AZAS DE UM ANJO, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo, 2ª edição, 1 v. . . . .	2\$000
A MÃI, drama em 4 actos, 2ª edição, 1 v. . . . .	2\$000
VERSO E REVERSO, comedia em 2 actos, 2ª edição, 1 v.	1\$000

**G. M.**

DIVA, <i>perfil de mulher</i> , 2ª edição, 4 v. encadernados. . . . .	3\$000
LUCIOLA, <i>perfil de mulher</i> , 3ª edição, 1 v. encadernado.	3\$000

SENIO

---

# SONHOS D'OURO

ROMANCE BRAZILEIRO

~~~~~  
TOMO I  
~~~~~

**RIO DE JANEIRO**

B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO DO BRAZIL

69 RUA DO OUVIDOR 69

1872





## BENÇÃO PATERNA

*. . . posses non meus esse liber*

(Ovidio.)

Ainda romance!

Com alguma exclamação, nesse teor, has de ser naturalmente acolhido, pobre livrinho, desde já te previno.

Não faltará quem te accuse de filho de certa musa industrial, que nesse dizer tão novo, por ahí anda a fabricar romances e dramas aos feixes.

Musa industrial no Brazil!

Se já houve deidade mythologica, é sem duvida essa de que tive primeira noticia, lendo um artigo bibliographico.

Não consta que alguém já vivesse nesta abençoada terra do producto de obras litterarias. E nosso atrazo provém disso mesmo, e não daquillo que se vae desacreditando de antemão.

Quando as letras forem entre nós uma profissão, talentos que hoje apenas ahí buscam passatempo ao espirito, convergirão para tão nobre esphera suas poderosas faculdades.

É nesse tempo que hão de apparecer os verdadeiros intuitos litterarios; e não hoje em dia, quando o espirito, reclamado pelas preoccupações da vida positiva, mal póde em horas minguas babujar na litteratura.

Então com certeza se não ha de buscar o critico litterario, entre os abegões do bezerro de ouro, que passaram a vida a cevallo e com isso cuidam lá no seu bestunto que se fizeram barões da imprensa.

Ingrato paiz que é este. Ao homem laborioso, que sobrepujando as contrariedades e dissabores, esforça por abrir caminho ao futuro; ou o abatem pela indifferença mal encetou a jornada, ou si elle alcançou, não a meta, mas um pouso adiantado, o motejam, appellidando-lhe a musa de industrial!

Dá-te por advertido pois, livrinho; e, si não queres incorrer na pecha, passando por um producto de fabrica, já sabes o meio. É não cahires no gotto da pouca gente que lê, e deixares-te ficar bem socegado, gravemente envolto em uma crosta de pó, á espera do dente da traça ou da mão do taberneiro que te ha de transformar em cartucho para embrulhar cominhos.

Tambem encontrarás algum critico moralista que te receba de sobrólho franzido, sómente ao ver-te no rosto o distico fatal!

Si já annunciaram as tubas que o romance desacredita quem o escreve! De minha parte perguntarás ao illustrado critico em quaes rodas, ou *circulos*, como elle as chamou portuguezmente, se não consente que penetre o romance.

Tenho muito empenho em saber disso para fugir o mais longe que possa dessa latitude social. Deve de haver ahi tal bafio de môfo, que póde suffocar o espirito não attreito á pieguice.

Os criticos, deixa-me prevenir-te, são uma casta de gente, que tem a seu cargo desdizer de tudo neste mundo. O dogma da seita é a contrariedade. Como os antigos sophistas, e os reithores da meia idade, seus avoengos, deleitam-se em negar a verdade.

Ao meio-dia contestam o sol; á meia-noite impugnam a escuridão. Como Heraclito, choram quando o mundo ri, ou zombam com Democrito quando a sociedade se lamenta. Dão-se ares de senado romano, com o affan de levantar uns e abaixar outros:—*parcere subjectis et debellare superbos*, como disse Virgilio.

Assim, livrinho, um, ao receber-te, talvez se lembre de teres sahido de uma cachola, que na vespera não se descobriu amavelmente á sua passagem, e não lhe catou á devida cortezia.

Est'outro te ha de acolher com soberbo gesto de enfado, abortido como anda de dar noticia de tantos livros de um e mesmo author. E' prudente cortar as azas ao ambicioso para que não tome conta das lettras e faça monopolio do publico.

Haverá ainda quem fiel ao preccito juridico—*do ut des*, te dispense o remoque ou o elogio á medida do que lhe tiver cabido; e neste ponto, coitadinho, tens muito que soffrer, pois bem sabes tu quanto é parco teu author de fofos encomios, arranjados com epithetos que soam como as teclas de um piano.

E effectivamente outra cousa não é o instrumento de um critico sinão um piano, a menos que para alguns não degenerate a cousa em cravo ou espineta. As teclas não correspoudem á notas de musica, mas á uns certos adjectivos, tão sovados, que já soam á marimba.

Outros criticos te esmagarão com augusto e tenebroso silencio, *verbis facundior*, crentes de que te condemnam á perpetua

obscuridade, não dando sequer a noticia de teu apparecimento, como quem d'elle nem se apercebe.

Lembra-me quando era criança ter visto um menino muito afadigado em esconder o sol com a mão, para deixar o mundo em trevas. Queria por capricho fazer meia-noite do meio-dia que era.

Não te enchas ahí de presumpção, livrinho, pensando que te comparo ao astro rei. Não; a imagem d'elle é a opinião, a publicidade, a qual apozar das anteparas das gazetas, te avisará na tua humildade, como o sol aquece o mesquinho insecto escondido na relva.

Aos amigos, como Joaquim Serra, Salvador de Mendonça, Luiz Guimarães, e outros benevolos camaradas; tu lhes dirás, livrinho, que te poupem á qualquer elogio.

Para a critica têm elles toda a liberdade, nem carecem que lh'a dêem: mas no que toca a louvor, pede encarecidamente que se abstenham.

Tenho cá minhas razões; não te quero mira e alvo das iras que os encomios costumam levantar. Ha certos adjectivos tão perigosos que importam quasi uma excommunhão—*lata sententia*.

Tambem, para dizer toda a verdade, os gabos e applausos já andam tão corriqueiros, que parece mais invejavel a sorte do livro, que merece de um escriptor sizudo a critica severa; do que a de tantos outros que ahí surgem, cheios de guizos e cascaveis, como arlequins em carnaval.

É para aquella critica sizuda que te quero eu preparar com meu conselho, livrinho, ensinando-te como te has de defender das censuras que te aguardam.

Versarão estas, si me não engano, principalmente sobre dois pontos, teu peso e tua côr. Achar-te-hão com certeza muito leve, e demais, arrebitado á estrangeira, o que em termos technicos de critica vem a significar — « obra de pequeno cabedal, deseuidada, sem intuito litterario, nem originalidade. »

Ora pois não te envergonhes por isto. És o livro de teu tempo, o proprio filho deste seculo enxacoco e mazorrado, que tudo aferventa á vapor, seja poesia, arte, ou sciencia.

Nada mais absurdo do que esperar-se do author um livro maduramente pensado e corrigido conforme o preceito horaciano—*nulla dies et nulla littera coeruit*,—para atiral-o na voreagem, d'onde sahe todo esse borralho do combustivel, que impelle o trem do mundo.

Quantas cousas esplendidas brotam hoje, modas, bailes, livros, jornaes, operas, paineis, primores de toda a casta, que amanhã já são pó ou cisco?

Em um tempo em que não mais se póde ler, pois o impeto da vida mal consente folhear o livro, que á noite deixou de ser novidade, e cahiu da voga; no meio desse turbilhão que nos arrasta, que vinha fazer uma obra seria e reflectida?

Perca pois a critica esse costume em que está de exigir em cada romance que lhe dão, um poema. Author que o fizesse, carecia de curador, como um prodigo que seria, e esbanjador de seus cabedaes.

Não se prepara um banquete para viajantes de caminho de ferro, que almoçam á minuto, de relógio na mão, entre dois guinehos da locomotiva.

Os livros de agora nascem como flôres de estufa, ou alface

de canteiro; guarda-se a inspiração de molho, como se usa com a semente; em precisando, é plantal-a, e sahe a cousa, romance, ou drama.

Tudo reduz-se a uma pequena operação chimica, por meio da qual supprime-se o tempo, e obriga-se a criação á pular, como qualq̃uer acrobata. Diziam outr'ora os sabios: —*natura non facit sultus*; mas a sabedoria moderna tem o mais profuudo desprezo por essa natureza lerda, que ainda crea pelo antigo systema, com o sol e a chuya.

Se isto que ali fica é verdade nos que fazem profissão de fabricar livros, dobrada razão têm para não improvisarem modelos e primores aquelles que aproveitam apenas umas aparas de tempo em rabiscar algum chocho volume, como outros em desenhar uma aquarella.

E' o meu caso. Estes volumes são folhetins avulsos, historias contadas ao correr da penna, sem cerimonia, nem pretensões, na intimidade com que trato o meu velho publico, amigo de longos annos, e leitor indulgente, que apesar de todas as intrigas que lhe andam á fazer de-mim, tem seu fraco por estas semsaborias.

A razão deste fraco, não é sinão capricho; o povo, como os reis, estão no direito e uso de os ter. Estes fazem ministros de qualquer bipede, e já o houve, que fez senador um quadrupede. Aquelle não lhes fica á dever; e, si a historia não mente, fez um rei de uma mulher, e chamou-o Maria Thereza.

A summa de tudo isto vem á ser que, si alguém porventura incommoda-se com estes volumes, o modo de livrar-se da praga, não é de certo a serrazina de critica, para a qual o author ha

muito, por força da consoante, fez orelhas moccas. Ha meio mais seguro e bem simples.

Persuadam ao leitor que não vá á livraria á cata destes volumes. Em isto acontecendo já o editor não os pedirá ao author, que por certo não se mettêra á abelhudo em eserevêl-os. Assim todos lucraremos. O litterato que não terá agasturas de nervos com a noticia de mais um livro; o critico que salva-se da obrigação de alambicar um centesimo restillo de seu absinthio litterario; o leitor que poupa o seu dinheiro; e finalmente o author, que livre e bem eurado da obsessão litteraria, poderá sonhar com a riqueza, desde que fizer da sua penna, um covado, um tiralinhas, uma enxada, ou mesmo um estylete á vintem o pingo.

Que fortuna para teu author, livrinho, si lhe tirassem esta querida illusão litteraria, como já lhe arrançaram o outro puro entusiasmo da politica; essas duas cordas da patria, essa gemea aspiração do bello e do grande, que afagava-lhe os sonhos da mocidade e tocava-os de luz esplendida.

Tornar-se-hia homem positivo, sabendo o valor ao tempo, medindo as palavras á peso, como fazem os grandes fornecedores desse genero, tão consumido nos arsenaes do governo. Arranjaria um pequeno monopolio; montava-se n'um milhar de eontos; e esperava tranquillo e sereno o baronato, que é a canonição dos bemaventurados neste reino do paraíso terrestre.

Quanto ao segundo defeito que te hão de notar, de ires um tanto desbotado do matiz brasileiro, sem aquelle picante sabor da terra: provém isso de uma completa illusão dos criticos á respeito da litteratura nacional.

Eis uma grande questão, que por ahi anda mui intrineada,

e de todo ponto desnorteada, apesar de tão simples e fácil que é. Lá uns genios em Portugal, compadecendo-se de nossa penuria, tomaram á si decidir o pleito, e decretaram que não temos, nem podemos ter litteratura brasileira.

A grande intelligencia de Alexandre Herculano nos prophetisára uma nacionalidade original, trausfusão de duas naturezas, a luza e a americana, o sangue e a luz. Mas os dictadores não o consentem; que se ha de fazer. Resignemo-uos. Este grande imperio, á quem a Providencia rasga infindos horizontes; é uma nação ouca; não tem poesia nativa, nem perfume seu; ha de contentar-se com a mangerona, apesar de ali estarem rescendendo na balsa a baunilha, o cacto, e o sassafras.

Os oraculos de cá, esses querem que tenhamos uma litteratura nossa; mas é aquella que existia em Portugal antes da descoberta do Brazil. Nosso portuguez deve ser ainda mais cerrado, do que usam actualmente nossos irmãos de além-mar; e sobretudo cumpre errical-o de *hh*, e *çç*, para dar-lhe o aspecto de uma unata virgem.

Bem vês, livrinho, que uma questão desta monta não é para o teu modesto topete, e sim para algum prologo campanudo, obra de bom punho. Muito farás si te defenderes dos criticos; e é só no que penso agora.

Aos que tomam ao serio estas futilidades do patriotismo, e professam a nacionalidade como uma religião; á esses has de murmurar baixiuho ao ouvido, que te não escutem praguentos estas reflexões:

«A litteratura nacional que outra cousa é sinão a alma da patria, que transmigrou para este solo virgem com uma raça illustre,



aqui impregnou-se da seiva americana desta terra que lhe serviu de regaço ; e cada dia se enriquece ao contacto de outros povos e ao influxo da civilisação ? »

O periodo organico desta litteratura conta já tres phases.

A primitiva, que se póde chamar aborigene, são as lendas e mythos da terra selvagem e conquistada ; são as tradições que embalaram a infancia do povo, e elle escutava, como o filho á quem a mãe acalenta no berço com as canções da patria, que abandonou.

*Iracema* pertence á essa litteratura primitiva, cheia de santidade e enlevo, para aquelles que veneram na terra da patria a mãe fecunda — *alma mater*, e não enxergam nella apenas o chão onde pisam.

O segundo periodo é historico ; representa o consorcio do povo invasor com a terra americana, que delle recebia a cultura, e lhe retribuia nos effluvios de sua natureza virgem e nas reverberações de uma natureza esplendida.

Ao conchego desta pujante creação, a tempera se apura, toma alas a fantasia, a linguagem se impregna de modulos mais suaves ; ormam-se outros costumes, e uma existencia nova, pautada por diverso clima, vaé surgindo.

E' a gestação lenta do povo americano, que devia sahir da stirpe lusa, para continuar no novo mundo as gloriosas tradições de seu progenitor. Esse periodo colonial terminou com a independencia.

Á elle pertencem o *Guarany* e as *Minas de Prata*. Ha ahi muita e boa messe á colher para o nosso romance historico ; mas não exotico e rachitico como se propoz á ensina-lo á nos beocios, um escriptor portuguez.

A terceira phase, a infancia de nossa litteratura, começada com a independencia politica, ainda não terminou; espera escriptores que lhe dêem os ultimos traços, e formem o verdadeiro gosto nacional, fazendo calar as pretensões hoje tão acesas, de nos recolônizarem pela alma e pelo coração, já que não o podem pelo braço.

Neste periodo a poesia brasileira, embora balbuciante ainda, resôa, não já sómente nos rumores da brisa e nos echos da floresta, sinão tambem nas singelas cantigas do povo e nos intimos serões da familia.

Onde não se propaga com rapidez a luz da civilisação, que de repente cambia a côr local, encontra-se ainda em sua pureza original, sem mescla, esse viver singelo de nossos pais, tradições, costumes e linguagem, com um sainete todo brasileiro. Ha, não sómente no paiz, como nas grandes cidades, até mesmo na côrte, desses recantos, que guardam intacto, ou quasi, o passado.

O *Tronco do Ipê*, o *Til* e o *Gaúcho*, vieram d'ali; embora, no primeiro sobretudo, se note já, devido á proximidade da côrte, e á data mais recente, a influencia da nova cidade, que de dia em dia se modifica, e se repassa do espirito forasteiro.

Nos grandes focos, especialmente na côrte, a sociedade tem a physionomia indecisa, vaga e multipla, tão natural á idade da adolescencia. E' o effeito da transição que se opera; e tambem do amalgama de elementos diversos.

A importação continua de idéas e costumes estranhos, que dia por dia nos trazem todos os povos do mundo, devem por força de commover uma sociedade nascente, naturalmente inclinada á receber o influxo de mais adiantada civilisação.

Os povos têm, na virilidade, um eu proprio, que resiste ao pru-

rido da imitação; por isso na Europa, sem embargo da influencia que successivamente exerceram algumas nações, destacam-se ali os caracteres bem accentuados de cada raça e de cada familia.

Não assim os povos não feitos; estes tendem como a criança ao arremedo; copiam tudo, acceitam o bom e o máo, o bello e o ridiculo; para formarem o amalgama indigesto, limo de que deve sabir mais tarde uma individualidade robusta.

Palheta, onde o pintor deita laivos de côres differentes, que juntas e diluidas entre si, dão uma nova tinta de tons mais delicados; tal é a nossa sociedade actualmente. Notam-se ahi, atravezdo genio brasileiro, umas vezes embebendo-se d'elle, outras invadindo-o, traços de varias nacionalidades adventicias; é a ingleza, a italiana, a hespanhola, a americana, porém especialmente a portugueza e franceza, que todas fluctuam, e a pouco e pouco vão diluindo-se para infundir-se n'alma da patria adoptiva, e formar a nova e grande nacionalidade brasileira.

Desta luta entre o espirito conterraneo e a invasão estrangeira, são reflexos *Luciola*, *Diva*, a *Pala da Gazella*, e tu, livrinho, que ahi vaes correr mundo com o rotulo de *Sonhos d'ouro*.

Taxar estes livros de confeição estrangeira, é, relevem os criticos, não conhecer a physionomia da sociedade fluminense; que ahi está á faceirar-se pelas salas e ruas com atavios parisienses, fallando a algemia universal, que é a lingua do progresso, jargão erriçado de termos francezes, inglezes, italianos e agora tambem allemães.

Como se ha de tirar a photographia desta sociedade, sem lhe copiar as feições? Querem os taes archeologos litterarios, que se deite sobre a realidade uma crosta de classismo, como se faz com

os monumentos e os quadros para dar-lhes o tom e o merecimento do antigo ?

Chame-se á *partida* de saráo; á *recepção*, de agazalho; ao *leão*, de janota ou casquilho ; aos *salões*, de casas de boa companhia; á *peccadora*, de rameira; á *reunião*, de assembléa ; aos *circulos*, de roda, *et sic de cetera*.

Em vez de andarem assim á tasquinhar com dente de traça nos folhetinistas do romance, da comedia, ou do jornal, por causa dos neologismos de palavra e de frase, que vão introduzindo os novos costumes : deviam os criticos darem-se á outro mister mais util, e era o de jogar o trigo do joio, censurando o máo, como seja o arremedo grosseiro, mas applaudindo a acclimação da flôr mimosa, embora planta exotica, trazida de remota plaga.

Sobretudo comprehendam os criticos a missão dos poetas, escriptores e artistas, nesse periodo especial e ambiguo da formação de uma nacionalidade. São estes os operarios incumbidos de polir o talhe e as feições da individualidade que se vae esboçando no viver do povo. Palavra que inventa a multidão, innovação que adopta o uso, caprichos que surgem no espirito do idiota inspirado ; tudo isto lança o poeta no seu cadinho, para escoimal-o das fezes, que porventura lhe ficaram do chão onde esteve, e apurar o ouro fino.

E de quanta valia não é o modesto serviço de desbastar o idioma novo das impurezas que lhe ficaram na refusão do idioma velho com outras linguas ? Elle prepara a materia, bronze ou marmore, para os grandes esculptores da palavra que erigem os monumentos litterarios da patria.

Nas litteraturas mãis, Homero foi precedido pelos rapsodes, Ossian pelos bardos, Dante pelos trovadores.

Nas litteraturas derivadas, de segunda formação, Virgilio e Horacio tiveram por precursores Ennio e Lucrecio ; Shakspeare e Milton vieram depois de Surrey e Thomas Moor ; Corneille, Racine e Molière, depois de Malherbe e Ronsard ; Cervantes, Ercilla e Lope de Vega, depois de Gonzales Berceo, Inigo Mendonza e outros.

Assim foi por toda a parte ; assim ha de ser no Brazil. Vamos pois, nós, os obreiros da fancaria, desbravando o campo, embora apupados pelos litteratos de rabicho. Tempo virá em que surjam os grandes escriptores para imprimir em nossa poesia o cunho do genio brasileiro, e arrancando-lhe os andrajos coloniaes de que andam por ahi á vestír a bella estatua americana, a mostrem ao mundo, em sua magestosa nudez : *naket majesty*.

E agora, livrinho, só restá escrever-te o *faciebat* que os esculptores antigos costumavam gravar no soco das estatuas ; ao contrario de Archeláo que lhe substituiu o pretencioso *fecit*.

Aquelle remate, si nelles foi modestia, para mim é uma confissão. As paginas que ahi andam com o meu nome, já o disse uma vez, e o repito, nada mais são do que provas typographicas, á corrigir, para a tiragem.

E não pensem os criticos, que é isso escusa para attenuar a severidade. Bem ao contrario, achasse eu um meio de a estimular, que de certo o empregaria.

Quem mais ganha com esses rigores sou eu. Si provém do bom gosto e da cultura litteraria, são licções judiciosas, que se recebem, e mais tarde aproveitam. Si nascem da inveja, do des-

peito, do desejo de celebrisar-se, ou de qualquer outro lodo interior, onde se gere essa praga, ainda assim tem serventia. Revelam ao author o apreço do publico, pelo desprezo a que são lançadas essas alicantinas.

Portanto, illustres e não illustres representantes da critica, não se constranjam. Censurem, piquem, ou calem-se, como lhes aprouver. Não alcançarão jámais que eu escreva neste meu Brazil cousa que pareça vinda em conserva lá da outra banda, como a fructa que nos mandam em lata.

Tinha bem que ver, si eu dêsse ao carioca, esse parisiense americano, esse atheniense dos tropicos; umã parodia insulsa dos costumes portuguezes, que entre nós saturam-se de dia em dia do genio francez. A *aurea scintilla* da raça latina, que a familia gauleza herdou da romana, tem de a transmittir á nós, familia brasileira, futuro chefe dessa raça.

A manga, da primeira vez que a prova, acha-lhe o estrangeiro gosto de therebentina; depois de habituado, regala-se com o sabor delicioso. Assim acontece com os poucos livros realmente brasileiros; o paladar portuguez sente nelles um travo; mas si aqui vivem comnosco, sôb o mesmo clima, attrahidos pelos costumes da familia e da patria irmãs; logo resôam docemente aos ouvidos luzos os nossos idiotismos brasileiros, que d'antes lhes destoavam á ponto de os ter em conta de senões.

E como não ha de ser assim, quando a esposa que lhes balbucia as ternas confidencias do amor feliz; e depois os lindos filhinhos que lhes enchem a casa de rumor e alegria; lhes ensinam todos os dias em suas caricias essa linguagem, que, si não é classica, tersa;

e castica, é a linguagem do coração, da felicidade, da terra irmã e hospedeira.

E' preciso concluir, para que o *faciebat* não se torne moto continuo ; e como desejo dar á este proemio um ar de gravidade que lhe supra a levesa do miolo, terminarei apresentando aos doutores em phylologia a seguinte e importantissima questão, que espero ver magistralmente debatida.

Estando provaão pelas mais sabias e profundas investigações começadas por Jacob Grimm, e ultimamente desenvolvidas por Max Muller, á respeito da apophonia, que a transformação mecnica das linguas se opera pela modificação dos órgãos da falla, pergunto eu, e não se riam, que é mui séria a questão :

O povo que chupa o cajú, a manga, o cambucá e a jaboticaba, póde fallar uma lingua com igual pronuncia e o mesmo espirito do povo que sorve o figo, a pera, o damasco e nespera ?

SENIO.

23 de Julho de 1872.

---





O sol ardente de fevereiro dourava as lindas serranias da Tijuca.

Que formosa manhã! O céu arreava-se do mais puro azul; o verde da relva e da folhagem sorria entre as gotas de orvalho, cambiando aos toques da luz.

Frocos de nevoa, restos da cerração da noite, cingiam ainda os pincaros mais altos da montanha, como pregas de véo fluctuante, ao sopro da brisa, pelas espaduas das lindas amazonas, que durante o verão costumam percorrer aquellas amenas devezas.

Seriam sete horas.

Um passeiador solitario seguia á pé e distrahidamente por um dos muitos caminhos que se cruzam em varias direcções pela encosta occidental da montanha. Levava elle em baixo do braço esquerdo um album de desenho, naturalmente destinado á cópia das magnificas perspectivas, que offerecem a cada passo as quebradas da serrania.

Era moço de 28 annos. Seu rosto de traços nobres não tinha de certo a belleza correcta e artistica do typo classico, nem a faceirice de certos casquilhos, principes da moda : apresentava porém uma physionomia sympathica e distincta. O olhar sobretudo, que é o sol d'alma, lhe esclarecia a larga fronte pensativa de reflexos intelligentes.

Trajava com extrema simplicidade. Tinha um vestuario completo, ou no jargão parisiense dos alfaiates, um *costume* ainda bem conservado e decente, apezar de um tanto fanado na gola. Notava-se a ausencia completa do ouro : a botoadura era toda de marfim ; e não se via signal de relógio.

Depois de alguns minutos de passeio, o moço, cujos olhos iam percorrendo com indiferença as bordas do caminho, de um e outro lado alternadamente, desviou-se do trilho batido e seguiu por dentro do mato. Mal tivera tempo de sumir-se entre a ramagem do arvoredor, quando ouviu-se o tropel de um cavallo que passou a galope. Enfiando o olhar por entre as folhas, pôde ver o cavalleiro, o qual era rapaz de 21 annos, de bello parecer e maneiras agradaveis. Montava um cavallo castanho.

— Fabio !

O cavalleiro colheu promptamente as redeas, fazendo estacaar a montaria, e voltou-se duvidoso para ver si com effeito o haviam chamado, como lhe parecêra. A rapidez do galope e a repercussão do solo tinham impedido que ouvisse distinctamente a voz do passeiador á pé :

— Que milagre!.. Hoje madrugaste!.

— Ah ! És tu, Ricardo ?! exclamou o cavalleiro retribuindo o sorriso. Vou á *Vista dos Chins* com uns rapazes que estão ahi no hotel do

Jourdain. Convidaram-me hontem á noite. É um *pick-nick* ! Queres ir tambem ?

— Só si partissemos ao meio o *Galgo* ; observou Ricardo, alisando a linda anca do cavallo.

— Dou-te garupa ! replicou Fabio gracejando.

— Obrigado !... Luizinha, teria ciumes.

— Bem ; vae romantisar com as flores que os sujeitos estão á minha espera. Talvez já chegue tarde ! Digam lá o que quizerem. Um homem deve se dar á respeito, e não comparar-se com os animaes e os carroceiros que deitam-se de dia e acordam-se de noite.

Atirando esse gracejo, Fabio deu de redeas ao animal e partiu á galope.

— Olha o *Galgo*, hemh ! gritou Ricardo.

— Com effeito !... nem de Bella tens tanto cuidado !

Ricardo sorriu, e acompanhou com os olhos o amigo até que sumiu-se na volta do caminho. Não era porém o cavalleiro, apesar de elegante, o que prendia a attenção do passeador, e sim o cavallo cuja fina roupagem cas-

tanha brilhava aos reflexos do sol. A esbelteza das fôrmas esgalgadas, e o garbo dos movimentos faceis e vivos, lhe tinham merecido o lindo nome dado pelo dono.

Quando o vulto airoso do cavallo encobriu-se por detraz da folhagem de uma arvore que interceptou-lhe a vista, Ricardo, abafando um suspiro involuntario, desviou-se novamente do caminho ao qual voltára para fallar com o amigo.

As vezes o pensamento do moço vagava de um á outro objecto, desta áquella moita, do ramo ao tronco, da folha á raiz, como si procurasse um ponto qualquer onde se fixasse, distrahindo-se das idéas e recordações do intimo. Outras vezes, depois de adejar como uma borboleta, o espirito do solitario passeiador recolhia-se insensivelmente; e abstrahia-se de quanto o cercava, para envolver-se nos refulhos d'alma.

Alguma cousa porém chamou por momentos sua attenção. Foi a pequena flor silvestre de um arbusto que se encontra nas mattas da Tijuca.

Não sei o nome do arbusto, nem mesmo si

já foi baptizado pela sciencia. E' natural que não tenha escapado ás pesquisas dos dois illustres *freires* da flora brasileira, o Velloso e o Allemão: mas, como apezar de tanto dinheiro desperdiçado pelo governo, as lettras andam entre nós abandonadas á indifferença e ao charlatanismo, que são a medusa e o minotauro do talento; não me pude soccorrer á sciencia dos dois celebres botanicos.

Á este respeito Ricardo não era menos ignorante. O modo por que elle admirava a pequena flor revelava o tacto do artista ou do poeta. Seu exame nada absolutamente se parecia com a fria dissecação que o botanista opéra nas diferentes partes de uma planta, para conhecer o seu genero, classe e familia.

A flor tem a fórma de um junquillo, mas é de uma bella côr de ouro, e avelludada como a açucena. Falta-lhe o perfume, que é o coração da flor; a sua respiração.

A corola tubular, com cinco lobulos agudos de lança, surge de um calix que parece de coralina. Cada haste sustenta commummente tres

calices dispostos como as aspas de um leque : ahí dentro desses calices formam-se os botões, como pequenas contas de ouro no seu roseo engaste.

Pelo conhecimento que fizemos a planta e eu, durante o verão passado, notei-lhe duas particularidades. Talvez recebesse eu della outras confidencias si não nos separassemos tão cedo, e tão no principio ainda de nossa amizade.

Os botões, que despontam em dezembro, por muito tempo se conservam estacionarios, sem crescimento apparente. E' só dois ou tres mezes depois, em fevereiro e março, que as gemmas d'ouro se elevam como aljofares, e desabrocham para murchar em um dia. Mas as tres flores irmãs não crescem, nem abrem ao mesmo tempo ; vêm solitarias, uma depois da outra.

Eram estas justamente as observações que fazia Ricardo, examinando a linda corola, e os botões nascentes aninhados ainda no fundo do calix nacarado. Muitas vezes em seus passeios tinha elle notado o arbusto coberto das lindas perolas douradas. Cançado de esperar o des-

abrochar, suppôz a florescencia já passada, e naquillo que via o embryão do fructo.

Depois de olhar a flor agreste com enlevos de artista, o moço, que procurava qualquer modelo, lembrou-se de copiar o arbusto em uma das paginas do album. Escolheu a posição, aproveitando os accidentes do terreno em ladeira, para servir-lhe de mesa. De joelhos na grama, debruçado sobre o declive de um barranco, traçou rapidamente a lapis o esboço da planta.

Emquanto descansava, examinou de novo a flor do ramo que tinha quebrado :

— Que bella côr de ouro ! murmurou.

Então com as impressões poeticas da flor agreste se enleiam outras scismas que absorveram completamente o espirito de Ricardo. Como a seiva exuberante de uma arvore, que rompe a casca e borbulha aqui e ali pelo tronco em fios de resina ; assim os pensamentos que enchiam a alma do mancebo se escapavam de vez em quando nas palavras entrecortadas de um monologo.

— Ouro !... ouro !... És o rei do mundo,



rei absoluto, authocrata de todas as grandezas da terra! Tu sim, tu reinas e governas, sem lei, sem opinião, sem parlamento, sem ministros responsaveis!... Não tens nenhum desses trambolhos que arrastam os soberanos constitucionaes.

« Lei?... Que lei é a tua, sinão o capricho com que escarneces dos homens? Tu dizes ao pobre, cobiça; ao opulento, gasta; ao prodigo, esbanja; ao avarento, aferrolha; ao mendigo, esmola; ao ladrão, rouba; e a todos, grandes e pequenos, adorai-me!...

« Opinião?... Quem faz esse rumor que nos atordoa os ouvidos e a que chamam pomposamente opinião publica? Tu, que sustentas os jornaes, pagas os jantares, offereces lindos presentes, estreitas as amizades, e nutres a admiração e o enthusiasmo! »

O monologo expirou nos labios do moço; porém a expressão de seu rosto indicava que o espirito seguia mentalmente o successivo desenvolvimento da idéa.

— Todos nós, bons ou máos, somos subditos

de tua magestade, com a differença que os mãos te bajulam e se arrastam a teus pés para satisfação de ignobeis instinctos; enquanto que os homens honestos te respeitam como um grande poder, te servem para se robustecerem com tua força, mas não te sacrificam a dignidade e a virtude.

Um sorriso amargo pairou nos labios de Ricardo :

— Por isso, como todos os reis, tu repelles quasi sempre essas almas de rija tempera, que não se dobram a teus caprichos. Preferes os lisongeiros, os corações de cortiça, as almas de esponja, que á vontade se embebem ou se enxarcam daquillo que te apraz ou te repugna.

A sombra de algum pensamento mais desanimador perpassou-lhe na fronte, e derramou-lhe pelo semblante uma expressão de melancholia. As palpebras cerraram-se como si a luz do sol offendesse a penumbra d'alma em que dormiam as magoas intimas e as queridas reminiscencias :

— Minha felicidade, a felicidade de uma familia inteira, depende de ti, de um teu ba-

fejo !... Vinte contos !... Uma migalha das tuas immensas riquezas. Dizem que millionarios já deram mais, muito mais, para terem direito á um nome de cinco lettras ! Quatro contos cada lettra !... Ha mulheres que levam ao baile algumas noites, durante sua vida, joias que valem dez vezes mais do que essa quantia ! Quanto não custa cada hora daquelle prazer ! Entretanto não são cinco lettras, são oito creaturas, não são horas apenas, são annos, são vidas de amor e ventura, que eu obteria com esta miseravel quantia... miseravel para os opulentos ; para mim um thesouro, um futuro !...

Sob a influencia da profunda scisma, Ricardo tinha á pouco e pouco mudado a posição, que tomára para desenhar. O corpo debruçado anteriormente sobre o declive, que servira de mesa, inclinou-se insensivelmente para o lado, firmando-se no cotovello. Assim com a cabeça apoiada na mão esquerda, quasi deitado sobre a relva, como sobre um divan, proseguia o moço nos seus devaneios, com os olhos fitos na flor, que emba-lançava-se lentamente aos movimentos dos dedos.

— Bastava uma tira de papel, um bilhete de loteria ou uma carta de jogar, para dar-me essa quantia, o preço de minha felicidade, a saúde de minha mãe, o casamento de Luizinha e... Ah! Quantas vezes não me tenho emballado nestas illusões seductoras, nestes sonhos d'ouro!... São como tu, linda flor, os meus sonhos d'ouro. Brota uma tenue esperança, assim como o teu botão; vai crescendo lentamente, no meio de ancias e duvidas; afinal desabrocha em flor; mas é flor do vento, que logo murcha. Também tu não vives mais que um dia!... Nisto nos parecemos bem; constante a preocupação; o sorriso ephemero; tua preocupação é vegetar, a minha pensar!

Decorrido um momento o semblante de Ricardo expandiu-se:

— Ha tanto tempo que vejo esta planta: e não lhe conhecia a flor!... Quem sabe? Talvez seja o annuncio do primeiro sorriso da fortuna!

Logo zombou de sua lembrança, e da puerilidade daquella superstição. Mas, longe de a repellir, embebeu-se na illusão. Todos nós temos

em nossa alma um cantinho, que, apesar dos annos, da experiencia e dos trabalhos, fica menino até que enfim o homem volta á primeira infancia. Nesse cantinho dormem as illusões ingenuas, as esperanças infindas, a fé robusta e sobretudo certos laivos de loucura que tonificam a razão.

É ahi, é justamente nesse sanctuario da infancia, que a alma viril do homem costuma se refugiar nos momentos de crise, quando sustenta alguma luta com a fortuna; ou vencedora para fortalecer-se com a seiva primitiva, e renovar o combate; ou vencida para escapar ao desespero, que a invade.

Ricardo deixou-se ir á mercê da fantasia, que recortava arabescos em seu espirito. Era um desses sonhos acordados, em que as noções confusas se agitam n'um claro escuro do espirito. Esse jogo da luz e das sombras d'alma, junto á extrema volubildade dos pensamentos, não deixava destacar-se cada uma das idéas. Bilhete de loteria, jogo de cartas, heranças inesperadas, a protecção de um millionario, o tra-

balho abençoado por Deus, e mil rasgos e accidentes da fortuna; tudo isto misturado com a imagem da flor se baralhava na mente de Ricardo, apagando-se e luzindo alternativamente, como os fogos fatuos em noite escura. Mas todas essas phosphorescencias iam derramando n'alma como que uma linda miragem, a abastança, a posse dos vinte contos de réis.

— Então!... Como havíamos de ser felizes, Bella! Que beijos, minha querida mãe, que eu te havia de dar para te beber nas faces as lagrimas de prazer! Porque tu havias de chorar de alegria, como choraste de dôr. E tambem á ti, Luizinha! Á todos!...

A' cada uma dessas palavras o moço, completamente possuido e dominado por suas recordações, inclinava-se sobre a flor agreste que tinha na mão, e beijava-a com ardor, vendo naquella gentil creatura da natureza a imagem das pessoas á quem amava.

— Oh! então lhes pagaria em beijos as saudades que sentem por mim!...

O trino mavioso de um riso fresco e argentino

arrancou subitamente o moço á profunda cogitação.

Aturdido um instante pela completa alheiação do espirito, que andava bem longe d'ali, atravez dos mares; Ricardo voltou-se para ver quem tão bruscamente o havia chamado á realidade.

O quadro que tinha diante dos olhos era digno de uma das folhas do seu album, ornado de finas aquarellas.





## II

Entre o arvoredado tecido de grinaldas amarellas apparecia uma esphera do azul do céo, como tela fina de um painel, cingido por medalhão de ouro. A sombra de uma nuvem errante infundia ao horizonte suave transparencia.

Debuxava-se na tela assetinada o vulto airoso de linda moça, que montava com elegancia um cavallo isabel.

A alvura de sua tez fresca e pura escurecia o mais fino jaspe. Nem os raios do sol, nem o exercicio acenderam uma rosa mesmo pallida em sua face, candida como a petala do jasmim.

A seiva dessa mocidade, o viço dessa alma, não se expandia no rubor da cutis; mas no olhar ardente e esplendido dos grandes olhos negros, e no sorriso mimoso dos labios, que eram um primor da natureza.

Admirando aquelle rosto encantador, ninguem reparava na sua pallidez; ao contrario parecia que os tons rosados maculariam a alvura do lirio. A alma que se derrama assim em ondas no olhar e no sorriso está no intimo, no coração, d'onde se desprende em scentelhas; não pôde tingir as faces.

Um roupão de cachemira verde escura, debruado á cairel de seda preta, com botoadura de aço, moldava um talhe esbelto, que parecia talhado em marmore, tal era a correção das linhas e a harmonia dos contornos. O gracioso chapéo de castor côr de perola, em vez de cobrir-lhe a cabeça gentil, pousava como um pombo na rica madeixa negra, que lhe descia caprichosamente pelo pescoço em opulentas cascatas.

Calçava luvas de camurça amarella, cujo longo

canhão afunilado cobria-lhe uma parte do braço, mas deixava admirar o pulso delicado, cingido por um punho de cambraia lisa, igual ao collarinho rebatido sobre a gola do roupão.

A mão esquerda sustinha as redeas trançadas com bastante firmeza, porém com a graça fácil que teria segurando no baile o leque ou o ramalhete. A direita suspensa apertava pela haste um chicotinho, cujo cabo de madreperola parecia machucar nos lábios o sorriso faceiro, que ali brincava, e de vez em quando trinava como um canario.

Da cintura de menina ou de silpho nasciam as amplas dobras do roupão de montar, roçagante sobre os flancos do bello animal. Como na constante ondulação do mar percebe-se, por uma inflexão mais forte, a vaga nascente que se empola; assim no meio das largas pregas do vestido sentia-se o relevo suave da perna esbelta e nervosa, que esticava o loro, emquanto o pé, despeitado por não se mostrar, agitava impaciente o estribo.

O cavallo era digno pedestal daquella estatua

de Diana. Alto, airoso, de uma estampa soberba, respirava a elegancia activa e serena, que lhe imprimira a educação britanica. O cavallo do cabo, de boa raça, tem alguma cousa do *lord*: a mesma fleugma aristocratica, o mesmo garbo frio e impassivel, a mesma sobriedade do gesto, caracterisam os dous fidalgos.

Tenho para mim que um cavallo do cabo olha para os cavallos de raça differente com o mesmo polido desdem que sentia Lord Derby pela nobreza das outras nações. O lord inglez apropriou-se o antigo mote dos senhores do mundo, *civis sum*. O cavallo do cabo, parodiando a divisa, diz *equus sum*; eu sou o cavallo por excellencia, o fidalgo de raça, o *gentleman* da estribaria.

Por isso na attitude do lindo animal montado pela gentil amazona não se via a impaciencia ferosa, a vivacidade sofrega, que sem duvida ressumbraria no filho da raça brasileira, apezar de muito afastado de sua primitiva estirpe arabe. O lindo isabel, sentindo a doce pressão das re-deas colhidas pela mão da senhora, estacára

immovel, com a firmeza correcta de uma posição academica. As pernas lançadas pisavam o chão com rigida elegancia ; a cauda e a clina conservavam a artistica ondulação que lhes imprimira a mão do escudeiro : a cabeça erguida com arrogancia inclinava-se ligeiramente para despedir o olhar obliquo do orgulho desdenhoso.

Pitt, o grande Pitt, parando no meio de um discurso eloquente, ao influxo da subita inspiração de um epigramma, que seu labio sarcastico ia desferir contra Fox ; devia ter no parlamento inglez aquella attitude soberba.

Si a linda moça ficasse ali horas, creio que o seu impassivel cavallo não daria signal de impaciencia, nem levantaria a unha aristocratica para escarvar o chão. Podiam tambem as moscas impertinentes pousarem na anca ; elle não se preocupava com a ralé. Apenas, muito importunado, agitaria o corpo com um movimento semelhante ao do fidalgo que levanta os hombros em signal de tedio.

Eis o quadro original que Ricardo viu de relance. O vulto da moça, esclarecido por um

raio do sol coado entre a folhagem, se estampava no fundo azul, com vigor de colorido e animação de tons admiráveis. Atravez da nevoa subtil que á pouco envolvia seu espirito, o desenhista podia suppor um instante que via uma paisagem de Lacroix atravez da illusão diaphana de um diorama.

Chegando-se ao arbusto para examinar-lhe a flor, não reparou o moço que, seguindo por dentro do mato, se aproximára do caminho no lugar, onde este fazia uma curva. Deitara-se pois voltando costas ao trilho, que lhe ficava á duas braças de distancia.

A linda amazona, que vinha ao passo do animal, descobriu o solitario passeiador, e presentiu nelle algum desses eternos sonhadores que se chamam poetas ou artistas: gente por quem as mulheres têm o mesmo fraco dos meninos pelas bolhas de sabão; cousa para se ver um instante, emquanto brilha.

Disfarçando a sua indiscrição com o pretexto de esperar alguém que a acompanhava, fez a amazona parar o animal. O vento, volvendo as

folhas do album, mostrava as aquarellas, que os olhos curiosos tentavam espiar, enquanto a mão afastava o longo véo côr de havana. Esguardando os desenhos, não esquecêra a moça o artista que, entregue a seus pensamentos, murmurava palavras soltas.

Quando o viu beijar com ardor, uma e muitas vezes, a pequena flor agreste, não se pôde conter, e deixou escapar-se a risada harmoniosa, que ainda se desfolhava em sua boca travessa, como uma rosa desabrochada naquella manhã. Debalde quiz ella, pousando nos labios o cabo de madreperola do chicote, trancar aquelle cofre de perolas e rubis; as joias se desfiavam roreando as melodias de uma voz suave.

O riso fresco de uma linda boca, ainda quando borbulha delle alguma malicia, é sempre doce e saboroso. Por isso Ricardo, apezar de reconhecer que a moça ria-se delle, em vez de zangar-se, riu-se para ella.

O véo cahiu immediatamente, occultando em uma nuvem espessa o rosto encantador. A uma vibração da redea, o soberbo isabel desatou o

passo elegante em um trote largo, de suprema correção hipiatica. O quadro arrebatador se tinha apagado de repente, deixando a tela azul-erme da imagem seductora.

Em compensação porém outro quadro mais cheio desenhou-se no claro do arvored. Era formado por uma ingleza gorda, de meia idade, dessas mulheres que teimam em não envelhecer; e por um portuguez magro, desses homens que aos quarenta annos envelhecem sem cerimonia.

Estas duas creaturas eram o epigramma vivo uma da outra. Montada a cavallo, com um chapéo de abas enormes, a ingleza parecia, relevem a comparação, um queijo londrino, posto em prato alto e coberto com a tampa de cristal. O portuguez, esguio e curvado sobre a mula que o levava, com um chapéo afunilado, era a perfeita imagem de uma salsicha açada n'um espeto.

Para que o contraste fosse perfeito, a mulher fallando ao homem estropiava o portuguez de uma maneira horrivel: e o homem, escutando-a attentamente como si a comprehendesse, arran-



java de vez em quando no fundo da garganta um grunhido que tinha a pretensão de ser um *yess*, como uma careta tem a pretensão de ser um sorriso.

Ricardo vendo o segundo painel sentiu na vista uma sensação igual á do paladar que, saboreando a polpa deliciosa de um cambucá, sentisse de repente o gosto do pepino. Fechou os olhos enquanto o mutuo epigramma em carne e osso passava, acompanhado por um pagem de libré.

Um novo gorgueio do riso melodioso derramou-se pela solidão; porém Ricardo não ouviu mais do que um echo remoto.

— De que se ri, menina? perguntou a mestra em inglez. *Why do you laugh, baby?*

— Bonito romance, mrs. Trowsby? respondeu a moça na mesma lingua.

— Que titulo tem?

— Titulo !... replicou a moça rindo. Não está escripto ainda ! Si agora mesmo eu vi o primeiro capitulo!

— Não entendo.

— Ande lá, mrs. Trowshy ! E a senhora bem caladinha !...

— Mas o que é ?

— Não viu um moço que estava recostado na grama ao lado do caminho ?

— Onde ?... Não vi nada !

— Sim ? Não me engana ! Pois o moço tinha uma flor na mão, creio que era um girasol, e pensando que eu não o via, ou talvez que era outra pessoa ; dava taes beijos na flor, que de cada beijo comia um pedaço.

— Oh ! oh ! engraçado ! exclamava a mestra com um riso puro *cokney*.

— Espere; o mais interessante é que elle não cançava de dizer enquanto beijava o seu girasol: « *My love, my soul, my darling Harriot, my pretty mrs. Trowshy !* »

— *Baby, baby !*... repetia a mestra afogada em riso.

O portuguez não entendêra meia palavra do dialogo travado em inglez ; mas elle julgava que, sendo incumbido de acompanhar a moça e a mestra na qualidade de criado grave, devia compôr-se

à feição daquelles de quem estava constituido a sombra.

— Você tem idéas, menina !

— E' serio, mrs. Trowsby. Palavra que vi o moço. E a senhora tambem; não disfarce.

A mestra voltou-se gravemente para o criado, e com os dentes cerrados para destrinçar as palavras portuguezas, como se fossem cabeloiro, disse mais ou menos isto :

— Senhór Daniel, nós ver *young gentleman* ?

— Iuh !... iuh !... iuh ! respondeu o Sr. Daniel que ficára em branco.

— Não disse ? exclamou a moça desatando a risada com extremo prazer.

— Iuh !... iuh !. fez a mestra arremedando o portuguez. Que quer diz iuh ?...

Neste momento um cavalleiro a galope assomou na curva do caminho, e encontrou-se de frente com a moça e sua comitiva. Era Fabio que voltava do seu passeio gorado: ao avistar o grupo, moderou o andar do animal para melhor examinar as pessoas, com especialidade a gentil amazona.

Comprimentou respeitosamente a moça, que

retribuiu-lhe com uma inclinação da fronte, bastante graciosa para revelar a fina educação, mas tão reservada e altiva que não permittia a quem a recebesse dirigir-lhe uma palavra, ou aproximar-se.

O *Galgo* e o formoso isabel tambem se cortejaram; o cavallo brasileiro, vivo, ardente e prazenteiro, enfreitando-se garboso e soltando um ligeiro nitrido de prazer; o cavallo do cabo, com o comprimento protector que um ministro enfatuado se digna deferir a um deputado novel.

Como o joven deputado, o joven corssel, vendo aquella fatuidade, sentiu certo prurido na pata, mas pelo respeito ao cavalleiro que o montava, pela decencia devida á boa sociedade, e sobretudo pela educação que lhe dera o dono, desprezou a arrogancia do collega.

— E' este o moço, menina? perguntou a ingleza motejando.

— Não, mrs. Troushy. Este é outro; é rival do primeiro: replicou a moça. Não viu que comprimento lhe fez? Creio que teremos duello! E' como ha de acabar o romance!

E o riso que se escondêra nas covinhas da face, quando se aproximára um estranho, voltou de novo ao labio da moça.

— *Hop! hop!* exclamou ella desaparecendo em um tempo de galope.

---



### III

A' pouca distancia, Fabio tendo apressado a marcha do animal, ouviu uma voz sua conhecida que recordava á surdina um thema da *Norma*.

— Ainda estás por cá, Ricardo? disse elle. Parece que não te lembras do almoço?

Ricardo, que estava embrulhando os lapis e fechando o album para ir-se, ergueu a cabeça sorpreso.

— Oh! E o *pick-nick*?

— Ora! Não me falles! Os taes sujeitos fiaram-se uns nos outros, e afinal querendo ser

muito espertos ficaram todos logrados, e me lograram á mim. Apenas percebi a cousa, musquei-me á toda a pressã para não perder o magro cafezinho da tia.

— E vieste n'um galope desesperado? disse Ricardo passando a mão pelos peitos do cavallo, humedecidos de suor assim como o ventre.

— Qual? Isso é calor: o sol está muito quente e o *Galgo* é tão fogoso! Súa por nada.

— Eu creio que tu ainda és mais fogoso que elle, Fabio! disse Ricardo ganhando o caminho na direcção em que viera.

Fabio apeou-se, e atirando as redeas ao pescoço do *Galgo* seguiu ao lado do amigo.

— Viste quem passou aqui?

— Uma moça? disse Ricardo sorrindo.

— Conheceste?

— Não.

— E' a Guida!... A filha do Soares.

— Soares... Um ricaço?

— Um millionario, um bezerro de ouro, uma especie de Midas, que tem o dom de transformar tudo em dinheiro.



— Começando pela propria consciencia ? observou Ricardo.

— Ah ! Elle era capaz de vender-se aproveitando a alta, para comprar-se depois na baixa, ganhando alguns contos de réis na operação.

— Já vejo que é uma grande cabeça em finanças. E' pena que não se applicasse á politica ; seria o creador de uma situação !

— Mas vem cá, Ricardo. No fim de contas has de confessar que isso de consciencia é traste de pobre. Eu a comparo á uma mala de couro, ou uma canastra de pão. N'uma casa rica seria summamente ridiculo !...

— Queres então dizer...

— Entendo que ninguem pôde enriquecer, deixando-se levar pelos conselhos da tal velha rabujenta, que se agasta com a menor cousa e de tudo se afflige.

— Pois eu penso ao contrario que a consciencia é indispensavel á riqueza justamente, para contel-a, e cohibir os seus excessos. A pobreza tem para reprimir-se a propria fraqueza ; mas a opulencia, servida pela justiça e

até cortejada pela lei, carece de um freio, afim de não precipitar-se ; esse freio é a consciencia ; não ha outro.

— *Bella theoria!*... A moral pratica é muito differente !

— Não decores com este nome a tolerancia do abuso e a transacção commoda que muita gente faz entre o seu interesse e o seu dever. A moral pratica não pôde ser outra cousa, sinão a virtude nos actos da vida. Seriamente, me entristeço, Fabio, quando te vejo defender o que no fundo de tua alma reprovás, estou bem certo !

— Foi um gracejo !

— O ouro é a pedra de toque da consciencia ; o prumo que lhe sonda a profundidade. Creio que sou um homem honesto ; mas não tenho a certeza disso, porque ainda não me vi á prova, entre os escrupulos da probidade e os lucros certos de uma acção menos digna.

— Pois eu confio mais em ti, do que tu mesmo. Si por acaso o tal millionario, o Soares, te offerecesse vinte contos de réis para comprometteres a causa de alguns dos teus quatro clientes de

meia cara ; estou convencido que o repellirias com indignação !

— Tambem creio ; replicou Ricardo sorrindo. Entretanto tu sabes o que vale esta somma para mim, para nós, Fabio.

— E' verdade ! Quando eu me lembro que para sermos felizes bastava-nos o que esse Midas ganha emquanto dorme á sesta !

— Exageras tambem !

— Dizem que elle tem um rendimento annual de mais de duzentos contos, o que dá vinte e cinco mil réis por hora. Ora elle costuma dormir duas horas, e tres quando janta feijoada ; portanto ahi tens, cincoenta mil réis, o que não ganharás, meu Ricardo, nem quando fores ministro e senador.

— Estás bem servido !

— Has de ser ! Mas vê o que é este mundo. Viste o cavallo do cabo em que ia a Guida, um lindo isabel ?

— E' um bonito animal.

— Pois emquanto nós, dois cidadãos brasileiros, duas esperanças da patria, vamos almoçar

o magro café com pão; o tal fidalgo antes de sahir á passeio já saboreou um pão de chocolate fino.

— Chocolate? Ora, Fabio!

— Não é brincadeira; chocolate *marquis!* Ah! tu não conheces a Guidinha. Um dia o tal cavallo do cabo, que é delicado como um rapzinho da moda, constipou-se aqui na Tijuca, n'uma manhã de chuva, e sobreveiu-lhe uma tosse. A menina entendeu que o seu querido isabel estava soffrendo do peito, e que portanto devia tomar chocolate todas as manhãs.

— E' luxo que o nosso *Galgo* não lhe inveja.

— Sim; mas o teu *Galgo* chegando á casa, si quizer enxugar o corpo, ha de rolar-se no chão; não tem como o fidalgo á seu serviço um criado, melhor pago do que dois advogados do nosso conhecimento. Esse criado, depois de enxugar-lhe o corpo com uma toalha de riço, veste-lhe uma camisa de brim de linho, mais fino do que o de minha calça. Isto quando o isabel não transpira; porque nesse caso vem uma garrafa de vinho para esfregar-lhe o pello; vinho gene-

roso, como nós só bebemos uma vez por outra, n'algum banquete.

— Admira-me que andes ao facto de tudo isto !

— Comprehendes ! Moça bonita e rica !...

— E' uma celebridade, como a Lagrange ou a Ristori; pertence ao publico, que tem o direito de saber as particularidades de sua vida.

— Justamente; são os proprios amigos da casa que referem estas cousas como prova da graça e espirito da moça. Queres saber uma que me contaram á poucos dias ?

— Dás tanta importancia á esses caprichos ?

— Rio-me; e acho uma fortuna quando os ricos nos divertem, e não nos affligem como tantas vezes succede. Mas ouve, que é engraçado.

— Conta.

— Foi com o doutor... Um dos primeiros medicos da côrte... Esquece-me agora o nome... o doutor...

— Não importa.

— Pois bem. Uma noite seriam duas horas.

da madrugada, chovia á cantaros, quando batem-lhe á porta. Era um chamado á toda a pressa para a casa do Soares ; a carta era instante ; o carro estava á espera. O velho doutor consultou todas as juntas do corpo para ver si não tinha algum travo de rheumatismo, que o desculpasse com o capitalista e a consciencia. Achando-se perfeitamente lepido, não teve remedio sinão erguer-se e partir.

— Fez sua obrigação.

— Sem duvida. Chegando o doutor foi recebido pela Guida...

— A filha ?

— Sim ; a qual muito afflicta communicou-lhe que o incommodara áquella hora da noite para ver Sophia, que estava muito mal, á decidir, de uma molestia de coração. O doutor conhecia melhor o dinheiro do que a familia do capitalista ; não sabia pois de quem se tratava ; pensou porém que devia ser uma pessoa importante da casa. Acompanhou a moça á uma alcova frouxamente illuminada por uma lamparina, onde havia um leito envolvido em alvos cortinados de

filó. O doente parecia uma criança ; estendendo a mão para tomar-lhe o pulso, sentiu o medico um pello macio ; aproximou a vela e então distinguuiu perfeitamente uma cachorrinha, deitada em travesseiros de setim e coberta com uma colcha de damasco.

— Será exacto isto ?

— Asseguro-te que é. Faze idéa do como ficou o doutor, arrancado á sua casa á uma hora da noite, e rebaixado do seu pedestal de medico do que ha de mais illustre e elevado na côrte, a medico de cão. Si a graça fosse de qualquer outra pessoa, elle de certo não a supportaria ; mas era de uma moça bonita. O velho assentou que o melhor meio de sahir-se do caso era leval-o em tom de galhofa .... « Ah ! E' sua maninha ? » disse elle. Examinou com uma gravidade comica o doente, pedio papel e receitou neste gosto : « Recipe : Uso interno : Massada—2 oit. Capricho de criança — 1 onça. Misture e faça infusão para tomar ás colheres de hora em hora. Uso externo : Gargalhada — 3 oitavas. Paciencia — 1 libra. — Faça uma fomentação. Para a

Sra. D. Sophia Soares. Dr. F.» Entregou a receita á menina, e assegurou-lhe que D. Sophia se restabeleceria brevemente.

— Era pachorrento o doutor.

— Que havia elle de fazer; dar o cavaco? Mas escuta o resto. E' um romance. A Guida mandou a receita á botica da casa. Pódes bem avaliar do como ficaria embaraçado o boticario para avial-a; nunca na sua vida tinha manipulado semelhantes drogas. Mas a menina fez-lhe saber muito positivamente, que si não mandasse os remedios receitados pelo medico perderia a freguezia. Nestes apertos passou-lhe o doutor pela porta; contou-lhe o que succedia; o valbo desatou a rir. « Olhe; massada, é qualquer amargo. Capricho de menina, unas cocegas, como as que produz o sulphur. Gargalhada, um pouco de muriato no pello da cachorrinha e verá que boas risadas ella dá. Paciencia, isso é um emoliente, farinha de linhaça. » O boticario aproveitou a lembrança e aviou a receita. Si a Sophia tomou o remedio não sei; mas ficou boa.

— Então é mais provavel que não tomasse.



— Estou por isso. Tempos depois apparecendo o doutor em sua casa, a Guida exigiu a conta da visita feita á Sophia. O velho, julgando-se autorisado pelos sessenta annos e pelo gracejô da menina, disse-lhe que o preço era um beijo. Nesse momento chegava á porta a mestra, uma ingleza gorducha e myope.

— Naturalmente uma que vi passar...

— E' a tal. A Guida corre á ella; inventa de repente uma historia da chegada imprevista do marido, uma alegre surpresa; e acaba mostrando-lhe o vulto do doutor, que não entendia a conversa por ser em inglez. A mestra precipita-se como uma bala de canhão, agarra-se ao pescoço do velho, e cobre-o de uma chuva de beijos sonoros e cheios, verdadeiros beijos de lei, posando 24 quilates cada um.

— E o doutor?

— Quando se pôde desvencilhar dos braços e da boca da gorducha, viu a Guida que ria de sua triste figura: « Está vendo, doutor, como eu pago generosamente as minhas dividas. O senhor pedia um beijo, e leva algumas duzias

delles.» O velho limpava a cara; enquanto a ingleza esfregava os beiços como si lhes quizesse tirar a pelle. Não achas engraçada a anedota,

**R**icardo ?

— Acho que essa moça tem pouco juizo.

— Juizo tem ella; mas é juizo de moça rica, muito differente do juizo de moça pobre. O velho Soares é uma machina de fazer dinheiro; vive no escriptorio. A mulher, esta, supporta a sua opulencia como um captiveiro. Os outros filhos ainda estão no collegio. Quem ha de usar daquella riqueza e da posição que ella dá sinão a Guida?

— Podia usar de uma maneira mais séria e mais util.

— Não seria então uma criança de dezeseis annos ?

— Mas é justamente por não ser uma criança que eu a censuro. A travessura aos dezeseis annos é innocente; não tem a malicia das comedias de máo gosto representadas por essa moça.

Fabio voltára-se cuidando ouvir um rumor. Os dois amigos conversando ao lado um do outro

tinham deixado a estrada, e tomado um atalho que descia pela encosta da montanha.

— No fim de contas, assim deve ser ; acrescentou Ricardo. Ella é muito bonita e muito rica ; deve ter algum defeito ; são os espinhos da rosa, como diria um poeta, ou o zinabre do ouro, como dirá naturalmente o marido que lhe desfructar o dote.

Conversavam os dois amigos de coração aberto, em voz clara, como quem não se receia de ouvir o echo de seu pensamento ; não se lembrando que as folhas das arvores têm olhos, e as brisas ouvidos subteis.

Expiravam as ultimas palavras quando soaram distinctamente no chão batido do caminho, que lhes ficava sobranceiro, passos de animal. Erguendo os olhos viram a linda amazona que passava lentamente de volta de seu passeio.

Não abaixou a cabeça nem voltou o rosto ; mas um olhar scintillou sob o véo espesso, como a luz de um relampago ; e cahiu sobre os dois moços, apagando-se logo.

— Terá ouvido ? perguntou Fabio rindo.

— E' provavel! disse Ricardo com indifferença.

— Nesse caso estamos compromettidos.

— Porque razão?

— Tinha uma idéa. O Soares está passando o verão aqui na Tijuca. Sabes, assim no campo, tomam-se relações com muita facilidade. Queria ver si nos apresentavam na casa.

— Que lembrança! Havíamos de fazer uma bonita figura no meio dessa gente que arrota ouro, nós dois pobretões!

— Talvez a riqueza pegue como a lepra!

— Pega; quando se tem máo sangue.

— Mas fóra de graça; é preciso fazermos relações, adquirir amigos, do contrario nada alcançaremos.

— Não digo o contrario.

Continuando a conversa, chegaram os dois moços á um pequeno valle, escondido entre duas pontas da montanha. Um escasso ribeiro descia em cascata rumorejando por entre as pedras, e serpejava á sombra das bananeiras.

No meio do valle, havia uma pequena casa, cercada por algumas fructeiras.

#### IV

Por entre duas linhas de cafezeiros apparecia a porta da casa: e em pé na soleira, uma velhinha de cabellos brancos em carapito, com vestido de chita amarella e um lenço vermelho de Alcobaça, cruzado ao peito.

Era D. Joaquina Sampaio, tia de Fabio e senhora da pequena propriedade. Passava ella entre todos os parentes como rica, porque possuia esses dois palmos de terra e uns tres escravos. Com a sua rocinha, como ella lhe chamava, ia vivendo, pobremente sim, mas tranquilla e feliz.

Tudo ali era velho; a casa, as arvores, a dona

e os escravos. A mocidade só brilhava no renovo das plantas e no semblante dos dois amigos, que passavam habitualmente o domingo em companhia da velha.

— Vocês hoje não têm muita fome! disse D. Joaquina apenas avistou os dois moços.

— Ao contrario minha tia, trago duas fomes em vez de uma; respondeu Fabio.

— Pois não parece. Já o sol está entrando pela casa, replicou a senhora mostrando a restea no pavimento da sala.

— E' tarde com effeito! disse Ricardo.

O moço levára machinalmente a mão ao bolso do collete para tirar o relógio; mas reprimiu o movimento involuntario, enquanto um sorriso triste lhe fugia dos labios. Tivera á dias necessidade de pagar algumas dividas impertinentes. Era preciso vender o cavallo ou o relógio; preferiu desfazer-se deste ultimo traste. Que lhe importava saber com exactidão as horas, si ellas não lhe traziam nenhuma felicidade?

O almoço era frugal como de costume. Café com leite muito bem feito; tres pães, um para cada pes-

soa, e excellentes bananas maçãs. Todos os domingos punha-se invariavelmente no meio da mesa uma grande manteigueira de louça azul, como era o resto do apparelho. Fabio nos primeiros tempos destampava sem cerimonia a manteigueira e empastava a fatia; mas acabou-se a primeira porção e só restava a crosta ligeira que fica adherente ás paredes da louça. Ricardo fez-lhe comprehender que não deviam se tornar pesados á excellente senhora, cuja hospitalidade era offerecida de tão bom coração. Desde esse dia a tampa da manteigueira cahiu como a lousa de um tumulo, para não mais se abrir. Posta no meio da mesa ella não era mais do que um symbolo ou um emblema; attestava a decencia do almoço, pois na opinião da dona da casa não havia mesa capaz sem manteiga.

No domingo em que estamos, D. Joaquina fez uma surpresa á seus hospedes. Havia quatro ovos quentes.

— Oh ! exclamou Fabio alegremente. A Nanica brillhou desta vez.

— Estes sobraram de uma duzia que estou guardando para tirar uma ninhada.

— E' verdade, minha tia. Havemos de fazer uma sociedade para ficarmos ricos de repente. Conheço um americano que inventou uma machina de chocar ovos...

— Já sei; para tirar os pintos sem gallinha.

— Ora! Isso não vale nada. A minha machina é cousa mais sublime: olhe, minha tia; mette-se um ovo, um ovo só. Tres dias depois abre-se a porta da machina, e enche-se a capoeira de gallos, gallinhas e frangos.

— Grandes?

— Pois então? Manda-se vender á cidade a primeira capoeira. Mas como as gallinhas antes de sabirem da machina pozeram lá os ovos, e estes já estão feitos gallinhas, é um não acabar!

A velha ria-se ás gargalhadas das pilherias do sobrinho; e assim iam temperando o almoço com o sal da alegria e do prazer, que é sem duvida o melhor adubo.

A ligação intima e sincera que havia entre os dois moços era mais do que amizade, era uma affeição fraternal, que o casamento de Fabio e Luizinha devia mais tarde consagrar. Pela idade,



como pela gravidade do character e superioridade da intelligencia, Ricardo exercia sobre o amigo a doce autoridade de um irmão mais velho ; a autoridade do exemplo e do conselho.

Estas relações tinham começado havia seis annos na cidade de S. Paulo, onde habitava Ricardo com sua familia. No anno em que o talentoso estudante ia concluir o seu curso e formar-se, Fabio, muito mais moço, matriculou-se na faculdade. Apesar dessa circumstancia que os devêra separar logo no principio de seu conhecimento, a amizade estreitou-se entre os dois. O meigo sorriso de Luizinha foi naturalmente o fio dourado que teceu essa mutua affeição.

Havia tres mezes que Fabio se tinha formado. Para elle o prazer que sempre desperta esse dia no coração do estudante veio travado de saudades. Sua pobreza não lhe permittia realizar o voto mais querido de sua alma ; tinha de separar-se de Luizinha, para recolher á côrte, ao seio da familia. Ia trabalhar na esperança de adquirir uma posição, modesta, mas decente,

para offerecer á companheira de sua existencia. Os dois corações soffreram com a ausencia, mas resignaram-se.

Ricardo de seu lado reconhecêra que em S. Paulo não poderia, apesar de seu talento, obter os recursos indispensaveis para assegurar o futuro da numerosa familia que pesava sobre elle, depois da morte de seu pae. Aproveitando a occasião, veio com Fabio para a côrte tentar fortuna.

Estabeleceram-se ambos, como advogados. Obtido o escriptorio, posto o nome na porta e feitos os annuncios, esperaram pelos clientes. Nos tres mezes decorridos, conseguira Ricardo quatro causas gratuitas, que por grande obsequio lhe arranjára um procurador. Apenas lá de tempos á tempos, uma inquirição, ou algum requerimento, ia ajudando á compensar as despesas.

Os dois amigos supportavam sua pobreza nobremente. As vezes Fabio, mais desabusado, sustentava umas idéas materialistas, como aquellas que exprimira durante o passeio; mas Ricardo,

que não transigia em materia de escrupulo e honestidade, combatia taes aberrações do espirito de seu amigo; e destruia a influencia nociva que o mal poderoso e laureado exerce sobre as almas cuja tempera não é bastante forte para resistir-lhe.

A semana passava-se na expectativa illusoria dos clientes que não vinham, ou na meditação de um estudo obrigado e sem estimulos. No sabbado, os dois amigos tomavam a gondola de Andarahy, com o fim de aceitar de D. Joaquina uma hospitalidade offerecida com o maior gosto e satisfação. Para a excellente senhora enterrada viva naquelle retiro, a chegada de Fabio e seu companheiro era uma visita do mundo áquella solidão, donde não sahia sinão de anno em anno. O contacto daquella mocidade a remoçava; ella escutava com admiração a palavra inspirada do talentoso advogado, ou ria das graças do sobrinho.

Ricardo possuia em S. Paulo um cavallo, o *Galgo*, ao qual muito se afeiçoára. Mudando-se para o Rio de Janeiro não se animára a ven-

del-o ; trouxe-o comsigo. Ignorava quanto é dispendioso na côrte o trato de um animal. Sem duvida seria obrigado a separar-se do *Galgo*, si Fabio não pedisse á tia para conserval-o na sua rocinha da Tijuca. Assim pouco se aproveitava o dono do seu cavallo; porém obtinha conserval-o, esperando melhores tempos.

Os dois amigos partilhavam igualmente os serviços do cavallo, e o *Galgo* parecia comprehender essa commuidade, porque os considerava á ambos como senhores, embora respeitasse mais a Ricardo.

No sabbado, quando subiam a serra, um por seu turno montava o *Galgo*, emquanto o outro ia á pé com a fresca, até que o cavallo tendo chegado á casa, vinha-lhe ao encontro para poupar-lhe um resto de caminho. Na segunda-feira pela manhã, voltando para a cidade, revezavam igualmente.

O domingo era repartido da mesma fórma; um desfructava o passeio da manhã, o outro da tarde. Si pois o *Galgo* descansava durante os quatro dias da semana, nos outros fazia soffri-vel exercicio.

Fabio, de genio descuidado e folgazão, ás vezes abusava, fazendo proezas com o *Galgo*; mas Ricardo cohibia as travessuras, moderando o ardor do amigo. Disto nunca resultava a menor desconfiança entre ambos. Nessa boa e verdadeira amizade um punha em communhão o sorriso, o outro o conselho; um era a alegria e a esperança; o outro era a consolação e a fé.

Depois do almoço, emquanto a velha foi rezar, como de costume, Fabio tomou a espingarda. Ricardo, sentando-se á janella, abriu o album e entreteve-se a desenhar. Primeiramente coloriu a figura do pequeno arbusto, parte de memoria, e parte á vista do galho que tinha quebrado.

Emquanto se occupava com esse trabalho, a mente repassava as recordações da scena recente, e da posição em que o sorprendêra a moça á cavallo: com essas lembranças vinham de envolta as saudades das pessoas á quem amava, e de quem se achava ausente. Quando as veria para contar-lhes todos esses pequenos incidentes de sua vida, para referir-lhes essa longa historia de uma esperança tão anciada!

Como não se haviam de rir aquelles entes por quem se estremecia, quando soubessem dos beijos ardentes que elle dera na florinha agreste; e da risada desdenhosa que de repente o chamára á realidade!

Passou-lhe pela idéa traçar o quadro de Guida como elle a vira. Sua familia teria curiosidade de conhecer essa moça de que Fabio naturalmente havia de contar as travessuras. Insensivelmente o lapis começou a traçar no papel o primeiro e leve esboço do quadro que lhe ficára gravado no espirito plastico.

Ricardo nunca aprendêra desenho com mestres da arte. Sentira em si a intuição da fórma, e cultivára essa disposição natural, guiado pelas proprias observações. Não teve necessidade de que lhe ensinassem as regras da perspectiva; pois as tinha diante dos olhos nas paisagens que se desdobravam pelas lindas varzeas de S. Paulo.

Deus creou tres linguagens para o artista; a linguagem da fórma, a pintura; a linguagem dos sons, a musica; e a linguagem da palavra,

a poesia, de todas a mais sublime porque falla não só ao coração, como á intelligencia.

Ricardo era um poeta da fôrma ; elle fazia versos com as côres. Suas impressões, debuxava-as sobre o papel em imagens, retratadas ao vivo. Copiava-as da memoria onde ficavam estampadas como em uma lamina photographica ; depois a imaginação bordava á lapis com essas recordações algum soneto ou alguma ode, correctos no desenho, brilhantes no colorido.

Os contornos geraes do quadro já estavam delineados ; via-se em traço quasi desvanecido a moldura da folhagem entrançada de grinaldas amarellas ; a estampa do soberbo cavallo isabel ; e o lindo perfil da amazona cujo véo se enrolava ao sôpro da brisa.

Sentindo que Fabio se aproximava, Ricardo voltou a pagina do album ; e disfarçou esboçando figuras grotescas em uma folha solta. Si o amigo visse o quadro adivinharia quem era a moça ; seria necessario referir a scena dos beijos. Ora, Ricardo tinha vexame de contar essa infantilidade de seu coração ; e sobretudo á Fabio,

que elle considerava como um irmão mais moço. A' sua mãe não duvidaria contar, em um momento de ternura, e depois de decorrido algum tempo. Um coração de mulher comprehende certas delicadezas, que parecem ridiculas ao espirito de um homem; ainda mais quando esse homem é um moço de genio prazenteiro, como era Fabio.

O resto do dia passou como de costume, repartido entre a conversa, a leitura, o banho, o jantar e o jogo da paixão de D. Joaquina, a bisca céga.

A' tarde, Ricardo á quem tocou a vez, arreou o *Galgo*, e foi dar um passeio, enquanto Fabio sahia á pé sem destino, em busca de alguma companhia para passar a noite.

Seriam 6 1/2 horas da tarde. Apenas um doce reflexo de ouro tingia o cume das mais altas montanhas. A suavidade do crepusculo deramava-se na atmospherá. E' encantador esse adeus do dia quando se despede da formosa serraria da Tijuca. O céu, despindo o fulgor da luz, mostra a limpidez e transparencia do puro



azul, seio infindo onde a alma se embebe, como o filho no collo materno.

Ricardo vinha entregue ao enlevo da contemplação da tarde, quando ao dobrar uma volta do caminho achou-se deante de um rancho de moças, que andavam passeiando. Entre todas distinguia-se, pelo talhe esbelto e gracioso, uma, vestida de seda escosseza, desde a botina até as fitas do cabello.

Deante della corria, saltando e latindo, uma cachorrinha felpuda, muito alva, com brincos de ouro e uma colleira de velludo; mas apenas percebeu o cavalleiro atirou-se ao *Galgo* para mordel-o no jarrete.

Ricardo tendo reconhecido a Guida, suppoz que a cachorrinha era a mesma da historia contada por Fabio, a Sophia. Mais aborrecido ficou ainda com o impertinente animal, que investia furioso contra as pernas do cavallo.

A situação nada tinha de agradavel; o caminho era estreito; de um lado o despenhadeiro, do outro a montanha cortada á pique. O *Galgo*, fioso, e irritado com a insultante ameaça do

cão, encrespava-se, lançando fogo pelas narinas. Ricardo, excellente cavalleiro, conseguiu dominar o primeiro impeto, e tocando no chapéo disse para as moças que se tinham posto ao abrigo subindo a ribanceira da montanha :

— Acho bom chamar o cãozinho !

A Guida deu um estalo com os dedos :

— Cá, Sophia.

— Deixe ! disseram as outras rindo.

Pensavam que Ricardo tinha medo do cavallo ; e queriam divertir-se com a quéda. Não se lembravam, que naquelle logar, á borda de um despenhadeiro, podia ser fatal.

Sophia ouvira a voz da senhora ; mas com o seu privilegio de cão mimoso desobedeceu ; e investiu contra o *Galgo* com maior sanha. Ella estava acostumada áquelle brinquedo ; já tinha mordido o jarrete de muitos cavallos ; atirando ao chão os cavalleiros, para divertimento da senhora e suas amigas.

Ricardo vendo a inutilidade de sua recomendação, deu largas á colera do *Galgo*. O brioso cavallo juntou, e atirando-se para a frente de

um salto, arremessou o couce. A cachorrinha foi cair no fundo do precipicio; sem tempo sequer de soltar um gemido de dôr.

— Sem duvida morreu! disse uma das moças.

— A culpa é della. Si não fosse tão teimosa! observou Guida.

Passando pelas senhoras, Ricardo cortejou:

— Queiram desculpar, minhas senhoras; este cavallo é um provinciano; ainda não tem maneiras cortezãs.

A' noite, antes de dormir, Fabio dava risadas gostosas ouvindo o episodio do passeio.



Decorreu mais de um mez.

Durante esse tempo Ricardo passou com seu amigo tres domingos na Tijuca. De cada vez o acaso o fizera encontrar a Guida quando mal pensava.

A primeira vez foi na manhã do domingo que seguiu-se ás scenas referidas.

Ricardo sahira no *Galgo* á passeio. Tomando para o lado da cascatinha, que as chuvas dos ultimos dias tinham enriquecido, lembrou-se o moço de subir até a Floresta, um dos mais lindos sitios da Tijuca. O nome pomposo do logar não

é por ora mais do que uma promessa ; quando porém crescerem as mudas de arvores de lei, que a paciencia e intelligente esforço do engenheiro Archer tem alinhado aos milhares pelas encostas, uma selva frondosa cobrirá o largo dorso da montanha, onde nascem os ricos mananciaes.

Viva imagem da loucura humana ! Refazer à custa de annos, trabalho e dispendio de grande cabedal, o que destruiu em alguns dias pela cubiça de um lucro insignificante ! Aquellas encostas seccas e núas, que uma plantação laboriosa vae cobrindo de plantas emprestadas, se vestiam outr'ora de matas virgens, de arvores seculares, cujos esqueletos carcomidos ás vezes se encontram ainda escondidos n'alguma profunda greta. Veiu o homem civilisado e abateu os troncos gigantes para fazer carvão ; agora, que precisa da sombra para obter agua, arroja-se á inventar uma selva, como si fosse um palacio. Hontem carvoeiro, hoje aguadeiro ; mas sempre a mesma formiga, abandonando a

casa velha para empregar sua actividade em construir a nova.

Ricardo pensava pouco mais ou menos neste sentido, enquanto ganhava a ponte da Cascatinha, com intenção de subir até a Floresta. Mas essas preocupações se desvaneceram completamente diante do quadro arrebatador que se offerecêra á seus olhos.

Brancos lenções de espuma se desdobravam pelas escarpas do rochedo, como as pregas de alvo manto fluctuando sobre as espaldas de Agar, a africana. A vegetação se debruçando de um e outro lado, derrama sobre a cachoeira uma sombra doce, que torna mais negra a pedra, e mais candida a espuma.

Ha cascatas muito mais ricas e abundantes do que essa, não só na grande massa das aguas, como na vastidão e aspereza dos penhascos. Têm sem duvida aspecto mais soberbo e magestoso; inspiram n'alma pensamentos mais graves e sublimes.

A Cascatinha da Tijuca porém prima pela graça; não é esplendida; é mimosa; em vez da pompa

selvagem respira uma certa gentileza de moça elegante; bem se vê que não é uma filha do deserto; está á duas horas da côrte, recebe frequentemente diplomatas, estrangeiros illustres e a melhor sociedade do Rio de Janeiro.

Assim não se despenha ella com a furia de uma serpente, mas com a indolencia com que uma senhora da moda se derreia no recosto do divan. Sua voz não é um trovão, mas um rumorejo que embala docemente o coração. Perto della sente-se no ar o halito fresco das aguas que se esfolam: e não a constante neblina produzida pelos borbotões que se desfazem em pó com a violencia do choque.

O joven advogado tinha contemplado muitas vezes a Cascatinha; e até já possuia em seu album uma aquarella da formosa paisagem; mas nunca a vira tão abundante d'agua, tão enfeitada e casquilha. Projectou voltar á pé, depois do almoço, para tirar outra vista. Assim teria a Cascatinha em traço de festa, e em desalinho.

Uma voz soou á pouca distancia :



— *Oh! beautifull! very beautifull!* —

Ricardo estava no centro da ponte, com o cavallo atravessado, para ver de frente a cascata. Conhecendo que outras pessoas se aproximavam fez voltar o animal para dar-lhes passagem. Este movimento collocou-o em face de Guida, que chegava.

A moça tinha o mesmo traje de amasona que no domingo passado; mas em vez de serem de camurça amarella as luvas eram de *poil de chèvre* côr de castanha e o chapéo de palha de arroz com um véo branco. Salvas essas ligeiras modificações do vestuario, que naturalmente escaparam aos olhos do moço, era a cópia viva do quadro, que lhe apparecera á borda do caminho, oito dias antes. A moldura sim, era differente: os florões dourados dos corimbos da aroeira foram substituidos pela negra e musgosa cercadura do rochedo.

Os olhos de Guida e Ricardo se encontraram.

Reconhecendo-a, o moço envolveu-a com o olhar, um desses olhares ardentes e profundos, que embebem em si os objectos, como

um molde, para depois vasal-os dentro d'alma. Olhar de poeta ou de artista, que esculpe na memoria as estatuas, os relevos, e arabescos, da natureza; donde os copia depois a imaginação em poemas, em harmonias, em raios de luz. Esse olhar tem alguma cousa do cinzel que talha; e da lava ardente, que se coalha e vitrifica sobre os objectos.

Guida, que trazia nos labios o sorriso gracioso, perturbou-se, e desviou a vista corando. Pareceu-lhe descobrir naquella expressão estranha do olhar de Ricardo uma exprobração pela scena do domingo anterior.

Conhecendo que tinha vexado a moça Ricardo arrependeu-se do seu movimento de curiosidade artistica. Da ultima vez que estivera na Tijuca desenhára de memoria a scena do seu primeiro encontro com Guida; julgou porém impossivel dar á figura da moça os traços da physionomia encantadora, que elle apenas vira tão de relance. Offerecendo-se essa occasião de ver Guida de mais perto e demoradamente, quiz decorar-lhe as feições.

A delicadeza d'alma do advogado comprehendera o acanhamento da moça, embora o attribuisse á causa differente. Por isso cuidou em afastar-se d'ali. Fazendo o *Galgo* voltar sobre os pés, cortejou de longe e subiu na direcção da Floresta.

Durante esta rapida scena, mrs. Trowsby, enlevada deante da cascata, não cessava de expandir a sua admiração em exclamações patheticas, semelhantes ás que lhe ouvimos em principio. A poetica imaginação da ingleza quiz infundir um raio do seu enthusiasmo no companheiro, o nosso conhecido Sr. Daniel. Mas perdeu seu tempo ; o portuguez era feito de musculo e osso ; por conseguinte impenetravel á poesia, como um capote de borracha é impenetravel á agua.

Foi no momento de afastar-se, que a ingleza reparou no moço :

— Este não é o sujeito que ia matando Sophia ? perguntou em inglez.

— Creio que é !

— Que monstro ! exclamou mrs. Trowsby com o horror que lhe inspiraria um tigre.

— Elle não teve culpa. Depois é que vi; podia o cavallo atirar-se no despenhadeiro.

— Era bem feito; para que anda em um cavallo tão fogoso?

— Mas é muito bonito! Não acha, mrs. Trowsby?

— Oh! Não tem comparação com *Edgard*!

— *Edgard* é um cavallo de preço, um cavallo de raça; tem a estampa mais vistosa e elegante; porém acho o outro mais bonito! Olhe a graça dos movimentos. Como é vivo e faceiro! Como brinca! Está-se vendo a alegria nos seus olhos, e no garbo com que move o pescoço.

Guida fallava seguindo com o olhar o *Galgo* que subia o primeiro lanço da estrada.

— Si não possuísse esse lindo isabel havia de achá-lo magnifico!

— Ora, mrs. Trowsby! Não é por isso. Ache *Edgard* esplendido, incomparavel: tudo que a senhora quizer; mas não gosto desta frieza; um cavallo que não sabe brincar, sempre grave e empertigado como um ministro em audiencia.

Dobrando o segundo lanço da estrada em zig-zag, viu Ricardo que a moça tomava a mesma direcção; naturalmente ia como elle até á Floresta, ou máis acima ao pico da montanha que tem a fôrma e o nome de Bico do Papagaio.

Essa coincidência incommodou o joven advogado. Porque? Si tivesse de explicar, naturalmente não lhe acudiria a razão; e por uma circumstancia muito simples, porque não existia. Com effeito não fôra um motivo distincto, susceptivel de apreciação, o que actuára em seu espirito; porém unicamente certas repugnancias que ás vezes despertam em nosso espirito á respeito de um facto. E' uma especie de anthipathia.

A possibilidade de successivos encontros, a facilidade de se verem de longe, subindo os lanços da estrada em zig-zag; e finalmente essa communitade de passeio, embora fortuita; todas essas circumstancias confusas, indistinctas, calaram no animo de Ricardo uma subita contrariedade. Reflectiu que a Floresta era distante, e, a não ir de corrida, chegaria tarde para o

almoço ; ora passeiar para elle não era correr e sim contemplar.

O resultado dessas reflexões foi apear-se o advogado, puxar o cavallo para uma vereda que vae ter ao cimo da cascata. Ahi occulto pela folhagem ouviu o tropel dos animaes que passavam. Quando presumiu que já estivessem bem longe, tornou a cavalgar, e descendo o caminho da cascatinha, foi acabar o seu passeio interrompido na bella estrada que vae ter ao Jardim Botânico.

Fabio esperava-o para o almoço, deitado em uma esteira no terreiro da casinha, enquanto D. Joaquina andava apanhando umas goiabas maduras para a merenda. O praticante de advocacia tinha brilhado naquelle dia ; empregando a manhã na caça de passarinhos, trouxera uma duzia de rôlas, que chiavam no espeto, trescando perfumes estranhos naquellas lares acostumados ás refeições frugaes.

O outro encontro fôra no mesmo logar da primeira scena.

Subia Ricardo á pé ; e tomára involuntaria-

mente, pela força do habito, o caminho que seguira da vez passada. Chegando ao ponto onde estivera desenhando sobre a grama, procurou o arbusto, que ainda estava coberto dos seus botões de ouro : apenas duas flôres desabrochadas brilhavam sobre o ramo verde escuro.

Notou o moço que junto á planta estava o chão pisado por casco de cavallo ; mas não deu grande attenção á essa circumstancia, tão vulgar em um sitio onde frequentemente andam animaes soltos.

Abriu o album na pagina em que desenhára a scena do primeiro encontro da moça ; e cotejando-a com o sitio, corrigiu alguns traços do arvoredado, não porque elles prejudicassem a belleza do quadro, mas por um capricho de artista. A paisagem era uma cópia e não uma fantasia ; queria que fosse o mais exacta possivel.

Tinha concluido esse trabalho e estava examinando os botões de ouro e as flôres abertas, quando repercutiu o tropel de uma cavalgata. Eram com effeito diversas pessoas, senhoras e homens, que iam de passeio, rindo e conversando.

Fitando os olhos no caminho, Ricardo viu a Guida, que também o percebera. Ou fosse espanto de *Edgard*, ou descuido da gentil amasona no governo das redeas, ou qualquer outra circumstancia; o lindo isabel ao passar em frente do moço tinha-se desviado do caminho, penetrando no matto, com direcção ao arbusto.

Descobrimo porém o moço, Guida com sua habitual destreza corrigiu o desvio do cavallo, e fustigando-o com um movimento de contrariedade, ganhou a frente da cavalgata, que desapareceu n'um turbilhão de poeira.

— E a flôr, Guida? perguntou uma das moças.

— Não achei!

Ricardo comprehendeu então o movimento da elegante amasona e a circumstancia que á principio notára de rastos de cavallo junto ao arbusto: a ferradura ingleza fina e um tanto oval estava denunciando a pata aristocratica de *Edgard*.

Pensou que a filha do millionario também gostava da linda flôr agreste. E quem não se agradaria daquelles aljofares graciosos? Para ella sobretudo deviam ser de um encanto especial;



não tinham a côr do ouro, essa côr seductora que a natureza destinou para o sol e o dinheiro, os dois clarões que deslumbram, um a vista, outro a alma ?

Naturalmente a moça já conhecia a flôr antes do primeiro encontro ; passando procurava-a com os olhos, quando o descobriu á elle Ricardo, na posição ridicula de um namorado de novella antiga, beijando o cravo que lhe atirou da janella a dama dos seus pensamentos.

Agora a Guida encaminhara o cavallo para o arbusto afim de colher um ramo ; mas avistando o importuno passeiador, desistiu, disparando a galope.

— Esta moça, disse Ricardo rindo-se interiormente, ha de me considerar como uma especie de borboleta preta !

Depois do almoço, estando o sol muito quente, Fabio deitou-se a ler no quarto, e Ricardo, tomando a sua caixa de tintas, foi trabalhar junto á janella. Continuou a colorir o quadro que representava a Guida, e cujos traços elle havia corrigido pela manhã. As feições da moça si

não eram de uma semelhança perfeita, recordavam sem duvida a gentileza de sua physionomia.

Seriam onze horas do dia ; fazia uma calma abrasadora. D. Joaquina e as pretas estavam recolhidas lá para o interior ; Fabio, contra o seu costume, lia tão placidamente que causava suspeitas. Tudo na casa estava em silencio. Fóra, o *Galgo* tosava uns tufos de capim mellado ; e a Nanica ciscava no terreiro em companhia de um gallo e de um pinto.

A janella junto da qual trabalhava Ricardo era de tacaniça, onde havia sombra ; dahi não se enxergava a frente da casa, nem a rua de cafeseiros e abacates que ia dar á cancella da entrada ; por isso não pôde elle ver um grupo de cavalleiros que, parados no caminho, espiavam para descobrir alguma pessoa da casa.

Afinal avistaram uma das pretas velhas que sahira a apanhar gravetos para o fogo.

— Vem cá, mãe ; você nos dá um pouco d'agua ? disse um dos cavalleiros.

— Sim, meu senhor ; pôde entrar, respondeu a preta velha abrindo a cancella.

Os cavalleiros invadiram a propriedade de D. Joaquina; a maior parte porém ficou á sombra das arvores; apenas alguns mais impacientes se aproximaram da porta, afim de esperar a agua. Essa impaciencia não era produzida tanto pela sêde que elles tinham, como pelo desejo de cada um em ser o primeiro á servir uma linda amazona, que esperava á sombra de uma lorangeira.

— Duvido que a tal velha tenha agua bastante para matar a sêde de tanta gente! observou um cavalleiro.

— Felizmente o rio passa perto.

— O melhor é irmos logo á elle; que dizes, Guimarães?

— Que especie de copo nos trará a preta? Aposto que alguma chicara!

— Agua em chicara!

— Senhores, esta casa está bem boa para uma fogueira de S. João. Não acham?

— E' mais velha que a Tijuca.

— Quem morará aqui?

— Alguma velha caraça do seculo passado.

— Segundo tomo da sujeita dos cambucás!

Estes ditos mais ou menos chistosos, entremeados de risos, eram proferidos com intenção de divertir a gentil amasona. Mas esta, inteiramente distrahida, estivera olhando com attenção o *Galgo* que se aproximára da cerca do pasto, apenas percebera a chegada dos outros animaes: depois examinára a casa com uma expressão de surpresa desagradavel.

O cavallo, sentindo as redeas frouxas, andára alguns passos, o que o aproximára do canto da casa. Os olhos da moça cahiram sobre a janella, junto á qual Ricardo estivera trabalhando. O album aberto ficára encostado á hobreira onde o desenhista o pozera para seccar as tintas, antes de dar-lhe os ultimos toques. Não apparecia o busto do moço; ao rumor das vozes na porta tinha-se elle voltado, e procurava distinguir a falla das pessoas.

O primeiro movimento da menina foi recuar o cavallo; porém seu olhar tinha descoberto na pagina aberta do album a paisagem recentemente pintada. Ella teve um presentimento; e correu a vista rapida por seu talhe, veri-

ficando a semelhança que do primeiro relance se lhe afigurára.

Era o mesmo roupão verde escuro ; o gracioso chapéo de castor cor de perola ; e as luvas de camurça amarella. A estampa de *Edgard* completava a sua figura de amasona.

Nesse momento Ricardo, erguendo-se, descobriu o vulto da moça ; ella corou reconhecendo a sua indiscrição ; mas não obstante um olhar affouto interrogou o semblante do advogado, fitando-se alternadamente nelle e na paisagem.

Ricardo cortejára polidamente a moça, mas com esse movimento chegou-se quanto pode á janella e disfarçadamente occultou o album.

— Estamos esperando a agua que foram buscar! disse a voz maviosa de Guida, como uma desculpa, ou um pretexto para sahir da situação em que o acaso a collocára.

— Ah! com muito prazer.

Voltando o album com o movimento que lhe imprimira furtivamente o braço, Ricardo collocou-o fechado sobre a mesa e recolheu-se ao interior para mandar trazer a agua. Tudo

isto foi executado de modo que se observaram as delicadezas devidas á uma senhora.

Guida, apesar da curiosidade immensa que tinha de ver a aquarella, se afastára modestamente.

Molhou os labios no copo d'agua que lhe apresentou um dos cavalleiros; e lançando um ultimo olhar á velha casa e ás velhas arvores que a rodeavam, partiu á todo o galope. Debalde os companheiros de passeio se esforçaram por alcança-la.

No domingo seguinte voltando Ricardo da *Vista Chinezca*, soltára as redeas ao *Galgo* que esticava os musculos em um galope ligeiro.

De repente o animal retrahiu as orelhas finas e vivas: tinha ouvido o tropel de outro animal, que vinha atraz á alguma distancia, e tambem de galope. Pouco depois a estampa elegante de *Edgard* alongou-se pelo lado direito; e a Guida passou rapidamente voltando-se para vêr si o cavalleiro a seguia.

O *Galgo* acceitando o desafio que *Edgard* lhe tinha lançado na passagem, juntára para arro-

jar-se avante como uma flecha ; mas a mão firme do cavalleiro o soffreára, privando-o do prazer de dar uma lição ao fidalgo.

Era a quinta vez que Ricardo inesperadamente, por uma singular combinação do acaso, encontrava aquella moça. A Tijuca não é muito extensa em verdade ; mas offerece varios passeios e tem caminhos desenhados. Entretanto, em direcções oppostas, em horas differentes, com intervallos desiguaes, uma coincidência estranha aproximava os dois desconhecidos.

— Si eu fosse algum dos muitos apaixonados que hade ter esta moça ; dizia Ricardo comsigo e continuando o seu passeio ; havia de empregar os maiores esforços para preparar estes encontros casuaes: andaria de relógio na mão, espiando a hora em que ella costuma sahir de casa, estudando o programma habitual de suas excursões, a direcção que toma frequentemente. E apesar de tudo isto, e das boas corridas que daria á cavallo, muitas vezes havia de perder o meu tempo e a minha paciencia. Entretanto eu que já não possuo relógio ; que tenho apenas uma metade

de cavallo ; que saio de casa sem me lembrar de semelhante moça ; não venho mais á Tijuca um só dia, que não a encontre, uma e duas vezes. Caprichos da fortuna !

O moço conjecturou que a mestra e o criado, comitiva habitual da filha do millionario, tinham ficado atraz, e talvez á grande distancia. A Guida naturalmente seria obrigada a espera-los ; e portanto teria elle um segundo encontro.

— Nada ! pensou elle ; e parou á sombra de uma arvore.

Mas a ingleza e o seu companheiro não appareciam ; os minutos corriam ; e Ricardo surpreso, não sabia o que pensar, repugnando-lhe admittir a possibilidade de andar a moça sózinha por aquelles sitios desertos. Teria decorrido um quarto d'hora, quando resoou do lado opposto o galope do cavallo.

— Querem vêr que é ella que volta ? Não ha duvida !

Era Guida com effeito : tendo passado o cavalleiro, estimulada pelo prazer vivo da equitação ; arrependeu-se de haver deixado tão distantes os



seus companheiros. Resolveu espera-los. Naturalmente o moço não tardaria á passar; aquelle encontro, n'um ermo, a incommodava; mas ella já o conhecia como um homem delicado; demais a mestra não podia estar longe.

A demora inquietou-a. Temeu que alguma cousa houvesse succedido á mrs. Trowshy; e que então se achasse realmente só naquella solidão. Já não era de Ricardo que se receiava; mas do isolamento.

Por isso retrocedia de corrida o caminho percorrido.

Ricardo, apenas se persuadiu que era com effeito a moça, disparou a galope na direcção da *Vista Chinezca*, a vêr si escapava á novo encontro. Chegando á *Mesa* viu mrs. Trowshy sentada ao lado do Sr. Daniel conversando com o maior socego.

O advogado passou como um raio, o que fez a ingleza fingir um desmaio; imaginando algum joven salteador que a vinha raptar. O Sr. Daniel assegurou-lhe que os salteadores da Tijuca, chamados quinhombolas, furtavam bananas, galli-

nhas e outras cousas leves, mas não inglezas que pesassem dez quintaes portuguezes.

Nesse dia Ricardo chegou tarde para o almoço ; mas livrou-se de segundo encontro.

---

## VI

Do lado que olha para o mar, a serra da Tijuca apresenta um aspecto muito differente. As encostas que descem para o Andarahy, como os valles e eminencias que se encontram pelo dorso da montanha, tem a physionomia risonha e pittoresca ; são ondulações amenas, ou recortes caprichosos, que deleitam a vista.

Na outra face, a natureza é agreste ; dir-se-hia uma terra convulsa. O fogo subterraneo ferveu nas entranhas da terra ; e rasgando-lhe os flancos, arremessou aqui e ali pelas encostas

aquelles enormes calhãos ou massiços de rocha, fragmentos da primeira carcassa do globo.

A superficie da terra conserva ainda um aspecto combusto e arido; vê-se que por ahi passou a lava em tempos remotos. De espaço a espaço o trabalho do homem cobriu a encosta da montanha de plantações; mas entre esses pontos cultivados destaca-se ainda mais a bronca asperceza dos sitios agrestes.

No domingo em que estamos, Ricardo dirigiu o seu passeio á pé parâ aquellas bandas. Já tinha algumas vezes feito essa excursão até a *Cascata Grande*, um dos pontos mais frequentados pelas pessoas que passam o verão na Tijuca: naquelle dia porém tencionava ir mais longe, até á habitação de uma pobre gente, conhecida de D. Joaquina, e ás vezes por ella soccorrida em suas miserias. O saquinho da boa velha, apesar de escasso, tinha sempre uns vintens para as esmolas do sabbado.

Justamente na vespera, D. Joaquina recebêra por intermedio de algum quitandeiro um recado da pobre gente e exprimira a intenção de

mandar-lhe qualquer pequeno soccorro, como costumava. O advogado lembrou-se disso, quiz dar á seu passeio um fim caritativo : tinha na vespera recebido dez mil réis, como honorario por um requerimento. Estava rico ; podia pois alliviar dessa vez o saquinho de D. Joaquina daquella despeza.

Com este pensamento tomou ás seis horas da manhã o caminho da Barra.

Ahi, proximo á Restinga havia então, e talvez ainda exista uma cabana coberta de palha de sapê, com paredes de emboço. Em muitos lugares porém tinha cahido o barro, deixando entre as varas grandes buracos, tapados com ramas secas.

Esta choça miseravel ficava á algumas braças do caminho. Para chegar á porta, Ricardo tomou uma vereda que rodeava uma quebrada do terreno. Estendida em varas via-se á enxugar alguma roupa de chita e algodão, muito bem lavada, mas aberta em crivo de tão gasta e rasgada que já estava. Sobre o capim do terreiro estava emborcada alguma pouca louça

branca de beira azul, uma panella, uma frigideira e uma colher de páo.

Esse terreiro era, não chovendo, a lavanderia, a copa, a cozinha e a sala da pobre gente. A choça tinha apenas um compartimento, onde se accommodavam Simão, a mulher, e tres creanças.

Esse homem sustentava sua familia com o producto da pescaria, e de uma pequena plantação de bananas ; assim iam vivendo pobremente, mas sem grandes privações ; quando de repente tudo começou á desandar. O peixe fugia da tarrafa do pobre Simão ; as bananeiras começaram á mirrar ; e até os ovos da gallinha goravam ao menor ronco da trovoada.

O pescador era homem activo, incansavel no trabalho, porém character debil, que desanimava com os revezes. As continuas decepções o acabrunharam ; cahiu em uma prostração moral, muito mais perigosa do que a enfermidade do corpo. Convenceu-se de que o seu infortunio era um castigo do céu por algum peccado que commettêra ; e resignou-se á soffrer sem lutar.

— Não se resiste á Deus, mulher ! dissera elle.

A Gertrudes porém attribuia a desgraça ao quebranto que algum invejoso deitára á sua casa. Ella se lembrava que um dia passára por alli e pedira agua um inglez muito magro ; sem duvida chupado pelas almas do outro mundo. Desde esse dia tudo andava ás avessas dizia a mulher; porque o sujeito sahindo zangado com o pequeno que o chamára de *goddem* deitára á casa uma figa.

Entrando na choupana viu Ricardo o Simão deitado em uma esteira sobre a cama de varas da altura de um palmo apenas. A magreza extrema, a atonia e lividez do semblante, estavam indicando uma molestia grave. A mulher, sentada defronte em um toco de páo, scismava na sua vida ; enquanto descansava um momento da lida de cada dia. Era ella quem valia agora á desgraçada familia, com seu trabalho e sua diligencia.

— Então que é isto ? disse o moço correndo os olhos do marido á mulher.

— O Simão anda bem doente !

— Que tem ?

— Nada, nada, meu senhor. Isto vai assim mesmo até acabar de uma vez.

A mulher levantou os hombros :

— Ninguém lhe tira aquillo da cabeça.

— Mas o que sente ? perguntou Ricardo ao doente.

— Eu sei !

— E' assim uma fraqueza, que já nem se póde levantar ; respondeu a mulher. Ha uma semana que está ahí, nessa cama, que nem ata, nem desata.

— Não tem tomado remedio ?

— Que ha de tomar, meu senhor ?

Ricardo achou-se embaraçado na resposta; nada absolutamente entendia de medicina, sciencia aliás em que todos arranham seu tanto. Tirando da carteira uma nota de dois mil réis, po-la na mão da mulher do pescador.

— E' D. Joaquina que lhe manda !

— Deus lhe hade pagar á ella as esmolas que nos tem feito : disse a Gertrudes.



— E como vão agora? Tem sido mais felizes?

— Qual, meu senhor! O quebranto não nos deixa. A pescaria... não se falla; depois que Simão cahiu de cama, ainda eu fui deitar a rede com o pequeno; mas é á tôa! As bananeiras enfezaram de uma vez. Si não fossem uns pintos... Que para bem dizer não foram os pintos; mas a cachorrinha. Si não fosse isso, a gente já estava morta de fome.

— Então succedeu-lhe alguma cousa boa? Signal de que a fortuna está voltando.

— Foi boa e foi má; porém no fim de contas sahiu pelo melhor. Imagine o senhor que á muito custo eu tirei uma ninhada de pintos, que estavam se criando muito esper-tinhos. Sempre eram uns cobrinhos... Mas um dia appareceu aqui uma moça á cavallo, bem vestida, com uma velha gorda e mais um portu-guez que é um espirro de gato. Elles já tinham passado na vespera e estiveram fallando com o pequeno. Então salta do collo da moça uma cachorrinha, e vae-se aos pintos e mata a todos, um por um.

— Uma cachorrinha branca felpuda, que tem brincos de ouro?

— Isso mesmo. O senhor conhece? E' muito bonitinha; mas tambem nunca vi uma demoinha assim.

— Então matou-lhe os pintos?

— Um por um. E a moça ria que era um gosto, dando estalinhos nos dedos; mas depois que a cachorrinha acabou de matar os pintos, então a senhora ficou muito zangada, e ralhou bastante com ella. Disse que tinha pena do que succedêra; e mandou entregar á Simão um dinheiro para pagar os pintos. Foi dinheiro que chegou para a gente viver até agora.

— E depois? A moça?

— Esteve atirando no capim umas moedinhas de prata; a cachorrinha de aposta com os pequenos corria para apanhar: aquelle que achasse ganhava. Uma vez o Pedrinho quiz tomar da cachorrinha; mas ella ia mordendo-o na mão. Si não fosse a moça que acodiu tão depressa com o chicotinho!

Emquanto Ricardo conversava com a Gertrudes,

e o Simão ouvia mergulhado no mesmo torpor, dois meninos e uma menina, acocorados á um canto, cochichavam entre si. A penuria tinha apagado naquellas creanças a vivacidade natural da infancia. Havia no seu gesto e semblante um espasmo de tristeza, que affligia.

Esfiando a vista pelo buraco da parede, as creanças se agitaram com certa curiosidade tímida, despertada por alguma cousa que tinham visto. O rumor de passos de animaes indicava a chegada ou passagem de pessoas á cavallo.

— Mamãe ! disse uma das creanças.

— A moça !... acrescentou a outra.

Gertrudes reclinou-se, para estender a vista pela abertura da porta. Ricardo imitando seu movimento reconheceu Guida, acompanhada pela habitual comitiva.

O moço ergueu-se contrariado.

— Adeus. Voltarei depois.

— Não quer vêr a moça ? Ella é bem bonita.

— Já a conheço ; e por isso não quero que me encontre aqui. Sahirei pelo fundo.

— Mas então o melhor é ficar aqui dentro porque ella não se apea.

Nisto a Gertrudes que se chegára á porta voltou ao moço :

— Ora, está vendo ! Que artes desta moça !

A Guida tinha dirigido *Edgard* para o lugar onde estava á secar a mesquinha louça da pobre gente : e o elegante cavallo divertia-se em espedaçar desdenhosamente com a pata cada um dos pratos.

Os meninos assistiam á scena admirados ; Guida ria-se como uma creança ; a ingleza despedia da garganta uma cascata de *ohs!* e o Sr. Daniel impassivel estava mentalmente calculando o custo da louça quebrada.

Ricardo viu esta scena pelas fendas da choupana. Quando não houve mais nada á quebrar, Guida, soffrendo com força o cavallo, exclamou com um fingido assomo de máo humor :

— Este cavallo é insupportavel ! Está sempre fazendo destas ! Não posso mais atura-lo !

A mãozinha afilada vibrou o chicote com força. *Edgard* sahindo de sua habitual impassivi-

bilidade, começou á pinotear ; o que espalhou a mestra, o portuguez e as creanças cada um para seu lado. O resultado dessa escaramuça foi atirar ao chão a vara da roupa, que o lindo isabel despeitado pisou acabando de esgarçar com os cascos aquelles andrajos.

— Tome, Daniel, dê á esta gente ; é para pagar o estrago que fez o cavallo.

A Guida tirára de uma carteirinha de tartaruga uma nota de cincoenta mil réis.

— Mas agora me lembro ; talvez elles não tenham louça para comer hoje. Mande o moleque comprar !...

— Não é muito, senhora ?

— Sr. Daniel, eu não pedi a sua opinião.

O Daniel abaixou a cabeça.

— Onde está sua mãe ? perguntou a moça á uma das creanças.

— Estou aqui, senhora dona.

— Já sabe o que fez este cavallo mal educado ?

— Vi, sim senhora. Foi como da outra vez a cachorrinha com os pintos !

— E' verdade ! Fiquei depois tão arrependida de a ter trazido !

Miss Trowsby atalhou em francez, com um olhar de exprobração :

— *Allez ! Vous l'avez fait exprès, par mechanceté !*

— *Mais non !* disse a Guida sorrindo : e voltou-se para continuar a conversa com a mulher.

— Sabe ! A Sophia depois daquella travesura quasi morreu !

— De que, gentes !

— Quiz morder o cavallo de um moço que passava, e levou um couce que a atirou da montanha abaixo.

— Jesus !

— Foi bem feito para não ser tão travessa. Ainda está de cama.

— E' como o meu companheiro. Vive ali espichado, que não se levanta mais.

— Ah ! Seu marido está doente ? De que ?

— Ninguem sabe, depois que o peixe lhe fugiu da rede começou assim á desandar.

— Onde está elle ? Chame-o.

— Qual ! Não pôde comsigo.

— Chame sempre.

O Simão á custo arrastou-se até á porta da choupana.

— Ó senhor amanhã hade levar peixe em nossa casa. Olhe lá.

— O peixe conhece as minhas tarrafas. E' á tóa.

— Verá. Eu sou muito feliz ; obtenho tudo que desejo. Basta que eu lhe encommende o peixe, para o senhor tirar a rede cheia.

— Mas é castigo, senhora.

— Castigo de estar ahi deitado, sem fazer nada ; enquanto a pobre da mulher se amofina de trabalhar.

— Mas elle está doente ! acodiu Gertrudes.

— Doente de manha !

Guida lançou o cavallo contra o pescador, que, vendo-se ameaçado pelas ferraduras de *Edgard*, arrancou-se á prostração para recuar de um salto, com uma rapidez aliás desnecessaria ; porque a mão firme da moça obrigára o cavallo á gyrar sobre os pés.

— Não vê como elle salta? disse Guida soltando uma risada. Que vergonha! Curtindo a preguiça emquanto os filhos e a mulher não têm que comer!

A moça chamou o menino mais velho:

— Venha cá, menino. Amanhã tome a rede e vá pescar, já que seu pae de nada serve.

O pescador deu no ar um safanão; apanhou a tarrafa ao canto e foi resmungando estende-la na cerca ao lado da choupana; Daniel chegou-se á elle para tratar á respeito da louça quebrada; e a Guida despedindo-se partiu com a mestra.

Ricardo do interior da choupana ouvira todas as palavras da moça, e por varias vezes enfiando os olhos entre as fendas da taipa estudara a expressão daquella physionomia encantadora, que lhe apparecia então como uma especie de mytho.

Havia com effeito nas acções e nas palavras da moça alguma coisa de estranho e confuso, que escapava á comprehensão do joven advogado, aliás espirito profundo e observador. A



volubilidade do pensamento, saltando dos gracejos infantís ás cousas mais sérias; o estouvamento que se notava em certas occasiões, para logo ceder á reflexão; e finalmente as liberalidades com que ella desculpava suas travesuras; davam á essa physionomia moral um character vago e indeciso.

Era um espirito leviano ou sensato? Era um bom ou máo coração? Ou seria acaso uma e outra cousa; a luta perigosa da alma na transicção da infancia á juventude. Nessa crise surgem as paixões, que sopitam as puras crenças e as illusões da innocencia. Si a alma tem para ampara-la a educação e os germens da sã moral: sahe triumphante da luta: a virtude corôa a innocencia. Si porém o coração não é defendido nem pelo principio, nem pelo exemplo, succumbe; e a flôr da mocidade quando brota da infancia vem já eivada.

A' noite, quando conversavam esperando o somno, Ricardo disse a seu amigo:

— Sabes, Fabio! Aquella Guida assim mesmo não é tão má, como nós pensavamos.

— Porque ?!

O advogado referiu a scena á que assistira pela manhã, e o que anteriormente lhe contára a Gertrudes.

— O que pensas disso então ?

— Penso que no meio das travessuras desta moça ha um escrupulo de consciencia, direi mesmo, um fundo de bondade. Estouvada, como é, não póde resistir á vontade de brincar, e faz cousas de que logo se arrepende; mas esse arrependimento, pelo menos é generoso. Assim as faltas que ella commette são occasiões para uma liberalidade, que talvez nunca lhe inspirasse espontaneamente o sentimento da caridade.

Fabio, que não apreciava as demonstrações physiologicas, tinha adormecido.

---

## VII

No proximo domingo, Ricardo montado no *Galgo* descia da Pedra Bonita, para onde naquella manhã dirigira o seu passeio.

A Pedra Bonita é uma rocha que se levanta sobre um cabeço de montanha como um gorro de granito. Dahi, dessa atalaia das nuvens, goza-se uma vista soberba, sobre o mar; e vê-se de perto o enorme cesto da Gavia, habitualmente cingido de vapores.

Como todos os bellos sitios da Tijuca, a Pedra Bonita é muito frequentada pelos filhos da loura Albion, incansaveis exploradores desse

bello arrabalde do Rio de Janeiro. Contam que um inglez ahi se perdêra, ficando sobre o gigantesco pedestal de rocha, elevado á condição de estatua, durante tres dias, sem comer nem beber. Foi-lhe o penedo o contrario do outeiro da Ilha dos Amores; *mais facil de subir que de descer.*

Tambem contam que nessa pedra ou em outra que demora na mesma altura, entre as nuvens, algumas senhoras tendo lá subido foram obrigadas para descer a tirar os balões. O vento engolphando-se nas armações ameaçava arrebatá-las á terra, levando-as de uma vez ao céo, pelo caminho do mar.

Os inglezes herdaram dos jesuitas um setimo ou oitavo sentido, que possuiam em alto gráo aquelles mestres da vida; é o sentido da hygiene. Por onde passou a poderosa companhia, foi deixando conventos nas situações melhores tanto pela salubridade como pela formosura. O inglez foi dotado do mesmo faro do bello e do saudavel. Chegando ao Rio de Janeiro, volve os olhos para a cinta de montanhas que

cerca a cidade; e considera isso um sobrado natural que a Providencia construiu por cima do escriptorio para alcova de dormir.

Peze embora ao nosso amor proprio nacional, elles naturalisaram ingleza a nossa Tijuca; fizeram daquella serra onde campearam os Tamoyos uma Escossia brasileira. O grito dos *highlanders* percorre as formosas encostas. Pelas grotas onde reboava primitivamente o brado selvagem da *pocema*, ouve-se agora repetido de valle em valle pela voz suave das amasonas o gracioso *la-la-hi-ti*.

Si quereis ver o que ha de mais bello e encantador naquelle arrabalde, procurai o conhecimento de algum filho da Gram-Bretanha. Elle conhece a Tijuca de uma á outra extremidade; desde a gruta mais funda até o pico mais alto. Sabe não só dos varios passeios, como do dia e da hora em que se deve apreciar cada um delles. Afinal quando tiverdes visto toda a Tijuca já descoberta e explorada; o inglez inventará uma pedra ainda não conhe-

cida e uma excursão pittoresca como a de subir á Gavia por um caminho de lagarto.

Ricardo vinha pensando que felizmente naquelle dia escapára de encontrar-se com a Guida. Era este o quarto domingo depois que a conhecêra; e seria o primeiro em que não a visse. O advogado não daria importancia á esses encontros fortuitos, si além de serem elles continuos, não se houvessem dado as circumstancias especiaes, que já conhecemos.

Felicitava-se porém o moço muito cedo. N'uma curva da estrada achou-se em face de numerosa cavalgata, que tomava-lhe a passagem. Guida, que vinha na frente em companhia de algumas senhoras, exclamára :

— Ali está a flor, Clarinha. Não é tão linda ?

— Aonde ?

— Ali, um arbusto. Não vê ? disse ella indicando o lugar com a haste do chicotinho.

— Vejo. Amarella.....

— Cor' de ouro.

Guida tinha parado; e todos os cavalleiros

se gruparam de modo á ver o objecto que lhes excitava a curiosidade. Ricardo, havendo se adiantado na esperança de passar, foi obrigado a demorar-se, em frente do grupo.

— Onde vai a senhora, D. Guida ?

Esta pergunta foi dirigida por um dos cavalleiros á moça, vendo-a impellir *Edgard* contra o barranco do caminho para aproximar-se do arbusto, que ficava cerca de duas braças ladeira abaixo.

— Já que nenhum dos senhores se lembrou de offerecer-me uma daquellas flores, que eu acho tão bonitas, vou eu mesmo busca-la.

— Não faça isto !

— E' uma imprudencia !

— Eu não consinto !

Com effeito havia temeridade no intento da moça. Quem já foi á Pedra Bonita sabe quanto é abrupta aquella montanha ; o caminho, bastante ingrime, atravessa encostas rudes, cortadas em rapido talude, e profundamente sarjadas pelos surcos das torrentes que descem do cimo da serra quando chove. Seria summamente peri-

gosa a descida por semelhantes barrancos, até mesmo para um animal solto.

Desprezando porém as advertencias que lhe dirigiam suas amigas e companheiras, a moça fustigou o cavallo, que refugára. Castigado asperamente, *Edgard* descêra alguns passos por um trilho, ou antes por um rego; mas, reconhecendo o perigo que havia em continuar aquella descida quasi á pique; tomou rapidamente por outro rego que atravessava, e galgou o leito do caminho com grande esforço.

— Vae, Guimaraens! disse um dos cavalleiros.

— Por mim, não tinha duvida. Mas não ha cavallo capaz de fazer isto

Ricardo que assistia á scena, de parte, esperando occasião de passar, não perdeu as palavras que pronunciára o Guimaraens; e sentiu despertar-se-lhe o zelo pelos brios do *Galgo*. Aos 27 annos, o homem é ordinariamente temerario. A vida não representa ainda á seus olhos um cabedal; mas uma simples aspiração.

O moço avançou.

Por esse tempo continuavam os pedidos e



admoestações á Guida para abandonar seu projecto ; mas ella, indifferente ao que diziam em torno, á principio rira do susto dos outros ; mas agora, muito irritada contra *Edgard* por ter recuado, castigava o animal, que gyrava corcoveando. A amasona, forcejando para traze-lo á borda do barranco afinal o conseguiu, mas de uma maneira bem desastrada.

Com effeito, o cavallo, pungido ao mesmo tempo pelo freio e pelo chicote, perdêra a sua calma habitual ; irritou-se, e obrigado á fazer o que lhe repugnava, caminhava para o despeñadeiro, disposto, não á descer, mas á precipitar-se.

Felizmente Ricardo chegára á tempo. Inclinando-se, pode segurar *Edgard* pelo freio, quando já levantava as mãos para pular. Obrigou-o então á voltar-se para o leito da estrada, e disse simplesmente á moça :

— Não desça !

Guida ficou immovel acompanhando com os olhos o *Galgo*, que descia com admiravel agi-lidade e firmeza o sinuoso barranco. Só havia

para apoio do casco a estreita borda do surco, por onde difficilmente andaria um homem á pé ; e comtudo o cavallo desceu e subiu sem vacillar um passo, com plena confiança na força e elasticidade de seus musculos.

Todas as pessoas que faziam parte da cavalgata acompanharam a descida e ascensão com surpresa e interesse. Os mais nervosos estremeciam com a idéa da desgraça, que podia acontecer ao desconhecido. Os outros sentiam uma commoção analoga á que lhes despertaria uma briga de gallos, uma corrida de cavallos, ou talvez uma representação no circo.

Ricardo tinha partido do arbusto duas ou tres hastes com flor. Era a mesma flor cor de ouro, que elle costumava colher nos seus passeios á pé ; e que já por duas vezes fôra testemunha de seu encontro com a moça.

Quando o cavallo, correspondendo dignamente ao nome, galgou com ligeireza o caminho, o advogado apresentou á moça o ramalhete que tinha colhido, e fazendo um cumprimento geral, apartou-se rapidamente da alegre cavalgata.

Ao passar entre os cavalleiros, ouviu uma voz que o chamava pelo sobrenome :

— Adeus, Nunes! Aposto que já não te lembras de mim ?

O advogado reconheceu um de seus collegas de anno, á quem não vira desde a formatura.

— Ah ! Guimaraens ?

Trocaram um aperto de mão com algumas palavras banaes, e separaram-se.

Entretanto Guida, tendo prendido o raminho de flores no peito do roupão, continuára o passeio, acompanhada pelas outras senhoras e cavalleiros. Vendo aproximar-se o moço que pouco antes fallára á Ricardo, dirigiu-lhe a palavra :

— Conhece este moço, Sr. Guimaraens ?

— E' o Dr. Nunes. Foi meu collega de anno.

— Ah ! Formaram-se juntos ?

— E si não me engano fizemos acto no mesmo dia.

— E' bacharel?... disse Guida, como se completasse um pensamento interior.

Suppunha talvez que Ricardo era um artista,

algum pintor que percorria os sitios da Tijuca para copiar perspectivas, que mais tarde lhe servissem de assumpto á algum quadro á oleo. O album de desenho, que o moço trazia habitualmente nos seus passeios á pé, e a aquarella em que ella se julgára reconhecer, deviam com effeito induzi-la áquelle engano.

— Foi um dos primeiros estudantes do nosso anno. Moço de grande talento; porém muito pobre; dizem até que foi o tio, o Dr. Costa, quem o ajudou á formar-se.

— Que faz elle agora? perguntou a moça com interesse.

— Não sei. Creio que está aqui advogando; mas perde o seu tempo; não faz nada.

— Porque? Não tem tanto talento?

— Mas de que lhe serve si ninguem o conhece? Servia-lhe mais ficar com metade do talento que tem, e a outra metade de protecção.

— Como protecção?

— Ora: negociantes que lhe deem boas causas, e o recommendem á seus amigos.

A moça, lançando um olhar para o cimo da

montanha que se desenhava no horizonte, mudou de repente o tom e o assumpto da conversa.

— A Pedra Bonita ainda fica muito longe? disse ella nesse dubio tom que vacilla entre uma interrogação e uma affirmativa.

— Falta um bom pedaço.

— Ainda não passámos o Carneiro. O melhor é voltarmos; já está o sol tão quente! Hoje sahimos muito tarde.

— Como quizer!

— Vamos voltar? perguntou a moça virando-se para consultar as amigas.

As opiniões dividiram-se; alguns desejavam a continuação do passeio apesar do tempo perdido com o episodio da flor; outros porém julgavam que era mais prudente voltar, á vista da hora adiantada e do intenso calor.

— Qué horas são? perguntou uma senhora.

— Meia antes do almoço; respondeu Guida sorrindo.

— Neste caso voltemos! gritou a opposição.

Guida exaggerava no interesse de sua causa. O almoço foi servido quarenta minutos depois,

às dez horas em ponto. Cercavam a mesa perto de trinta pessoas.

Na cabeceira estava D. Paulina, a mulher do commendador Soares, senhora de estatura regular, e bastante nutrida. Tinha na physionomia um ar de bondade e singeleza que lhe conciliava a sympathia geral. Seus gestos eram acanhados; via-se que não estava á commodo, nem se occupava em desempenhar o seu papel de dona de casa. Esta senhora, que nascêra para uma vida modesta, sentia-se acabrunhada pela riqueza, e oppressa por esse luxo de ostentação que a envolvia e se apoderára até de sua pessoa. Seu vestido feito no rigor da moda era uma tunica de Nessus para aquelle genio pachorrento.

Na extremidade opposta, ou na outra cabeceira, estava o commendador Soares, homem de cincoenta e cinco annos, de mediana estatura, e talhe franzino, mas vivo e agil, respirando saude e alegria no rosto prazenteiro e no gesto animado. Trazia a barba rapada, e o cabello cortado á escovinha.

— Dr. Nogueira, não quer um pouco deste lombinho? Diz aqui o Bastos que não está máo.

— Está magnifico.

A pessoa á que se dirigira o Soares era um homem de trinta e seis annos e parecer distincto.

— Obrigado, commendador! Nada mais.

— Pois eu vou á elle. Quem me acompanha? Aposto que o Guimaraens?

— Está dito!

— O Sr. Guimaraens deve ter bom appetite. Fez um grande passeio á cavallo.

— É verdade!

— Onde foram? perguntou Soares.

— Iamos á Pedra Bonita; mas não chegámos até lá. D. Guida quiz voltar.....

— Já era tão tarde!

— E perdêmos muito tempo com a tal flor.

— Ai, que lá se vai o segredo.

— Que segredo?

— Ora; eu lhe conto, papae; disse a Guida. Queria apanhar uma flor, mas *Edgard*, que é um poltrão, teve medo de descer....

— Sim ; mas que ladeira ; quasi direita !

— Ora. O outro cavallo não desceu ?

— Com que risco !

— No fim de contas *Edgard*, zangado ia-se atirando da montanha abaixo, quando um moço que passava, conhecido do Sr. Guimaraens, agarrou-o pelo freio ; e desceu para apanhar a flor !

— Si não fosse elle, quem sabe o que succederia.

— O Sr. Guimaraens deve apresentar-nos o seu amigo, não acha, papae ?

— De certo !

— Terei muito prazer. Encontrando-me com elle.... ia respondendo o Guimaraens.

Atalhou porém o Dr. Nogueira:

— A flor é naturalmente essa que a senhora tem no seio ?

— Sim, senhor, é esta mesmo. Veja, papae, como é linda !

— Muito ! Quasi que podias trazê-la como pingentes.

— Boa idéa, papae ! Vou mandar fazer uns brincos deste feitio.



— Ficarão magníficos.

— E ha de ser moda !

— Sr. Bastos, o senhor me ha de fazer o favor?...  
disse a moça.

— Com muito gosto, D. Guida !

A flor corria de mão em mão ; e teria se desfolhado á final si a dona não reclamasse com instancia para restitui-la á sua posição.

— Guida anda apaixonada por essa flor ; disse D. Clarinha. Ha mais de um mez que me falla nella.

— Será pela flor ? perguntou o Dr. Nogueira com um sorriso malicioso.

Guida lançou-lhe um olhar, que era um alfinete embebido em um aljofar :

— Não é pela flor, não. E' pelo senhor. Pois não sabia ?

— Ah ! si fosse, D. Guida, eu seria o homem o mais feliz do mundo, acredite !

— Bravo, bravo ! E então, D. Paulina ?

— Guida sempre foi muito apaixonada de flores ; respondeu a senhora, aturdida por aquelles constantes dialogos que se cruzavam.

A moça respondêra á fineza do Dr. Nogueira, inclinando altivamente a fronte, e soltando um ironico — *obrigado!*

Quando aplacou-se o rumor das risadas e exclamações provocadas pela declaração amorosa que, á titulo de fineza, lançára o Dr. Nogueira tão á queima-roupa; o Soares, occupado em despachar conscienciosamente o lombinho de porco, pôde introduzir uma observação que lhe acudira.

— Ande lá, Dr. Nogueira. Creio que não é o senhor o unico. Ha mais quem pense da mesma maneira!

— De certo; disseram quasi ao mesmo tempo o Guimaraens e o Bastos, um enrubecendo, o outro empallidecendo.

Talvez que outras exclamações mais submissas viessem aos labios, e outros rubores mais tímidos subissem ás faces; mas não se animaram á apparecer. Perderam-se nos applausos com que foi recebida a observação do dono da casa.

— Está bom, disse a Guida, á quem o thema da conversação não agradava; ninguem quer

saber disto agora, papae; mudemos de assumpto.

— Pois muda tu, que nisso de mudar as mulheres estão no seu elemento.

— O que não é muito lisongeiro para os homens.

— Conforme.

— Mas escute, papae. Estou resolvida á vender *Edgard*. Depois do que me fez hoje, não posso mais supporta-lo. Quer compra-lo?

— Não; eu cá não deixo a minha mula paulista. Esses cavallos da moda, que vocês apreciam por serem muito grandes e muito caros, não me servem.

— Então compre para mamãe.

— Pois não! Que lembrança! acudiu D. Paulina.

— Nada. Comtigo não quero negocio: replicou o Soares. Dizem por ahi que eu sou um espertalhão; mas ainda está para ser a primeira vez que não me logres.

— Qual papae! exclamou Guida sorrindo. É

o senhor que se engana á si mesmo ; o pae logra o capitalista !

— Muito bem !

— Será isso então ! replicou o Soares rindo com prazer.

Acabára o almoço. Guida, com uma cortezia geral, deu o exemplo levantando-se da mesa.

Ella exercia esse direito por uma delegação tacita da mãe, incapaz de tomar por si tão grave resolução. O Soares, que poderia adverti-la com um signal, estava inhibido de o fazer. Si nos dias de trabalho o capitalista almoçava á vapor, nos domingos tinha saudades da mesa, e custava á separar-se della.

---

## VIII

Deixando a mesa do almoço, as pessoas reunidas em casa do Soares espalharam-se pela sala, varanda e jardim, formando grupos.

As senhoras ficaram na sala, vendo albuns e figurinos, conversando sobre modas, ou tocando e cantando. Alguns cavalheiros resistiam ao perfume do havana para gozarem por mais tempo da amavel companhia das moças. Outros, para voltarem mais cedo, saboreavam já o seu charuto, passeiando no jardim, defronte das janelas, por onde ás vezes intervinham na conversação.

Na varanda os capitalistas e negociantes discutiam sobre o estado da praça; apreciavam as transacções mais importantes da semana finda; faziam conjecturas sobre a alta e baixa do cambio, cahindo por fim no assumpto inesgotavel de todas as conversas daquelle tempo, por ser a preocupação constante de todos os espiritos; a conclusão da guerra do Paraguay, que o intrepido Camara acaba de sellar com a ultima victoria.

Além desdobravam-se as mesas de jogo á espera dos apaixonados do solo e voltarete; mais longe se ajustavam passeios á pé e á cavallo, ou visitas aos hospedes do amavel Sr. Bennet.

Em toda essa reunião de pessoas havia dois pontos para os quaes convergia a attenção: eram o Soares e a filha.

Os espiritos positivos, os homens de negocio, os soldados da cruzada fanatica do ouro, que é a grande preocupação do seculo actual; esses infatigaveis obreiros do dinheiro contemplavam o capitalista como um heróe ou como um genio,

como o Cesar ou o Napoleão da praça. O commendador representava á seus olhos o symbolo ou o mytho da riqueza: como Hercules o era da força.

A rapidez com que Soares, de simples dono de um armarinho, se elevára á millionario por uma serie de operações licitas, mas combinadas com tino superior e executadas com incrível ar-rojo; o milagre dessa riqueza colossal honestamente accumulada em cerca de vinte annos enchia de admiração não só os neophitos no culto do bezerro de ouro, com os mesmos negociantes já possuidores de algumas centenas de contos.

As vistas fitavam-se com afinco no rosto franco e prazenteiro do capitalista, que se lhes afigurava o dinheiro incarnado, o milhão feito homem. Estudavam sua physionomia, aprendiam seus menores gestos, decoravam suas palavras ainda banaes. O Soares tinha em si o grande segredo de ganhar dinheiro; talvez o precioso condão da riqueza estivesse em

alguma particularidade de sua pessoa e fosse possível á um homem habil sorprehende-lo.

Esforçavam-se pois em imitar aquelle typo do millionario improvisado. Um tinha notado que elle trazia sapatões de bico espalmado, feitos em uma tenda da travessa do Carmo. Pensando que o segredo podia estar nisso, recorreu ao freguez antigo do capitalista para lhe fazer calçado em tudo igual. Outro observára que o Soares trazia uma pequena caixa oval cheia de rapé, não para tomar, mas simplesmente para cheirar.

Havia gente que não só copiava o millionario no vestuario e nos habitos, como até na comida. Um chegou a convencer-se que o feijão preto e o lombinho de porco tinham virtude aurifera; e apontava a provincia de Minas como a prova do phenomeno.

De seu lado, Guida era] naquelle céo o astro da belleza, de que as outras moças não passavam de satellites. Em torno della gyravam os cavalheiros elegantes, todos aquelles que não tinham resumido a sua existencia no balcão;



e ainda se occupavam de musica, de arte e de sentimento. Para esses o dinheiro não é um fim, como para os primeiros, os cruzados do seculo; é meio apenas de obter o gozo; é um engaste para o prazer. Assim uma mulher bonita na pobreza parece uma chrysolitha embutida em estanho; na riqueza, torna-se uma perola cercada de diamantes.

Os olhares desta parte da sociedade acompanhavam os movimentos de Guida com admiração e insistencia igual á dos adoradores do dinheiro incarnado na pessoa de Soares. Ella tambem representava o mytho do seculo, o milhão. Si o pae figurava o milhão feito homem; ella era o milhão feito anjo; o ouro convertido em luz, a libra esterlina transformada em estrella, o bilhete do banco adquirindo de repente a graça diaphana da aza de borboleta.

Os etymologistas, gente que prophetisa o passado e inventa o esquecido, dizem que *ouro*, palavra de origem egypcia, significou primitivamente a luz, o sol; passando a designar o metal precioso por analogia. Si assim foi,

como me parece racional, Guida personificava o ouro segundo a delicada comparação da poesia oriental: era o sol esplendido da fortuna; era a restea de luz coalhada em barra; o prisma bancario; o raio amoedado.

Entre todos os cavalheiros que se prostravam humildes ante o idolo, distinguiam-se tres, ou pela assiduidade na adoração, ou pela esperança que affagavam. Eram o Guimaraens, o Bastos e o Dr. Nogueira; pessoas que sem duvida merecem alguma noticia, pois um delles, segundo se dizia geralmente, teria de ser o feliz, o querido da fortuna, o marido da mais rica herança e da mais bonita moça do Rio de Janeiro.

Guimaraens era um moço de vinte e sete annos, filho de um antigo procurador muito ginja, que devia deixar-lhe uma legitima de uns seiscentos contos de réis. O pae á custa de empenhos conseguira forma-lo em direito; mas só por luxo, para dar-lhe o titulo que tanto invejára. Succedeu porém que ninguem tomou ao serio a cousa, nem mesmo o rapaz. Todos

continuaram á trata-lo pura e simplesmente pelo nome, sem o competente *doutor*. Era tão profundo o esquecimento da formatura do filho do procurador que seus amigos e camaradas acreditariam mais facilmente que elle fosse um principe incognito do que um bacharel.

Guimaraens tinha um exterior agradavel ; bem feito, de talhe vantajoso, vestia-se no rigor da moda, mas ao gosto do alfaiate, e portanto com todas as extravagancias do figurino. Montava bem á cavallo ; fumava com garbo o seu havana ; sustentava soffrivelmente uma dessas conversas de ninharias, essenciaes nos intervallos da quadrilha e em occasiões de apresentação.

Bastos era um corretor, que aos trinta e quatro annos já havia feito uma bella fortuna.

Soares o tinha no melhor conceito ; e n'um circulo de intimos lhe prophetisára o milhão aos quarenta annos. Ora, o milhão, segundo o commendador, é o polypo, que se reproduz com espantosa rapidez.

O corretor era o que se chama um bonito homem; isto é uma estampa soberba para grana-deiro ou tambor-mór. Alto de estatura, porte robusto mas bem talhado, tinha um rosto de feições regulares, moldurado por uma bella suissa negra. Vestia-se com a simplicidade do negociante inglez; fallava com acerto em assumptos commerciaes; animava-se a discutir politica até com os mais notaveis estadistas; porém n'uma roda de senhoras faltava-lhe a fluencia, a menos que não se tratasse de compras e encommendas; ponto em que mais ou menos entrava o genio mercantil.

O Dr. Nogueira advogava. Como todos os homens de talento, tinha-se envolvido na politica, esse terrivel *maellstrom* que arrasta em nosso malfadado paiz todas as grandes intelligencias, como todas as ambições ardentes. Sua posição não passava de uma espera na grande caçada nacional. Apresentava-se candidato por sua provincia, e cheio de enthusiasmo acreditava que ia abrir-se a seu talento uma carreira brilhante.

Elle tinha os dotes necessarios ; bella intelligencia, palavra facil e elegante, que amenisava as mais aridas questões e elevava os assumptos triviaes ; character ductil, susceptivel de amoldar-se á todas as situações como de ligar-se á qualquer individuo ; character que se pôde bem comparar ao estanho, de que se faz a solda. Soares tributava ao advogado a maior consideração, e tinha plena confiança em seu futuro.

Apezar de magro e descarnado, o rosto do advogado tinha expressão muito distincta, sobretudo quando fallava com interesse; então a physionomia e o gesto desenhavam-lhe a idéa, antes que a palavra elegante viesse dar-lhe o colorido. Quem o escutava recebia ao mesmo tempo pelos olhos e pelo ouvido o seu pensamento, sempre elevado.

Cada um dos tres candidatos á sol da bella estrella de ouro tinha mais ou menos consciencia das suas, como das vantagens dos competidores. O Guimaraens confiava na herança e na protecção de D. Paulina, em virtude da amizade

antiga que existia entre a mãe da menina e a sua. Bastos descançava no conceito em que o commendador tinha a sua habilidade commercial e nos tresentos contos bem liquidos fechados na carteira em bilhetes do thesouro. O Dr. Nogueira contava com a consideração que lhe tributava o commendador, mas sobretudo com as altas e brilhantes posições, cujo prestigio sem duvida fascinaria mais do que o dinheiro á um homem habituado, como o Soares, á nadar em ouro.

Estes eram os titulos que exhibiam os campeões em relação á escolha paterna ; mas elles, que bem conheciam a Guida, sabiam quanto era importante e necessaria a escolha da filha. Por isso empregavam todos os esforços para grangear o amor ou pelo menos a sympathia da linda moça.

Quando se tratava de um passeio, de uma conversa futil para fazer rir as senhoras, de um brinquito de sala, ou qualquer outra ninharia; Bastos e Nogueira se arredavam, deixando o campo ao Guimaraens. Nenhum delles seria

capaz de disputar ao moço a palma da garulice banal e fofa, que imita as farfalhas da seda, ou os floreiós do leque. Quando se ouve discorrer uma dessas nugas encasacadas parece com effeito que não é um homem que falla, mas um alfinete, um grampo, um colchete, qualquer dos objectos indispensaveis ao vestuario feminino, que de repente adquirisse o dom da palavra.

O Bastos ficava mudo e pasmo deante da volubildade do Guimaraens; elle não comprehendia que um homem tivesse essa propriedade de fazer-se realejo; e repetir durante horas e horas o que dissera na vespera ou ouvira dos outros. Quanto ao Nogueira, comprehendia; mas, si alguma vez lembrou-se de competir com o Guimaraens, arrependeu-se e corou de si mesmo, porque reconheceu o ridiculo. Sua palavra era uma aguia, pensava elle; a aguia da intelligencia, habituada a plainar entre as nuvens. Como podia fazer dèssa ave corpulenta uma abelha que borboleteasse entre as florinhas de um jardim?

Para a aza altaneira só a flor gigante, a grande nymphéa escarlata, a rainha dos lagos, que os inglezes chamaram *victoria*, em honra de sua soberana, mas eu chamarei *imperatriz*, em razão de ser uma magestade brazileira. Dir-me-hão que não sou botanico, e portanto não tenho autoridade para chrismar essa especie de loto, que os indigenas chamavam *milho d'agua*. Não é de certo minha intenção invadir os dominios da sciencia; podem os botanicos inventar quanto nome grego e latino lhes aprouver para appellidarem as plantas; podem fazer a autopsia das innocentes creaturas para reduzi-las á systema. Mas as flores, como mimos da natureza, pertencem á litteratura; são do dominio da poesia.

Onde me ia levando o pensamento? Voltemos á Tijuca.

O Bastos desferrava-se do Guimaraens e do Nogueira, quando se tratava de alguma encomenda, de qualquer dos pequenos serviços que uma senhora, privada em nosso paiz da plena liberdade de sahir só, tem necessidade



de exigir e aceitar. O Rio de Janeiro é sem duvida uma cidade de muito luxo, abundantemente sortida pela industria estrangeira de todos os artigos de moda e fantasia ; mas, como as especialidades não estão ainda bem distinctas, em virtude da desigualdade e incerteza do consumo, muitas vezes é difficil saber onde encontrar-se aquillo que se deseja.

O corretor tinha um perfeito conhecimento dessa topographia especial do commercio á retalho. Quando se tratava de comprar uma fita de cor muito rara e perfeitamente igual á fazenda ; de procurar um objecto que não se encontrava na rua do Ouvidor ou da Quitanda ; de escolher um presente de gosto novo, ainda não visto ; de descobrir uns botões ou enfeites de forma original e esquisita, fantasiados pela imaginação de Guida ; o Bastos triumphava. Realmente fazia cousas admiraveis : ninguem arranjava uma encommenda melhor, nem mais depressa e mais barato.

Nogueira e Guimaraens não ousavam disputar-lhe essa superioridade. O candidato, por-

que nem para si proprio sabia comprar ; além de que sua posição não lhe permittia descer ao papel de commissario, nem mesmo de uma moça bonita. O Guimaraens não tinha geito, nem dinheiro : a mezada que recebia do pae, e os presentes que a mãe lhe fazia, não chegavam para operar os milagres de barateza, inventados pelo corretor..

Batido pelo Guimaraens nos divertimentos, e pelo Bastos nas encommendas, o Dr. Nogueira tinha tambem seus momentos de triumpho : não eram mui frequentes ; mas acreditava elle que deixavam profunda e longa impressão. Quando a reunião se tornava mais solemne, o que succedia em occasião de alguma sivita de consideração ou de algum jantar de cerimonia ; o advogado aproveitava algum assumpto favoravel para soltar as azas á sua palavra fascinadora. Divagava com graça ; e sobre o mais pequeno facto tinha a arte de bordar anedotas curiosas, ditos chistosos, reminiscencias interessantes, que lhe fornecia uma soffrivel lição historica. Havia em tudo isto muita affectação,

e mais liga que ouro ; porém enthusiasmava o seu auditorio habitual.

Nestas occasiões, Bastos e Guimaraens afundavam-se em sua mediocridade. Os elogios, que obtinha á cada instante o talento do Nogueira, os incommodava como um enxame de vespas. Mas nada os esmagava como a attenção com que Guida ouvia.

O candidato, vendo a moça presa de seus labios, com os olhos fitos nelle, acreditava que essa alma gentil se abria docemente ao calor de sua palavra, como a flor ao raio da aurora ; e que elle penetrava-lhe no seio, e á pouco e pouco tomava posse della. Comtudo não se desvanecia ; acreditava que não era ainda o coração da menina quem o ouvia, mas apenas sua curiosidade.

Estas pretensões á mão da filha do millionario eram conhecidas não só pela familia e pessoas que frequentavam a casa, como pelos estranhos. Nenhum dos tres pretendentes recitava seus projectos ; ao contrario não perdiam ensejo de fazer ostentação delles ; nem se em-

baraçavam com o reparo dos indifferentes, quando podiam colher uma vantagem sobre os rivaes.

A sociedade habitual do commendador assistia á esse jogo matrimonial, com o interesse e curiosidade com que os romanos apreciavam uma luta de gladiadores, e os inglezes acompanham um *steeple-chase*. Dividiam-se as opiniões, e tambem os votos e sympathias. Havia interminaveis questões á respeito da preferencia de Guida por algum de seus tres adoradores.

Talvez excite reparo a tolerancia do commendador Soares neste assumpto, que tão de perto lhe devia interessar como pae. Esse modo de proceder não provinha de negligencia, mas de uma resolução bem calculada. Entendia elle que o casamento de uma moça é questão vital tanto para os paes, como para ella; e portanto depende do consentimento de ambas as partes. Em outros termos, assim exprimira chistosamente o seu pensamento ao Nogueira, um dia em que este o sondou á respeito de suas intenções :

— Nesta materia de casamento, meu caro doutor, eu sou a corôa, a Guida é o parlamento. Ella tem o direito de votar o projecto; eu limito-me á sancção ou ao veto. Assim o pretendente, quero dizer, o ministro, si quizer orçamento, deve usar de toda a sua eloquencia no parlamento para derrotar a opposição.

O commendador era pois um pae constitucional representativo. Assistia com imparcialidade á luta dos partidos, reservando-se comtudo o direito de ensaiar habilmente o governo pessoal, quando fosse indispensavel ao bem publico.

Além das tres pretensões confessadas, havia no circulo do Soares um grande numero de esperanças em botão, que não ousavam desabrochar; mas tambem não se resolviam á murchar. Ah! a esperança é uma das plantas mais vivaces que eu conheço; quando uma vez brotou no coração não ha meio de extirpa-la; é como a ortiga. Embora o ferro a côrte, rebenta de novo. Só morre quando lhe esmigalham as raizes.

Assim, apesar de reconhecerem a impossibilidade de sua realização, essas esperanças pululavam em torno da moça, como um bando de besouros verdes nas petalas de uma rosa. Quando á noite, depois de algumas horas passadas na casa de Soares, se recolhiam, ao deitar-se balbuciava cada uma em seu aposento, por este gosto mais ou menos :

— Este bigodinho !.... pensava um alisando deante do espelho o fino buço. Tem-se visto cousas !

— O caso é que ella gosta bem de cantar comigo ! sonhava outro recordando um dueto do Hernani.

— No fim de contas a elegancia é o fraco das moças ; murmurava terceiro, requebrando o talhe bem torneado.

— Um homem que valsa como eu chama attenção n'um baile. E o que é um baile se não a batalha campal, onde se conquista a belleza ? exclamava um joven official que fez a campanha do Paraguay nas tertulias de Montevideo.

— Que ella me acha engraçado, não ha duvida: ora o riso é o caminho do coração; dizia um repetidor de pilherias, especie de bobo de sala, esfregando as mãos.

Estas e outras esperanças viviam de ar, como os cameleões, e como elles mudavam constantemente de cor: ora tinham o verde rissonho da folha que nasce, ora o amarello bronzeado da folha mirrada pelo sol, que o vento leva de envolta com o pó.

---





## IX

Guida animava com a sua graça e gentileza os diversos grupos que se tinham formado na sala.

No sofá, onde se conversava, ia sentar-se um instante para ouvir e interromper, excitando a réplica e provocando o riso com suas travessuras. No piano apparecia de repente, tocava ou cantava alguma cousa ás pressas, e aproximando-se da mesa mostrava ás pessoas, que folheavam albuns, lindas vistas da Suissa, da Escossia, de Cintra e da Tijuca.

O Guimaraens, que estava naquelle dia em

veia de felicidade, acompanhava a moça nessas evoluções com certo ar pretencioso que não escapava ás outras pessoas. Decididamente parecia que a preferencia se manifestava pelo mais joven e mais elegante dos pretendentes; tal foi pelo menos a opinião das senhoras, que nesta materia fallam de cadeira.

O Dr. Nogueira, despeitado com o remoque da Guida, na occasião do almoço e á proposito da flor, conservava-se arredio; estava ainda no jardim fumando o seu charuto. Entretanto quem o observasse com attenção conhecia que atravez das folhas das arvores elle não perdia de vista as janellas da sala.

Bastos estava indeciso; não se animava á entrar em combate, nem se resolvia á abandonar o campo. Recostado á sacada pela parte de fóra, mas completamente voltado para dentro, observava a moça, sem comtudo esforçar-se por attrahir-lhe a attenção. Bem desejava obter aquella ventura; mas sua imaginação ingrata não lhe suscitava um meio de realizar seu desejo.

Teria decorrido cerca de uma hora depois do almoço, quando mrs. Troushy mostrou á Guida a figura esguia do Daniel em pé na porta do interior. A moça aproximou-se do criado, que lhe disse :

— Dei o recado : respondeu que ha de escrever ao Sr. commendador agradecendo.

— Escrever ? perguntou Guida.

— Sim, senhora.

— Então não vem ?

— Pode ser.

— Bem !

Guida herdára do pae certa impetuosidade do desejo, que foi a origem da riqueza do capitalista ; e devia exercer na vida da filha notavel influencia.

Depois do ultimo encontro com Ricardo, naquella manhã, teve desejo de conhecer o advogado ; desejo que revelou com franqueza na occasião do almoço, pedindo a Guimaraens que o apresentasse. Não confiando porém na promessa do moço, ao levantar-se da mesa, tomou o braço do pae e preveniu-o de sua

intenção de mandar o Daniel convidar á Ricardo da parte delle Soares.

— Manda ! respondeu o pae com indifferença, habituado á confiar todas essas minucias domesticas á mulher, que as abandonava á filha.

O Daniel partiu immediatamente ; e o resultado de sua incumbencia acabava elle de communica-lo á moça, com a sua imperturbavel gravidade.

— *Is he coming* (Vem ?), perguntou mrs. Troushy.

Guida disse que não com um ligeiro aceno de cabeça.

— *Why not?* (Porque não ?)

Novo aceno exprimiu a ignorancia da moça á respeito do motivo por que Ricardo não vinha. Comtudo o tacto de sua alma de mulher lhe indicava, embora vagamente, a natureza daquelle motivo.

— Elle é pobre, pensava ella ; muito pobre ; hade ser susceptivel portanto.

Talvez Ricardo se offendesse com o convite, feito por intermedio de um criado ; e a

sua resposta de que havia de *escrever agradecendo* manifestava bem seu pensamento ; era uma allusão. Guida se desculpava comsigo mesma, dizendo que Dañiel era mais do que um simples criado ; era um homem da confiança de seu pae. O convite por esse intermedio parecia-lhe tão delicado, como por carta, sem a solemnidade que ella justamente não lhe queria dar.

Si Guida desejava anteriormente a presença do moço em sua casa ; agora mais que nunca. Duas razões actuavam em seu espirito. A contrariedade do obstaculo e a vontade de desvanecer uma offensa involuntaria. O que fora até então uma lembrança delicada apenas mudava-se em capricho.

Capricho ? Quem não sabe o que isso é ? A palavra o está dizendo. E' a alma da mulher que se precipita sobre uma idéa, com a mesma temeraria vivacidade e petulancia da cabra selvagem a arremessar-se pelas arestas do despenhadeiro.

Guida sentou-se ao piano e começou á pre-

ludiar. Não tardou que o Guimaraens se aproximasse, attrahido pelo iman, e bordasse sobre o thema da musica uma dessas fallas que parecem um *crochet* de palavras de diversas cores. A moça tomou interesse na conversa, e prolongou-a por algum tempo; mas interrompeu-se de repente como si lhe occorresse uma idéa :

— Não pretende apresentar hoje seu amigo, Sr. Guimaraens ?

— Como ? Que amigo ?

— Já se esqueceu ? Com effeito !

— Ah ! lembro-me. O Nunes. Mas hoje ?

— Então quando ha de ser ?

— Qualquer outro dia.

— Si não for hoje, que elle está na Tijuca, nunca mais o senhor achará uma occasião para apresenta-lo. Amanhã estou certa que já nem se lembrará disso !

— Sou esquecido, é verdade ; mas da senhora, D. Guida, lembro-me até de mais.

— Pois lembre-se menos de mim, para se

lembrar mais do que prometteu á meu pae.  
Vá buscar o seu amigo !

— Agora ?

— Neste momento ; disse Guida levantando-se.

— Mas si não sei onde elle está !

— Daniel hade saber. Vou dizer-lhe que selle o seu cavallo e o acompanhe.

Chegando á porta, a moça deu as ordens necessarias.

— Mas, D. Guida, confesso-lhe que poucas relações tenho com o Nunes ; depois que nos formámos ha seis annos, é a primeira vez que nos encontramos. Mesmo em S. Paulo, nunca fomos amigos ; apenas conhecidos. Chegou á côrte, não o visitei. Não me julgo pois com direito á procura-lo assim de repente.....

— Tudo isto o senhor devia ter pensado antes de se comprometter : agora tenha paciencia. Seu pae costuma dizer que dividas não se perdoam.

— Ainda ha uma razão. Eu sei que o Nunes poz aqui um escriptorio de advocacia, porque vi o annuncio ; mas si procede bem,

si é homem fino, capaz de entrar na primeira sociedade, ignoro. Não posso portanto tomar sobre mim a responsabilidade de trazer á casa do commendador um moço que pode praticar algum acto....

Guida sorriu.

— Esse receio não tenha : eu o absolvo da responsabilidade.

— Mas o commendador ?

— Fica por minha conta.

— Não ! não devo abusar.

Guida olhou o moço com certo ar resolutivo :

— O senhor não vae ?

— A senhora fica zangada comigo ?

— Oh ! não ; muito agradecida ao contrario !

Soltando essa phrase cheia de ironia, a moça deixou o Guimaraens atordoado ; e voltou-se para sua mestra, que lia nesse momento um numero da *Illustrated London News*.

— Mrs. Troushy, a senhora hoje hade jantar perto do Sr. Guimaraens.

Si ainda restava alguma hesitação no espirito do filho do procurador, desvaneceu-se de su-



bito é completamente deante daquella terrivel ameaça. Jantar perto da ingleza significava o mesmo que ficar-lhe hypothecado pelo resto da tarde e por toda a noite. Para evitar essa calamidade, Guimaraens entendeu que não lhe restava outra sahida, senão obedecer ao capricho da menina partindo em busca do collega.

— Já vou, D. Guida !

— Ah ! Esquecia-me dizer-lhe que seu collega tem um amigo, um companheiro ; é preciso convidar á ambos.

— Sim, senhora : cumprirei a sua ordem. Mas não me condemne á jantar perto da mestra.

— Si trouxer quem o substitua ! disse Guida rindo.

— Fica á meu cuidado !

Guimaraens montou á cavallo e partiu com o Daniel. Todo este episodio não escapou, nem ao Bastos recostado á janella, nem ao Nogueira que passeiava no jardim. O ultimo não vira o dialogo trocado entre a Guida e o Guimaraens ; mas bastou a partida deste, acompanhado

pelo criado da casa, para excitar-lhe apprehensões.

Animado pela ausencia dos dois competidores, só em campo, o Bastos, mais desassombrado de espirito, descobriu á final o meio de solicitar a attenção da filha do millionario :

— D. Guida ? disse elle com a voz um pouco tremula.

— Chamou-me ? perguntou-lhe a moça voltando-se.

— Como hade querer então os brincos ?

— Que brincos, Sr. Bastos ?

— Pois não me pediu no almoço para mandar fazer-lhe uns brincos do feitio dessa flor ? replicou o corretor rubro como um tenor sem voz quando dá um *dó* de nariz.

— E' verdade. Desculpe-me ; não me lembrava assim de repente. Depois lhe darei uma flor para servir de modelo.

— Esta que a senhora tem ?

— Esta ou outra, é indifferente ; observou a moça com intenção.

Bastos perturbou-se ; e nesse intervallo a

atenção de Guida se desviou para outro lado ; de modo que achou-se o corretor outra vez na mesma posição cruel em que estava anteriormente, recostado áquella janella, e atado ao seu acanhamento, que era para elle um rochedo de Tântalo.

No meio das paixões que se agitavam em torno della, Guida conservava, devido á seu recato e altivez natural, uma grande serenidade. Quando alguma vez uma palavra mais significativa, ou uma allusão mais directa, a vinha provocar, ella a afastava com a sua ironia, ou com essa expressão de indifferença que perturbára o Bastos.

Assim permanecia estranha á luta de que era objecto. Sua alma pura plainava como um astro sobre as vagas que a ambição ou o amor sublevavam naquelles corações. As bonanças, como as tempestades, desse oceano, si eram produzidas por sua influencia celeste, não a attingiam ; ella brilhava sempre com o mesmo esplendor e a mesma limpeza.

Em principio, suas palavras, seus olhares,

seus menores gestos, eram estudados por adoradores, como por indifferentes, e interpretados ao sabor de cada um. A moça incommodava-se muito com isso; retrahia-se; tornava-se cada vez mais reservada, constringendo sua jovialidade e franqueza. Não obstante o circulo em que vivia, obstinava-se em dar á quanto ella dizia ou fazia uma significação occulta e mysteriosa.

Uma noite succedeu dançar duas quadri-lhas com o mesmo par: tão indifferente lhe era o sujeito que não se lembrou de já ter dançado com elle no principio da partida. O facto foi muito commentado, até por algumas amigas, que viram nelle uma preferencia manifesta. Guida aproveitou a occasião para de uma vez pôr termo á essa insistencia que a affligia.

— Tenho muito tempo para ser moça. Agora ainda sou creança, e quero se-lo até desoito annos. Não cuido nessas cousas de que os outros tanto se occupam; só penso em divertir-me. Para mim é indifferente o par, com quem danço,

desde que for um homem delicado, de boa sociedade. E assim quanto ao mais.

Estavam presentes Nogueira, Bastos, Guimaraens, e muitos outros apaixonados occultos. Momentos depois as palavras da moça, repetidas em varios grupos, eram conhecidas por todos.

Guida dizia a verdade. Si era já moça na flor da belleza e na graça, tinha comtudo a ingenua isenção da menina. Seu coração ainda estava em botão; seus pensamentos, embora alguma vez se emballassem nos sonhos azues de um futuro risonho, eram em geral absorvidos pelo estudo, ou pelo prazer dos passeios e divertimentos innocentes.

Não brincava mais com bonecas é verdade; suas bonecas eram *Edgard* e *Sophia*, ou as flores de seu jardim. Mas tambem ninguem a via tomar ares melancolicos e attitudes pensativas, suspirar á cada instante, ou recitar poesias de amor, accentuando as phrases apaixonadas do poeta. Em uma palavra, não era romantica. Tinha á suas amigas affeição sincera; mas não lhes emprestava a linguagem ardente, que affec-

tam certas moças, e que faz suppor, sob o pretexto de amizade, a expansão de algum amor occulto, ou pelo menos de um amor ideal creado pela imaginação.

Por isso difficilmente podiam os adoradores de Guida illudir-se á respeito de sua indiferença. As palavras da menina não tinham sentido ambiguo, nem mysteriosa allusão: o olhar, o sorriso, o gesto, eram transparentes e não conheciam o jogo cruel de semear esperanças e excitar desejos, para depois machuca-los, como as flores ou as fitas que se trouxe ao cabello.

Assim o espirito serio de Nogueira não se deixava embair por seu amor proprio; elle acreditava, que Guida não dava a menor preferencia á qualquer de seus adoradores; mas pensava que de repente podia seu coração desabrochar, e nesse momento se despertariam as impressões gravadas n'alma da menina. Toda sua tactica se limitava á imprimir no espirito de Guida, como em uma cera branda, a admiração por seu talento e a confiança em seu futuro brilhante.

Mas, apesar de habil, o futuro deputado estava apaixonado pela moça, e tanto bastava para tirar-lhe a calma necessaria á realização de seu plano. Assim na occasião do almoço, ouvindo referir o incidente do serviço prestado por Nunes, tivera uma suspeita; e para esclarece-la fizera á proposito da flor uma allusão que lhe valêra a réplica ironica da moça. Arrepêndêra-se e esperava a primeira occasião para desvanecer a desagradavel impressão.

Eram estas as scismas que ainda o preocupavam no jardim, emquanto fumava o segundo charuto :

— Quem será esse moço?... dizia elle consigo, arrancando distrahidamente as petalas de uma rosa. Foi hoje a primeira vez? Guida passeia á cavallo todos os dias: não o terá encontrado anteriormente?... Algum romance começado... quem sabe! O Guimaraens sahiu com o criado. Aposto que foi em busca do sujeito para apresenta-lo hoje mesmo. Não ha duvida! Por que motivo *ella* daria tamanha attenção áquelle boneco, si não fosse o desejo

de obter delle um serviço? E o tolo prestou-se !...

Nogueira meditou alguns instantes, e por fim murmurou :

— A cousa desta vez é seria !

Atirando fóra a ponta do charuto, entrou na sala.

---



## X

Emquanto succediam estes factos, Ricardo, a causa involuntaria delles, estava bem tranquillo em casa de D. Joaquina.

De volta do passeio, saboreou com o amigo o frugal almoço da boa senhora. Ainda estavam á mesa galhofando e rindo, quando ouviram o som do busio, e pouco depois appareceu-lhes o Simão pescador, alegre, corado e bem disposto.

Trazia varias celhas de cipó cheias de peixe; uma dellas era destinada á D. Joaquina, á quem a Gertrudes a mandava de presente.

— Oh ! já está bom ? perguntou-lhe Ricardo.

— Ora, senhor ; para bem dizer, não tinha molestia ; andava banzeiro ; mas a moça me trouxe felicidade. Depois daquelle dia em que ella ralhou comigo, o senhor bem viu, não ha mãos á medir. E' peixe tanto, que a rede quasi não aguenta.

— Está bom ; estimo muito !

Depois de algumas palavras trocadas com a velha, o pescador despediu-se :

— Adeus, sinhá dona. Ainda vou levar este peixe á casa do commendador, o pae da moça. Bom freguez !

Este facto deixou alguma impressão no espirito de Ricardo, que lembrou-se da scena á que assistira domingo passado. Haverá creaturas abençoadas, que tenham o dom de communicações aos outros sua influencia propicia ? pensou o moço.

Tendo a presença do pescador despertado a lembrança de Guida, Ricardo contou á Fabio o seu encontro pela manhã e o incidente da flor.

— Bem, creio que sempre tomamos a praça de assalto ! exclamou Fabio.

— Não abandonas tua idéa !

— Ora, si fosse comigo o encontro desta manhã, agora estaria eu almoçando em casa do Soares.

— E de que te servia isto ?

— De que?... E' bom que o dinheiro vá-se acostumando connosco, e o meio é chegarmos-nos áquelles que o tem.

— Receio ao contrario que nossa pobreza o importune, indo procura-lo no meio do luxo.

A discussão prolongou-se. Os dois amigos ainda estavam empenhados nella quando chegou o Daniel com a incumbencia que sabemos. Ricardo, á principio sórpreso pelo convite que não esperava, não hesitou na resposta que o portuguez transmittiu á Guida. Fabio tomando o amigo de parte instou com elle para aceitar a fineza do capitalista ; mas nada obteve.

— Decididamente, assim não iremos para deante ; é desenganar : disse Fabio muito contrariado.

— Não tens razão ; é justamente assim que podemos merecer consideração, não aceitando uma posição menos digna. Reflecte bem : que figura ridicula não havíamos de fazer naquella sociedade ?

— A mesma que fazem os outros. Nem todos que frequentam a casa do Soares são ricos.

— De certo ; mas os que não tem um tratamento correspondente ou são amigos ou parasitas. Nenhum destes papeis nos cabe.

Fabio levantou os hombros. Tornou-lhe Ricardo :

— Não sou desses homens que ostentam um desprezo fingido pelo dinheiro e odeiam os favoritos da fortuna. Ao contrario quando a riqueza é honestamente adquirida, eu a respeito e estimo, porque representa á meus olhos o fructo, tão legitimo como brilhante, do trabalho. Mas em caso algum lhe sacrificarei minha dignidade : não me farei cortezão dessa como de qualquer outra grandeza da terra. O lisongeiro para mim é um eunucho moral.

— Então um pobre não pôde sem bajulação ter relações com pessoas ricas? Que doutrina!

— Sem duvida que pôde, quando se estabelece uma certa igualdade social por virtude de alguma causa, como, por exemplo, a amizade, o parentesco, uma posição elevada, a consideração publica, etc. Um escriptor notavel, embora nada tenha de seu, pode aceitar a hospitalidade do millionario porque trata de igual à igual: si este é rei na praça, elle é rei na imprensa. Sua presença, assim como a de todas as outras pessoas distinctas, é honra que os ricos solicitam.

— Neste caso, tu, que tens talento e escreves bem, devias aceitar o convite; era uma honra que fazias ao Soares.

— Obrigado pela ironia.

— Onde está a ironia?

— Somos dois pobretões obscuros; eu podia accrescentar de minha parte, e *desconhecido*, porque realmente o sou nesta grande cidade. Em casa de um millionario, no meio de uma sociedade habituada ao luxo e ás grandezas, qual seria nossa posição? Creio

que a classifico bem, dizendo que fariamos o ponto de transição entre o parasita e o criado; formariamos o elo desses dois aneis da cadeia.

— Com 'effeito! Modestia tão requintada degenera em orgulho. Entendes que não sendo dos primeirós te rebaixas?

— E' outra fragilidade que eu não tenho, Fabio; esse fofo orgulho da pobreza, que serve de forro a um fingido desprezo da riqueza. Não me envergonho de ser pobre, de parece-lo e confessar em qualquer occasião; mas estou longe de fazer da minha pobreza uma especie de dorna de Diogenes. A falta de dinheiro pesa-me, sem comtudo me acabrunhar; e justamente porque ella me pesa, me elevo mais em minha consciencia, sentindo-me incapaz de cubiçar a fortuna adquirida por meios illicitos. Estás portanto enganado, meu amigo; não tenho orgulho, mas dignidade.

— E' a mesma cousa com diverso nome.

— Não; o orgulho é um impulso para elevar-se acima dos outros; a dignidade é a firmeza, que não consente descer da posição que nos com-

pete. Ora cada degráo que eu subisse da escada do Soares era um passo que descia do meu nivel. Isolado no meio de tantos convidados; desconhecido naquella sociedade habitual, perguntariam: « Que veiu aqui fazer este sujeito? — Prestou um pequeno serviço á filha do commendador, responderia algum intimo; si fosse um criado, dava-se uma gorgeta; mas, como é um pobre bacharel, convidaram-no á jantar. »

— Tu não conheces a sociedade do Rio de Janeiro; nunca a frequentaste. Julgas por S. Paulo, ou por informações falsas.

— Conheço-a melhor do que tu, pela razão do proverbio « *que no olho dos outros vê-se o argueiro, e não se enxerga no nosso o cavalleiro.* » Bem sei que esses *intrusos* de que fallo muitas vezes não só obtem a tolerancia, como se tornam necessarios; tocam quadrilhas, fazem dançar as feias, ou exaltam as virtudes dos donos da casa. São os criados de galão amarello dos ricos e banqueiros, ou um movel de palacio, necessario á commodidade e ao bem estar, como um sofá de estofa, um tapete avel-

ludado, uma cadeira de balanço. Um traste, bem vês que não tem consciencia do papel que representa; sahe dali o tocador de quadrilhas, por exemplo, acreditando que é um amigo da casa, e dos mais estimados.

— Si todos pensassem com tu, não haveria sociedade possivel.

— Si todos pensassem como eu, a sociedade não seria o que é hoje, uma floresta negra, onde o salteador de luva de pellica assalta o homem honesto; onde o assassinato e o roubo tomam tantas vezes o nome de casamento por amor e alliança por amizade.

Já se vê pois quanto era difficil a missão de que estava incumbido o Guimaraens. Segundo todas as probabilidades, o filho do procurador não escaparia naquelle domingo ao recrutamento á que a Guida o condemnára no caso de não apresentar substituto idoneo. Tinha de sentar praça de cavalleiro servente de mrs. Trowshy, pelo resto do dia.

Para destruir os escrúpulos porventura exaggerados de Ricardo, e demove-lo de sua primeira



resolução, fora preciso um espirito habil e atilado, que sondasse os motivos de sua recusa e os abalasse. Ora o Guimaraens era a mais positiva denegação dessas qualidades : só tinha viveza para as frioleiras ; incapaz de sentir, como de comprehender as nobres susceptibilidades da alma do collega, nunca poderia desvanecer-lhe a repugnancia.

Ao contrario nenhum typo tão proprio para arredar cada vez mais o joven advogado da casa do Soares ! O enfatuamento da riqueza ; a impertinencia do herdeiro á quem a vida do pae retarda o gozo da legitima ; a ambiguidade dessa posição no meio de um passado de dividas e de um futuro de dissipação ; faziam daquelle moço o contraste vivo de quanto ha de delicado no coração e de sensato no espirito.

A presença, a simples presença daquelle boneco, a torcer constantemente o bigodinho, e a mirar-se todo em si mesmo, quando não encontrava um espelho ; produzia em um homem sério o effeito de uma lixa moral ; irriçava a epiderme d'alma. Essa fôra a impressão que

pela manhã, na occasião do passeio, o Guimaraens deixára no animo do collega, apezar de trocarem apenas algumas palavras.

Guida pois tinha errado. Querendo apressar a apresentação de Ricardo, talvez a tivesse impedido. Si o Guimaraens não fosse á procura do moço, porventura um concurso de circumstancias levaria o joven advogado á casa do commendador. Entretanto, agora, quem sabe se a situação não se aggravou; e a difficuldade mudou-se em impossibilidade?

A moça não podia prever todos os escrupulos de Ricardo; suppunha que o obstaculo provinha apenas de uma questão de fôrma. Entretanto, cumpre confessa-lo; não tinha ella plena confiança na intervenção de Guimaraens; o que até então lhe parecêra tão usual, uma simples apresentação, agora se afigurava a seu espirito como um acontecimento, e quasi tomava as proporções de um lance dramatico.

O Dr. Nogueira, sentando-se perto della, tomára sobre a mesa um album de paisagens da Suissa.

— Não tem vontade de passear á Europa, D. Guida ? disse elle folheando o album.

— Muita ; por meu gosto já teria ido ; mas papae prometteu-me que nestes tres annos me levaria.

— Hade ir antes ; disse uma senhora sorrindo.

— E' verdade ! acodiu outra que tinha comprehendido a malicia da observação. E sem o commendador !

O futuro deputado abaixára a cabeça ; e parecia completamente absorvido em vêr as estampas. Recordava-se do incidente da flor, e não queria provocar segundo motejo, quando prôcurava apagar a impressão do primeiro.

— Não entendo ! dissera Guida fitando seu limpido olhar no semblante da senhora.

— Casando-se, Guida. Agora é moda ; as moças que podem vão passar a lua de mel em Paris.

— E' bem possivel que me case antes de tres annos, D. Guilhermina ; mas asseguro-lhe que não me lembro disso.

Guida pronunciou estas palavras com a maior calma. As continuas allusões á este assumpto, banalidades com que de ordinario se entretêm as moças, a tinham habituado. Longe de corar ou perturbar-se, como aquellas que soffrem desse fraco ; ficava tão serena como si lhe fallassem do baile que havia de festejar os seus dezoito annos.

— *Altorf!*... disse o Dr. Nogueira em meio soliloquio observando a vista da cidade suissa. E' a patria do libertador ; de Guilherme Tell ! Guida lançára os olhos á estampa.

— A senhora recorda-se do facto ? E' o assumpto de uma das mais bellas operas do grande maestro, do immortal Rossini. Um elegante escriptor francez, Mery, observa com muito chiste, que esse primor de harmonia, a musica tão sublime do autor da *Semiramis*, foi escripto sobre um libreto indigesto, sem merecimento e até sem grammatica. Isto prova, minhas senhoras, que o coração não precisa para ser eloquente nem de syntaxe, nem de rhetorica.

— Já se representou aqui no Rio de Janeiro essa opera ? perguntou D. Guilhermina.

— *Guilherme Tell* ? Sim, minha senhora ; ha muitos annos.

— Qual é o enredo ?

— E' com alguns episodios o facto historico. Sabe que Gerber, governador da Suissa e homem cruel, aborrecido com a fama de bom archeiro que tinha um camponez, chamado Wilhem ; teve o barbaro capricho de obriga-lo a atirar ao alvo em uma maçã collocada sobre a cabeça do filho. Embora tivesse o archeiro plena confiança em sua destreza ; a idéa de que uma linha podia fazer d'elle um parricida o enchia de terror. Mas o que não pôde a vontade do homem ? A flecha arrebatou a maçã da cabeça do menino incolume. Comtudo o pae já tinha outra embebida no arco. « Para que esta segunda flecha ? perguntou o tyranno. — Para ti, si eu tivesse a desgraça de ferir meu filho. »

— Bonito, não é, Guida ?

— E' com effeito admiravel ; continuou o

doutor ; entretanto a pericia do allemão nada é á vista da destreza dos selvagens do Brasil. Estes faziam cousas incriveis.

— Devéras ?

— Furavam os olhos de um passáro á voar ; e flechavam o peixe dentro d'agua.

— Que vista ! acudiu D. Guilhermina.

— Este ponto indica o logar d'onde Guilherme Tell atirou. Aqui elle pronunciou aquella palavra que foi o primeiro grito de liberdade de sua patria.

— E' então o Ypiranga da Suissa ? disse Guida sorrindo.

— Justamente ; mas o nosso Ypiranga não tem uma fonte, nem siquer uma lapida, que commemore o dia 7 de Setembro. Bajulam-se os reis, e os grandes ; mas não se honra a nação. Quando eu for deputado, hei de advogar esta causa, que é a dos brios nacionaes.

O doutor voltou a pagina :

— Esta é Friburgo, celebre por sua ermida, que um homem só cavou na rocha viva trabalhando 25 annos ; verdadeiro milagre de

fé e paciencia. Já ouvi contar um facto analogo, succedido em Minas; mas esse á ser verdadeiro é mais para admirar porque foi um alejado dos braços que trabalhava com os pés, e assim construiu uma capella. Desta cidade de Friburgo vieram os primeiros colonos que fundaram a nossa cidade do mesmo nome.

— Ah ! Nova Friburgo. O anno passado lá estivemos ! exclamou uma travessa menina.

— Eis Genebra e o seu bello lago ; é a patria de Rousseau, de Calvino, de Stael e outros personagens illustres.

Continuou Nogueira por algum tempo essa viagem á vôo de pensamento pelas montanhas da pittoresca Helvecia, que elle tinha vizitado havia tres annos. Descreveu o aspecto dos campos e bosques durante o inverno ; e aquella natureza aspera e desabrida, que educa o homem para os grandes commettimentos, ensinando-lhe o trabalho, como uma defesa contra o frio e a fome.

Guida e as senhoras o escutavam embebidas, quando o Guimaraens passou defronte da janella.

— Onde iria o Guimaraens ? perguntou o doutor com indiferença.

— Foi convidar a pessoa que elle ficou de nos apresentar : respondeu Guida com a maior naturalidade.

A moça ergueu-se para saber o resultado da commissão. O Guimaraens vinha nadando em satisfação ; de ordinario o porte do moço e a sua compostura manifestavam o enlevo que elle sentia da propria pessoa. Naquelle momento porém era uma alleluia viva.

A filha do commendador e o Nogueira conjecturaram que o Guimaraens fôra bem succedido, mas cada um á seu modo.

— Vem ; pensou a moça.

— Não vem felizmente ! cogitou o doutor.

O Nogueira não sabia da penitencia que estava reservada ao Guimaraens : por isso entendia que o motivo de sua satisfação era ver-se livre do novo e temivel competidor, depois de haver delicadamente condescendido com o desejo da moça.

— Então ? perguntou Guida ao filho do procurador.



— As quatro horas cá está.

— Obrigado ; disse a menina apertando-lhe a mão.

Estava satisfeito seu capricho ; não pensou mais nisso.

Poucos instantes depois Nogueira encontrou-se com Guimaraens :

— Já sei que foi infeliz em sua embaixada ?

— Nada. Fiz como Napoleão ; foi só ir, ver e vencer.

— Tenho ouvido attribuir estas palavras á Cesar : replicou o doutor ; mas naturalmente ha erro nos historiadores.

— Cesar ou Napoleão, é a mesma cousa, com a differença de fallar um o latim e o outro o francez.

— Neste caso as palavras que citou devem ser de algum Cesar em portuguez. Mas então o sujeito vem ? E o senhor chama á isto vencer ? acrescentou Nogueira chasqueando.

O Guimaraens tinha com effeito vencido ; mas não como elle dizia, á maneira de Cesar, em tres tempos — *veni, vidi, vici*. Havia nisso mo-

destia de sua parte. Fôra mais do que Cesar; mais do que Alexandre: cortára o nó gordio com um revez da lingua. Não tivera tempo de chegar, nem de vêr, e já tinha vencido; bastou-lhe abrir a boca.

A cousa se passára deste modo.

Proximo á casa de D. Joaquina, Guimaraens encontrou Fabio; este o desenganou.

Atordoado, sahiu-se o Guimaraens com uma pachoxada :

— Quem sabe si o Nunes não pregou algum calote no commendador e...

— Boa idéa! atalhou Fabio á rir. Sabe que mais! Lá vamos comer o jantar do homem.

— Olhe lá!

— Com certeza!... Eu me incumbo do negocio.

— Então ás quatro horas?...

— Sem falta.

---

## XI

Tinham dado tres horas da tarde.

Guida recolhêra á seu aposento : era o momento de vestir-se para o jantar.

Sentada defronte do toucador, percorria com os olhos os dois guarda-roupas, cheios de vestidos de varios gostos e padrões. Conhecia-se que estava embaraçada na escolha, e esperava alguma inspiração para improvisar a ode de gase, seda e rendas, que escrevem cada dia as senhoras elegantes.

Ha duas especies de faceirice.

Uma é a innocente e pura expansão da bel-

leza. A mulher bonita obedece á uma lei da natureza, revelando-se na plenitude de sua graça: enfeita-se como a flor desabrocha, como a estrella scintilla, como o céu se anila. Deus creou taes primores para serem admirados.

Esta faceirice é casta, simples, sem affectação; seu desejo resume-se em ser natural; em revelar a gentileza propria no maior brilho. E' a poesia de Horacio, a musica de Bellini, a pintura de Raphael, copiadas no trajo da mulher formosa.

A outra faceirice consiste em uma orgulhosa ostentação da belleza. A mulher não cede á força espontanea de seu organismo, mas ao estímulo da vaidade. Adorna-se como o crystal que imita o diamante; ou como a centelha que se afigura uma estrella na treva da noite. E' linda, mas pretende ser esplendida.

Esta faceirice vive da affectação, que transforma uma creatura humana em um aleijão da moda. Não se contenta com ser admirada, exige a adoração, o culto ardente de todos que a contemplam; embora tenha de pagar com

olhares e sorrisos o incenso que lhe queimam aos pés.

Guida não tinha de certo esta faceirice de mau cunho, especie de ouropel da belleza; mas sentia, como toda a moça bonita, o desejo innato de ser castamente admirada. Naquelle dia esse desejo adquiria a intensidade que costuma em occasiões de espectaculos, festas e bailes.

Entretanto nada disso havia em casa do commendador Soares. Era o jantar habitual dos domingos, talvez menos concorrido do que em semanas anteriores. Afora as pessoas que tinham assistido ao almoço, ninguem mais se esperava além dos dois bachareis; mas a presença destes não dava de certo o caracter de uma festa áquella simples reunião campestre.

Quem pudesse acompanhar o pensamento de Guida, nessa occasião, conheceria sem duvida a causa de seu embaraço na escolha do vestuario. A menina, recostada na cadeira, tinha começado á calçar um par de botinas cor de perola; mas de repente se distrahiria, permanecendo na mesma

posição, com o pésinho mimoso cruzado sobre o joelho e os olhos fitos no espelho, onde parecia rastrear a sombra das cogitações que lhe perpassavam na fronte pura.

Guida lembrava-se de seu primeiro encontro com Ricardo, e da serie de impressões que se tinham gravado em seu espirito desde aquelle momento.

Rindo-se da attitude de namorado em que vira o moço, e aproveitando o pretexto para brincar com sua mestra, a menina \*pouca importancia deu áquelle pequeno incidente; e já o tinha completamente esquecido, quando, na volta do passeio, ouvira casualmente um trecho da conversa dos dois amigos.

Como todas as pessoas que vivem na alta sociedade, e em posição superior, Guida estava acostumada á maledicencia. Já não estranhava, quando via uma acção ou uma palavra, acremamente censurada pela mordacidade e pela inveja. Ella propria na sua qualidade de dote millionario, disputado por tantos adoradores,

não era um altar onde se queimavam como incenso tantos despeitos e ciumes?

Entretanto a palavra grave de Ricardo, a opinião severa desse desconhecido, pronunciada com a calma e a firmeza da razão, traspassou a alma da moça de uma sensação desagradavel. O olhar que ella deixou cahir sobre os dois moços foi de desdenhosa altivez; mas a electricidade do lampejo bem indicava que o coração se confrangêra, e o céu dessa alma pura se toldára.

— Ora! dizia Guida interiormente ao chegar á casa. Que me importa a opinião desse moço á meu respeito! Não tenho juizo?... Mas não ando aos beijos com as flores que encontro! Não pareço uma creança, apesar de ter deseseis annos?... Si ha homens que mesmo de cabellos brancos ainda são meninos... Não é de admirar...

Durante o resto do dia não se lembrou do incidente; mas á tarde a scena provocada por *Sophia* avivou as impressões da manhã, dando-lhes porém novo aspecto. O mancebo, que lhe apparecêra de manhã como um pensador

grave, mostrava-se agora elegante cavalleiro; por outro lado, ella, que se queixára interiormente da censura do desconhecido, não acabava de a justificar arriscando a vida de um homem com um de seus caprichos, a posse da cachorrinha mal educada?

Quando Ricardo desappareceu na volta do caminho uma voz murmurou n'um cantinho da consciencia :

— Elle tinha razão !....

Depois estas preocupações se afogaram de novo no entretenimento da conversa e da musica. Só resurgiram um momento, antes de adormecer, nesse crepusculo da alma entre a vigilia e o somno, quando as impressões do dia fluctuam vagamente deante do espirito como objectos que se immergem na sombra.

A imagem de Ricardo beijando a flor perpassou no meio da visão. Nessa hora em que a travessura do genio alegre já estava sopitada, o coração expandiu-se. Guida pensou que devia ser ardente e sincero aquelle amor



que se exhalava no ermo, á face de Deus: talvez fosse um amor infeliz.

— Si eu pudesse saber a sua historia!

Adormeceu; e sonhou que encontrára a florinha agreste, cor de ouro; e que esta lhe contára a razão por que o moço a beijava. Mas de manhã não se lembrava mais da historia; só lhe ficára a imagem fugitiva do sonho.

As moças afagam muito os sonhos, quasi tanto como costumam as mães aos primeiros filhos. A razão é porque os sonhos são os primeiros filhos da imaginação da menina que chega á adolescência. Os desejos vagos, as timidas esperanças, os perfumes do coração, que não se animam á exhalar-se durante o dia, rescendem á noite, no abandono do somno, como o aroma de certas flores que só abrem com o orvalho.

Guida occupou-se durante o dia com o seu sonho; e passando pelo mesmo lugar onde na vespera encontrára Ricardo desejou ver a flor e conhece-la. Viu com effeito; achou-a muito linda; desde esse dia ficaram amigas. Sempre

que vinha desses lados quebrava alguns ramos, que levava comsigo.

A lembrança de Ricardo se apagára completamente do espirito de Guida, e do primeiro encontro não restava outro vestigio sinão a affeição á linda florzinha agreste ; quando o encontro na *Cascatinha* veio debuchar outra vez a reminiscencia fugitiva. Guida, que já havia notado o garbo e a belleza do *Galgo*, pôde então contempla-lo á seu gosto ; e a estampa do lindo cavallo foi a recordação que lhe ficou desse domingo.

Mais tarde o acaso lhe deparou a occasião de ver a aquarella do album de Ricardo. A suspeita ou presentimento de que o desenho representava seu vulto á cavallo excitou-lhe vivamente a curiosidade. Ella daria sem hesitar o mais querido dos seus caprichos, *Edgard* ou *Sophia*, para ver aquella paisagem.

A imagem de Ricardo, passada a primeira impressão, desmaiava á pouco e pouco. Os ultimos encontros já não lhe destacavam os contornos : o vulto do desconhecido permanecia

vago, indistincto, no fundo das reminiscencias da moça. Fora um homem, um homem qualquer, que passára um momento no horizonte de sua existencia, e só lhe apparecia agora como uma sombra.

O que estava bem gravado na alma de Guida, o que ella afagava em algum momento de scisma, não era o moço, não; mas cousa muito diversa. Era a linda flor agreste, á quem amava; era o formoso cavallo, que desejava ardentemente possuir; era finalmente a aquarella do album, que anciava por ver. Ricardo não figurava nas recordações da menina, sinão como um amigo da flor amada; como o dono do cavallo cubicado, e o autor do desenho mysterioso.

Sem duvida era agradavel ao espirito de Guida que a pessoa ligada á ella por essas relações fosse um moço distincto pela intelligencia e educação. Nas poucas vezes que de relance vira o advogado, a moça tinha reconhecido ou antes presentido nelle com o tacto da mulher os dotes do espirito e do coração.

Por isso consentia que a lembrança do desconhecido se associasse em sua memoria aos objectos de seu desvelo.

O encontro daquella manhã não mudára a situação do espirito de Guida. Ricardo dera novamente provas de delicadeza e galanteria; deixára de ser um desconhecido, para assumir a posição digna que lhe davam um gráo scientifico e uma profissão nobre: mas seus titulos ao interesse especial da menina continuavam os mesmos. Si não fosse a flor, o cavallo e o desenho, passaria despercebido aos olhos da filha do millionario, ante a qual se curvavam diariamente tantas distincções do talento, da posição e da riqueza.

Guida estimou bastante que Ricardo estivesse nas condições de ser apresentado em sua casa, e que as circumstancias facilitassem essa apresentação. Mas porque? Seja embora desconsoador para o romance o motivo que influa no coração da menina, não podemos occultá-lo.

Desde que se estabelecessem relações com o moço, podia ella satisfazer sua curiosidade de ver

a aquarella ; preparava a aquisição do lindo animal, e teria um cavalleiro dextro para dirigi-la no caso de ser o *Galgo* fogoso de mais para montaria de senhora ; finalmente conversaria sobre a flor querida, com alguém que tambem a amava. Mais tarde, quem sabe ? Saberá a historia daquelles beijos ardentes ; mas isso era menos importante ; já pertencia á imaginação e não ao coração.

Realmente não ha poesia que resista á essa fria autopsia da alma, e dissecação do sentimento.

Quando se devia esperar que os encontros românticos de uma moça rica e bonita com um mancebo pobre, mas de grande talento e nobre caracter, gerassem no coração virgem uma paixão poetica e generosa ; quando se podia contar com um idyllio gracioso bafejado pelos auras suaves da Tijuca, perfumado pela fragrancia das flores agrestes ; embalado pelo canto das aves d'envolta com o murmurio das aguas, e aljofrado pelos orvalhos daquelle céu azul ; o romancista não acha mais do que um capricho

de creança, uma curiosidade infantil, um desejo de menina travessa!

Felizmente Ricardo não amava Guida, nem sentia por ella a vaga inquietação, que annuncia crises do coração. Felizmente; porque do contrario teria de soffrer a angustia de uma cruel decepção.

Depois de repassar estas reminiscencias, o pensamento da menina voltou ao objecto que as tinha provocado, á escolha do traje para aquelle dia. Precisava, queria agradar á Ricardo: e por isso estudava o meio, não de excitar-lhe a admiração, deslumbrando-o com o brilho da belleza ou da opulencia; mas sim de attrahi-lo pela sympathia.

O resultado de sua cogitação foi repellir o par de botinas que tinha na mão, um primor de arte; duas joias de camurça trabalhadas pelo Guilherme. As persianas da alcova cerraram-se, derramando no aposento um doce crepusculo. A belleza casta é violeta, que só abre na sômbra.

Ainda não eram quatro horas quando Guida appareceu na sala.

Tinha um vestido branco de extrema simplicidade ; fitas no cinto e no cabello ; botinas de duraque preto ; e uma gargantilha de velludo da mesma cor, com um medalhão de jaspe. Era de jaspe tambem a pulseira, offuscada pela alvura do braço mimoso, que surgia dos folhos da manga, como uma magnolia dentre frocos de neve.

Só no andar se revelava a deusa, disfarçada com esse traço modesto e commum. Apenas assomou na porta da sala, todos os olhares se fitaram nella ; e a alma de cada um de seus apaixonados desdobrou-se sobre o tapete, para ter o summo gozo de ser pisada por aquelle passo airoso, que se desenvolvia como a ascensão de um astro.

As senhoras porém não poderam conter a surpresa. Onde a filha de um millionario, a moça mais elegante do Rio de Janeiro, conhecida pelo seu luxo e bom gosto ; onde fora buscar aquelle traço commum, que uma menina pobre aceitaria para chegar á tarde á janella, mas não traria por certo em um domingo, quando

houvesse visitas em casa? Algumas não acreditariam uma hora antes que a filha do Soares possuisse em seu guarda-roupa os accessorios precisos para crear um adereço tão vulgar e rococô.

Guida conseguira portanto realizar seu pensamento. Achando em suas recordações a imagem de Ricardo, como a de um moço pobre e de um character austero, comprehendeu, com a admiravel intuição da sensibilidade feminina, que o meio de attrahir essa alma não era de certo a ostentação de sua formosura e opulencia: ao contrario por esse modo augmentaria a repugnancia que levára o advogado á declinar o primeiro convite, e sem duvida o afastaria de sua casa.

Era preciso não maguar o pudor da pobreza, não irritar as susceptibilidades de um espirito severo, para conciliar sua benevolencia e obter a sua estima. Bem quizera Guida eliminar em torno della, da casa, das salas do jantar, dos convidados, o apparatus da riqueza, á que estava habituada; mas, não sendo isso possivel, dese-



jou ao menos que sua pessoa fosse um protesto contra o luxo que a cercava e uma delicada fineza ao hospede esperado.

As fitas que ella trazia no cinto e no cabello eram da cor do trajo com que andava ordinariamente o joven advogado. Eu que descrevi esse trajo no primeiro encontro, já não me lembrava d'elle; mas Guida o achára no fundo de suas reminiscencias quando pouco antes estivera scismando. Não ha como as mulheres para guardarem estas arestas subtis no coração.

No seio, onde as bandas do corpinho se cruzavam, formando o niveo regaço, brilhavam algumas das flores e botões de ouro, colhidos pelo advogado no passeio daquella manhã. Havia tambem nisso uma fineza á Ricardo, um agradecimento á delicadeza com que satisfizera o seu capricho de menina.

Innocente creança! Não pensava no mal que podia resultar desses galanteios infantis.

Dentro em pouco devia chegar á sua casa um mancebo, á quem ella encontrára por diversas vezes, e afinal abrira as portas de sua

casa. Esse coração joven, ardente, podia notar as identificações da alma da moça com a sua, expressas por uma combinação de cor ou pelo gosto de uma flor ; ahi estava a centelha da paixão, a faisca do incendio que ella ia atear sem querer.

Guida descêra antes de quatro horas : queria assistir á chegada de Ricardo, não só para evitar a solemnidade de uma apresentação em plena sala ; como porque sentia que sua presença era indispensavel para desvanecer o acanhamento natural de quem pela primeira vez é introduzido em uma sociedade desconhecida.

Davam quatro horas, quando Ricardo e Fabio com pontualidade escrupulosa entravam a casa de Soares.

---

## XII

O commendador Soares jogava a manilha com seus parceiros habituaes, tres velhos amigos e camaradas.

O primeiro, á direita, era o barão do Sahy. Natural de Minas, onde começára a vida, como tocador de tropa, em uma de suas viagens á côrte arrumou-se de caixeiro no armazem de mantimentos do consignatario.

Aos cincoenta annos achou-se o João Barbalho possuidor de algumas centenas de contos ; e convencido que não era proprio de um grande capitalista chamar-se pela mesma fórma que um moço

tropeiro, trocou por um titulo á toa aquelle nome que valia um brazão; fidalgo brazão, si já o houve, pois era o do trabalho e perseverança, e tinha por timbre e divisa a probidade.

O parceiro da esquerda fazia com o precedente o maior contraste. Curto, esguio e encarquilhado, quanto o outro espaçoso e amplo, as mingoas do corpo sobravam-lhe nas mãos e nariz, ou como diziam os malignos, nas garras e no bico. Tudo o mais era miniatura.

O visconde da Aljuba começára a sua vida mercantil na escola, onde exercia o mistér de belchior. Livros, lapis, roupa, tudo elle comprava por bagatela aos meninos, em principio como agente de um negociante de cacarecos da esquina, e depois por conta propria.

Quando o deram por prompto na escripta e ta-boada, arranjou elle uma espelunca, chamada casa de penhor, onde emprestava dinheiro, especialmente aos pretos quitandeiros. Á pouco e pouco elevou-se a clientela, até que pôde fechar em sua carteira as primeiras firmas da praça do Rio de Janeiro.

Foi então que, de repente, appareceu o Camacho transformado em visconde, sem que ninguém podesse atinar com o meio por que obtivera, logo de sopetão, aquelle titulo, quando o costume era começar por barão. Diziam uns que fora comprado, outros que lh'o tinham dado.

— Nem dado, nem comprado ! acodia o Soares em tom de pilheria. O velhaco do Camacho empalmou o aljube, que lhe tinham dado de penhor, e fez-se visconde. Com todo o direito ! Não resta duvida.

Os ouvintes riam ; e o visconde, imperturbavel, mettia as mãos nos bolsos e repetia com certo sonsonete que lhe era proprio, um dito muito conhecido :

— A alma do negocio é o segredo.

Os amigos mais intimos do Soares, sobretudo o barão do Sahy, por vezes lhe tinham feito observações á respeito da privança á que elle admittia o visconde, cuja reputação dava para um excellente heróe do romance galeote, actualmente na moda.

Mas o Soares, que lhe sabia as aneddotas, galhofava.

— E' preciso lidar com essa gente, para aprender-lhe as manhas, senão corre-se o risco de ser-se enganado, á cada instante. E quem as conhece melhor, do que o bicho ?

Por isso o Soares, que era um gaiato de conta, á toda a hora, no jogo ou em negocio, chamava o visconde de — *meu mestre* ; com o que este se lisonjeava, pois tinha para si que não era pequena gloria dar lições de velhacaria a um espectralhão daquelle tope.

O ultimo dos parceiros, que ficava fronteiro ao commendador, mostrava uma figura respeitavel. Poucas physionomias possuem aquella sisudez, tocada por uma expressão de mansuetude, exalação, ou effluvio d'alma, á ameigar as asperezas de uma consciencia rigida e austera.

Nada mais enganador porém do que esse prospecto de homem importante, conhecido por Conselheiro Barros. Dentro o que havia era um desses entes ambiguos, destinados á viver em perpetua irresolução, almas bonachas e inertes, á quem a natureza deu em vez de cabeça um cabo, em lugar de coração uma azelha, para serem empu-

nhados por outrem ; sem o que não se movem, nem se abalam.

Em casa, o Barros era manejado pela mulher: si ella não tinha de vespera á noite apartado sobre um cabide a roupa necessaria para o dia seguinte; elle não se vestia, e era capaz de ficar até meio-dia de chambre, e chinelas, como já lhe acontecêra. Nunca sabia quando tinha fome, e seria escusado perguntarem-lhe: era D. Guilhermina quem lhe regulava o appetite, o somno, e até a molestia. Uma occasião, ardendo elle em febre, a mulher o persuadiu de que estava perfeitamente bom; levou-o á um passeio em que apanharam sol e chuva. Á noite, quando se recolheram, o homem nada sentia.

Fõra de casa, não sahindo com elle, entregava-o a mulher á um lacaio de confiança, que o levava á visitas e negocios indicados no rol; ou o conduzia direito ao escriptorio, onde tomava conta delle o seu joven socio, e «supplente no mercantil e domestico», segundo o maligno visconde da Aljuba.

Filho do consignatario, onde se arrumára em

rapaz João Barbalho, quando deu de mão ao officio de tocador de tropas ; herdára o Barros bom patrimonio, o qual se lhe multiplicava na burra, sem que elle se apercebesse do como isso se fazia. Quando o socio no fim do anno lhe attestava com o balanço os grandes lucros da casa, não se imagina o pasmo em que ficava por muitos dias.

Chegado o tempo de entrar para a roda dos figurões, lembrança que bem se vê não partiu d'elle, mas da mulher, e entabolada a negociação, tratou-se da escolha do titulo. D. Guilhermina tinha paixão pelo de condessa, e achava que uma corôa de tres castellos ia ás maravilhas com as tranças opulentas de seus cabellos negros.

Desta vez porém o marido quiz ter voto, e ser homem. Preferiu o titulo de conselheiro ; e turrou de modo que não hõuve meios de arráncal-o d'ahi. Nem a mulher, nem o socio, nem mesmo o Soares, que era um oraculo para elle, o demoveram do seu proposito. Essas almas de gelatina têm isso de particular ; que em se inteiriçando, tornam-se



Foi o unico momento, em que esse homem, habituado desde a sua vinda ao mundo a ser qualquer, foi eu. Toda a energia que devia ter despendido á pequenas doses durante quarenta annos, accumulou-a para empregal-a de um só jacto. Debalde tentaram persuadil-o que podia ser conselheiro e conde ao mesmo tempo, comtanto que pagasse em proporção. Na paga, não havia duvida de sua parte; mas a pratica do mundo lhe ensinára que o conde mata o conselheiro; e si elle cahisse em afidalgar-se, ninguem o trataria jamais por « conselheiro Bastos », que era a sua grande ambição.

A maior concessão, a que chegou, foi consentir que a mulher se fizesse condessa, ella só, ficando elle conselheiro. Neste sentido, á instancias de D. Guilhermina, deram-se os passos necessarios; mas o governo, depois de ouvir os mestres da lei, decidiu que uma condessa só pode ser mulher de um conde.

Resignou-se pois D. Guilhermina, com o maior pezar, ao seu nome de baptismo; mas não perdeu de todo a esperança. Consta que appellou para a emancipação das mulheres, idéa de que era ardente

sectaria, e com razão, porque de seu casal foi ella sempre sem contestação o cabeça.

Já agora aproveitemos a occasião para completar o quadro, com alguns traços biographicos do Soares.

Era elle paulista; e dos quatro o mais moço, e mais rico elle só do que todos os outros juntos. Viera ao Rio de Janeiro pela primeira vez, aos onze annos de idade, tocando uma porcada, que trazia ao mercado seu tio, velho roceiro de Lorena.

Naquelle tempo as porcadas percorriam as ruas, como ainda hoje os bandos de perús. Estando parados em uma rua, enquanto o velho comprava chita, um moleque á surrella introduzio no ouvido de um leitão uma bicha. Ao estalo do foguete, espirrou o bacorinho, e eil-o á correr espavorido. O rapazinho barafustou atraz, para atalhar-lhe a corrida.

Mas corrida foi aquella que o metten por um laberintho de ruas, onde á cabo de uma hora achou-se ás tontas, sem novas do bacorinho, nem do tio. Quanto mais procurava orientar-se

mais se atrapalhava ; e todo o resto do dia levou á quebrar esquinas, até que exausto de fome e de cansaço, acocorou-se no vão de uma porta, á engulir as lagrimas que lhe queriam saltar aos bugalhos.

Passava um menino de volta do collegio, acompanhado de seu pagem, que sentindo lhe puxarem pelo jaquéo, voltou-se e viu o lapuzinho, de mãos postas a implora-lo.

— Que tem você ? perguntou-lhe com pena.

— Me perdi !

O menino era o Barros, filho do consignatario, onde já estava de caixeiro João Barbalho. Levou o caipirinha para a casa ; e a familia compadecida o agasalhou, mandando em busca do velho roceiro, qué não foi possível encontrar apesar de todas as pesquisas. Resolvido á encarrear o rapazito, o consignatario o arranjou de caixeiro em casa de um cambista ; e ali começou elle a carreira que devia leval-o ao apogeu da riqueza.

De genio franco e jovial, tinha Soares uma fonte perenne de alegria, com que orvalhava as agruras da vida ; mas atravez dos risos e

pilherias, seu espirito prompto e seguro trabalhava com a inflexibilidade da mola de aço que move as figuras de um realejo.

Suas melhores operações, combinava-as no meio de um jantar ou de uma partida de jogo; e executava-as á galhofar. Brincava com seus milhões, como um menino com seus trebelhos.

Sendo de todos o mais rico, era para notar-se que fosse o menos graduado. A commenda era uma historia, e vale a pena de saber-se.

Quando a riqueza de Soares tornou-se solida e incontestavel, até para os invejosos, começaram á chamal-o de commendador, e por mais que o millionario mettesse a cousa á ridiculo, defendendo-se contra a honraria, por tal modo vulgarisou-se o tratamento, que não houve meio de resistir-lhe. O publico soberano entendeu que um homem tão recheiado de ouro não podia existir sem que fosse ao menos commendador, como qualquer troca-tintas.

— Ora pois ! dizia o Soares. Eis-me commendador por unanime acclamação dos povos. Mas ha de ser da ordem do bacorinho !

Essa referencia á humildade de sua origem, elle a fazia frequentemente ; e percebia-se que tinha sua vaidade em ter subido de tão baixo áquella summidade financeira. Custava-lhe á comprehender o vexame do barão de Sahy, quando alludiam ao começo de sua carreira ; e por isso estava sempre á apoquentar o amigo chamando-o de barão do lote, com o que este se resmoia.

Ficou pois o Soares commendador, por uso e cortezia, como tanta gente boa ; e ninguem havia nesta côrte imperial que não o acreditasse inscripto no grande livro das ordens ; no que de todo não erravam, pois era elle terceiro de S. Francisco de Paula. Mas este Santo não consta que fosse cavalleiro ; e palmilhava como qualquer plebeu sem esporas, nem prosapias.

Em cartas, sobretudo nas de empenho, em listas de accionistas de banco, chapas de directores, e gazetilhas, lá vinha estampado o infallivel « commendador » ; que adherira ao nome do Soares, como um desses alcunhas implacaveis que perseguem certos individuos toda vida, e afinal collam-se á geração, criam raizes e transmittem-se á toda a

descendencia. O publico é um tyranno, e bem  
gaiato às vezes.

É bem possivel pois que á imitação das mais  
já o tratasse eu de commendador e continue a  
fazê-lo.

---

### XIII

A partida estava empenhada. O Barros fizera a vasa ; cabia-lhe a mão.

— Quem joga ? perguntou Soares.

— É o conselheiro ! respondeu o barão.

— Então podemos ir jantar. Temos tempo, e ainda chegaremos cedo.

De feito o Barros, na fôrma do costume, esperava que o concilio dos sujeitos que o estavam aperuando decidisse a grande questão da melhor carta á jogar.

— O homem quer abarrotar-nos ? observou o visconde. Está pensando.

— Anda, *conselheiro*, instou o Soares; si pensas tanto ficas em branco para outra vez.

O banqueiro queria bem do fundo d'alma ao filho de seu fallecido bemfeitor ; e por elle fariã todos os sacrificios. Mas a veia sarcástica, que ao proprio dono não poupava, às vezes sem o elle querer, beliscava o inoffensivo e paxorrento amigo. Nunca o Soares pudera tomar ao serio o titulo de conselheiro do Barros; e por isso inventára aquelle termo mais apropriado, pela etymologia identica à de cabelleireiro.

Impassivel como sempre, o Barros nem se resentiu, nem se apressou.

Foi nessa occasião que aproximou-se o Guimaraens, acompanhado de Ricardo e Fabio, á quem fôra receber na entrada :

— Sr. commendador, tenho o prazer de apresentar-lhe os meus amigos, os Srs. Dr. Nunes e Dr. Araujo !

— Tenho muito prazer em conhecê-los ! Esta casa está sempre ao seu dispôr ; quando queiram. Nada de ceremonias. Estamos em familia !

Estas palavras, Soares as proferiu soerguen-



do-se da cadeira, no tom de cortezia e amabilidade corriqueira, de que na sua qualidade de millionario era obrigado á fazer gasto frequente com a turba de parasitas e gauderios, que assaltam as casas ricas.

Depois do usual aperto de mão, voltava á partida de que fôra um instante distrahido; e já esquecêra os novos hospedes, em cujas feições nem reparára ; quando sentiu no hombro o doce toque da mão de Guida :

— Papai, é o Dr. Nunes que esta manhã encontramos no passeio.

— Ah ! exclamou o millionario erguendo-se e abandonando a mesa do jogo.

Notára Guida de parte a desagradavel impressão que deixára na physionomia de Ricardo aquelle acolhimento de carregação que lhe fizera o banqueiro ; e por isso indirectamente advertira o pai de que tratava-se de um hospede especial, e não de um intromettido.

— Eu é que devia primeiro visita-lo, doutor, para agradecer-lhe seus obsequios ; mas os velhos merecem desculpa dessas faltas, não é assim ?

— Quando as ha ; mas neste caso, só vejo uma extrema fineza da sua parte, Sr. commendador.

— Perdão ! Não tenho commenda de qualidade alguma ; é uma intriga de certa gente. Não faça caso. Chame-me Soares, sem mais.

— Queira desculpar ; acudiu Ricardo. Eu não sabia, Sr. Soares.

— Sem duvida ; nem vale a pena fallar mais nisso. Quero apresenta-lo á minha mulher. Onde está tua mãe, Guida ?

— Na sala.

Apresentando Ricardo á D. Paulina, o Soares deixou-o em companhia das senhoras.

— Desceu muito depressa a Pedra Bonita ? disse Guida ao advogado. Nós voltámos logo depois e já não o avistámos.

— Estavam á minha espera.

— E o seu cavallo é muito bom !

— Está acostumado aos morros. É um bonito passeio o da Pedra Bonita ; não o tinha feitó ainda.

— Que pena ! Não chegarmos até acima ? disse D. Clarinha.

— Iremos outra vez ! acudiu Guida.

— Depois que o encontrámos, o senhor não faz idéa, Guida ficou impaciente por voltar ! disse a sonsa da Clarinha.

— O sol estava muito quente ! observou Ricardo.

— Não foi por isso ; o passeio tinha perdido a graça para mim : respondeu a altiva menina com serena candidez.

Fabio conversava com D. Paulina, que ria-se dos seus gracejos. Guida, que se afastára do grupo das senhoras para sentar-se perto da mãe, tomou parte na conversa ; e á hora do jantar estavam, ella e Fabio, muito camaradas um do outro.

Na occasião de passarem á sala da comida, Fabio aproximando-se de Ricardo disse-lhe rapidamente ao ouvido :

— Então ainda achas que fiz mal ?

Ricardo encolheu os hombros. Fabio o tinha resolvido contra vontade a acceitar o convite do Soares. Para isso foi necessario affiançar-lhe que dera sua palavra de honra á Guimaraens ; e o fizera para esmagar a calumnia de que elle se tornara echo.

Era Ricardo dos homens para quem não ha bagatelas em materia de probidade. Desde que exigiam d'elle um sacrificio em nome dos escrupulos de consciencia, e do respeito á palavra de honra, era certo obtê-lo ainda que se tratasse de uma ninharia. Assim exprobrando á Fabio de se haver compromettido sem o consultar, e quando já conhecia sua repugnancia ; se resignou á humilhação de que bem desejava poupar-se.

O primeiro acolhimento de Soares foi como uma nomeação que elle recebesse, ali ante toda gente, de *parasita da casa*. O sentido daquellas palavras confeitas em amabilidade, á guisa de filhoses de algodão, elle bem o comprehendeu. « Entra ; eu te admitto no rol dos gauderios desta casa ; come, diverte-te, intriga ; arranja teus negocios ; caloteia os meus amigos ; namora nossas filhas ; desfructame por todos modos. Dou-te licença para tudo, até para fallares mal de mim ; com tanto que mobilhes minha casa com descencia. Tenho grandes salas, ricos tapetes, cadeiras de estufo, soberbos jantares ; mas preciso de gente de casaca, para encher estas salas, pisar esses ta-

petes, sentar-se nessas cadeiras, e comer estes jantares. »

Á Ricardo não surprehendeu a recepção ; elle a esperava. Todavia incommodou-o tanto a realidade que decidiu eclipsar-se no meio da confusão ; e retirar-se antes do jantar, sem prevenir Fabio.

Demoveu-o desse intento a distincção com que logo depois o tratou o Soares e a familia. As prevenções que trazia, si de todo não se dissiparam, ao menos emmudeceram, diante do character franco do banqueiro, da singeleza ingenua de D. Paulina, e da natural e graciosa isenção de Guida, que parecia flôr exotica naquelle aureo clima do milhão.

Sentiu que deixára de ser um numero de rol, um anonymo perdido na turba ; e por conseguinte não tinha já o direito de se escapar, sem dar satisfação. A delicadeza, e tambem o assomo ainda vago d'um desejo á espontar, exigiam que assistisse ao banquete do Soares.

— Chamam-nos para jantar ! disse o dono da casa convidando com um gesto seus hospedes á passarem ao salão.

Á Ricardo estava destinado um logar á direita de D. Paulina ; quanto á Fabio, como não se lembravam delle, e pela simples razão de já haver tomado conta da casa, á igual de conhecido velho, foi collocando-se ao lado de D. Guilhermina, que mostrava-se encantada com a labia scintillante e espirituosa do bacharel.

— Doutor Nunes, cuide de si ! disse o Soares logo depois de tomada a sopa. Sinão minha mulher deixa-o com fome.

— Fico prevenido ! respondeu Ricardo sorrindo.

— Está sempre á brincar ! observou D. Paulina, respondendo ao sorriso do moço.

— Como quer começar ? Á franceza pelo peixe, ou cá á nossa moda brasileira pelo cozido ? tornou o dono da casa.

— Já estou servido.

Um criado acabava de trazer o prato de peixe, que lhe servira a Guida fazendo como de costume as honras da casa.

No correr do jantar conversando com D. Paulina, Ricardo sentia um prazer intimo, como que

um aroma das rosas guardadas no seio d'alma. Era que o aspecto sereno da senhora ; a effusão de bondade que ressumbrava de toda a sua pessoa ; e especialmente as maneiras tão lhanas ; lhe estavam retratando na imaginação o aspecto veneravel de sua mãe, e mostrando-a tal como havia de ser, si a fortuna a collocasse no pinnaculo da riqueza.

A's vezes, Guida sentada á cabeceira e attenta á seus deveres de dona de casa, que ella exercia com eximio tacto, intervinha com alguma observação na conversa de D. Paulina ; e Ricardo recordava-se de Bella, tão linda como a filha do banqueiro, embora lhe faltasse o garbo que dava ao talhe da ultima supremo realce.

Fallando a mãe dos varios sitios da Tijuca, a moça disse para Ricardo :

— Domingo, havemos de ir á Vista Chinezã !

— Com muito prazer.

— É um passeio agradável ! observou D. Paulina.

— A vista é soberba ; mas como passeio, a Barra.

— E tem razão ; é mais pittoresco ! replicou Ricardo.

— Porque então não convidaste antes o Sr. Dr. Nunes para ir á Barra?

— Porque?... repetiu Guida á sorrir. O caminho do Jardim é melhor para galopar.

— Travessa! disse D. Paulina com bondade.

— Gosta muito de andar á cavallo? perguntou o advogado.

— Muito! É minha paixão!...

Ao exiguo visconde, sumido atraz do enorme Perú, não escapavam as varias impressões que se manifestavam na physionomia do banquete, sob o ruido da conversa banal travada de uma á outra ponta da mesa, e acompanhada do tinir dos crystaes e rangir dos talheres.

«O prato é o homem»; traducção livre do axioma de Brillhat Savarin: «*Dis moi ce que tu manges, je te dirai ce que tu es.*» Deante do visconde erguia-se um coculo de iguarias; mas era um cumulo usurario e avarento; compunha-se de uma nica de cada cousa. Servia-se do primeiro ao ultimo dos acepipes; mas só tirava o juro; uns magros 3%.



Com dois daquelles pratos encyclopedicos, estava jantado.

Nesse momento comia elle rapidamente, resmoendo com um dos taes bocados esta palavra, que lhe estava á fazer cocegas nos labios :

— Que algebra !... Que algebra !...

Na linguagem peculiar do visconde *algebra* significava uma dessas operações intrincadas de juro accumulados e multiplos, inseridos em clausulas aleatorias e onzeneiras, que fulminam o misero cahido nas garras de um capitalista mi-trado.

Notára o modo attencioso com que o Soares, depois da subtil advertencia da filha, tratára á Ricardo; tambem a fineza de o collocarem á direita de D. Paulina ; e por ultimo o gesto serio e meigo com que lhe fallava a Guida, para os outros sempre desdenhosa com o remoque á frisar-lhe o labio.

Lobrigou nesse concurso de circumstancias um plano de casamento, que bem conduzido podia ao cabo de um anno tornar Ricardo o feliz possuidor de um dote millionario, com o accessorio de uma galante pequena.

E o capitalista que houvesse fornecido ao noivo em projecto os fundos necessarios para sustentar a posição, poderia retirar da operação um lucro prodigioso.

No meio deste monologo que reproduzimos sem o sainete de seu estylo financeiro, o visconde começou á calcular, como se fossem algarismos os grãos de ervilha que espetava no garfo :

— Vamos a ver : 500\$ por mez, para o patife lordear por ahi e metter n'um chinello a rapaziada da rua do Ouvidor ; em um anno, temos 6:000\$, dois annos que digamos, 12:000\$. Para o alfaiate, charutòs, carro e o diabo, ponhamos 8:000\$, sem fallar dos calotes que elle ha de pregar á grande. Ahi temos 20:000\$. Com um juro magro, de 3 %, accumulado de mez em mez ; vae ficar-me o tal boneco um tanto salgadetè. Mas póde render uns duzentos conteclos...

Nesse ponto o visconde foi interrompido por um incidente.

O Dr. Nogueira observára o enlevo de D. Guilhermina á escutar os floreios que Fabio murmuravalle á meio tom ; derreandò-se no encosto da ca-

deira, passou por fóra da mesa ao Bastos, collocado tres logares mais longe, uma observação maliciosa.

O Guimaraens que de passagem apanhára o dito, percebendo pelo riso do Bastos que havia espirito, assentou de aproveitá-lo.

— Meus senhores, uma novidade !

— O que ?

— A firma Barros e C. vai admittir um socio de industria ; gritou repetindo textualmente o dito do Nogueira.

Felizmente poucos lhe davam attenção ; mas nestes o pasmo foi geral. Percebendo pelo espanto quanto era crespa a graça, o Guimaraens tratou logo de tirar de si a responsabilidade.

— Foi o Dr. Nogueira que disse !

— Não costumo fallar por *procurador*, meu caro ! acudiu o candidato carregando na palavra.

O Guimaraens, que se envergonhava da profissão do pai, amoitou-se, remexendo-se na cadeira.



## ERRATA

PAGINA	LINHA	ERRO	EMENDA
VIII	20	<i>lata sententia</i>	<i>latæ sententiæ</i>
25	3	Yess	Yes
28	20	Troushy	Trowshy
42	4	icardo	Ricardo
43	6	zinhabre	azinhavre
101	8	<i>higlandes</i>	<i>highlanders</i>
105	16	pode	poude
114	3	<i>obrigado</i>	<i>obrigada</i>
147	22	limpeza	limpidez
160	13	alliança	de alliança



## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).